

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“ JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Juliane de Cássia Garla

O ensino da escrita no último ano da Educação Infantil: práticas convertidas ao traçado das letras excludentes à noção de símbolo.

**Bauru
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“ JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Juliane de Cássia Garla

O ensino da escrita no último ano da Educação Infantil: práticas convertidas ao traçado das letras excludentes à noção de símbolo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências-UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosa Maria Manzoni.

**Bauru
2016**

Garla, Juliane de Cássia.

O ensino da escrita no último ano da Educação Infantil: práticas convertidas ao traçado das letras excludentes à noção de símbolo / Juliane de Cássia Garla, 2016
127 f.

Orientadora: Rosa Maria Manzoni

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016

1.Educação Infantil 2.Desenvolvimento do simbolismo na criança 3. Escrita de "dentro para fora". I.Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Juliane de Cássia Garla

O ensino da escrita no último ano da Educação Infantil: práticas convertidas ao traçado das letras excludentes à noção de símbolo.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências- UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profª Drª Rosa Maria Manzoni.

Banca examinadora:

Profª Drª Rosa Maria Manzoni.

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Profª Drª Bruna Carvalho

Faculdade de Ciências – UNESP – Araraquara

Profª Drª Gislaine Rossler Rodrigues Gobbo

Faculdade de Ciências – UNESP – Marília

**Bauru
2016**

Dedico esse trabalho em memória do meu paizão de coração, meu amado tio Eduardo, que sempre me incentivou a estudar, e por estar comigo em momentos essenciais da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de estudar na Unesp, pela proteção e por nunca me abandonar nos momentos de desespero.

Agradeço também a minha orientadora, Prof.^a Rosa Maria Manzoni pela paciência e dedicação para comigo, pela orientação e pela grande contribuição de suas aulas na escolha do tema deste trabalho.

A minha mãe, Sônia, a figura fundamental da minha vida, por todo seu esforço, paciência, amor, carinho e, principalmente, por todas as lutas para que eu chegasse até aqui, na conclusão do curso de licenciatura e por sempre estar ao meu lado.

Ao meu namorado, Paulinho, pelo apoio e pela ajuda sempre que precisei.

Aos meus tios, Eduardo e Aparecida, pelo apoio de sempre, pelo cuidado, carinho, por toda a ajuda durante esse tempo e especialmente, pela hospedagem nas sextas-feiras à noite para aliviar o cansaço para assistir as aulas do sábado de manhã.

Aos meus queridos e amados amigos, Janaina de Almeida Lopes e Rodrigo Chechi Marineli, por suportarem meu estresse, pela ajuda, pelos conselhos, pelas grandes diversões, enfim, por tudo. A professora Thaís, pela aula de metodologia, que foi de grande ajuda durante a elaboração deste trabalho.

"Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas."

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

O tema aprendizagem da escrita na Educação Infantil tem conquistado espaço em trabalhos acadêmicos, os quais se ocupam em analisar e compreender como se dá esse processo em contextos de significado e não mais diante da aprendizagem mecânica das letras. Assim, neste trabalho, constitui-se como objetivo geral investigar se e como a prática de ensino de expressão oral e escrita no último ano da Educação Infantil promove o desenvolvimento do símbolo (signo) na criança, tão necessário à aprendizagem da escrita *de dentro para fora*. As perguntas que serviram de norte para a pesquisa foram as seguintes: O ensino da escrita, no último ano da Educação Infantil, está organizado para promover o desenvolvimento do símbolo (signo) na criança? Como e quais as notações gráficas feitas pelas crianças demarcam o estágio de desenvolvimento da sua escrita? Para sua realização, foi feita uma pesquisa bibliográfica, utilizando como suporte teórico a perspectiva da Psicologia sócio-histórica, especialmente autores como Vygotsky (1984), Luria (2001), Oliveira (1995) e Mello (2005). Além desta foi feita a pesquisa empírica, de abordagem qualitativa, segundo seu objetivo. Os dados foram coletados por seis instrumentos: observação sistemática e direta em sala de aula; gravação em áudio; registros em diário de campo, plano de ensino anual da escola; plano de aula semanal e material produzido pelas crianças, resultado das atividades de escrita. Por meio da análise desses dados, constatamos que a escrita tem sido trabalhada de fora para dentro, como uma imposição, prática que se opõe a teoria de Vygotsky, já que a escrita tem sido abordada de maneira mecânica, em contextos não significativos, com práticas voltadas ao traçado das letras e cópia de palavras, excludentes à noção de símbolo. Esse resultado aponta para a emergência de mudanças no ensino da escrita na Educação Infantil, sem as quais se torna inglória a busca por uma pedagogia da escrita consciente e como instrumento de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Aprendizagem da escrita. Símbolo. Educação Infantil. Psicologia Sócio-histórica.

ABSTRACT

The theme of the writing learning in childhood education has conquered space in academic works, which occupy in analyze and understand how this process in contexts of meaning and not more before the mechanics of learning letters. Thus, in this work, it constitutes general objective to investigate whether and how the practice of teaching of oral and written expression in the last year of child education promotes the development of the symbol (sign) in children, so necessary to the learning of writing from inside to outside. The questions that served as the North for the study were the following: the teaching of writing, in the last year of child education, is organized to promote the development of the symbol (sign) in children? Which and how the ratings graphics made by children demarcate the stage of development of their writing? For its implementation, a bibliographic research was performed, using as a theoretical support for the prospect of Psychology socio-historical, especially authors as Vygotsky (1984), Luria (2001), Oliveira (1995) and Mello (2005). In addition to this was performed the empirical research of qualitative approach, according to his purpose. The data were collected by six instruments: systematic observation and direct in the classroom; audio-recording; records in a field diary, annual teaching plan of the school; lesson plan weekly and material produced by children, result of write activities. By means of the analysis of these data, we note that the writing has been worked from outside to inside, as an imposition, practice that opposes the theory of Vygotsky, already that the writing has been tackled in a way mechanical, in contexts not significant, with focused practices to the trace of the letters and copy of words, exclusive to the notion of symbol. This result points to the emergence of changes in education of writing in childhood education, without which becomes inglorious the search for a pedagogy of writing aware and as an instrument of human development.

Keywords: Learning of writing. Symbol. Child Education. Psychology socio-historical.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. A pré-história da escrita e o desenvolvimento do simbolismo na criança: condição para o ensino da escrita “de dentro para fora	13
2. Metodologia da pesquisa: percursos percorridos	32
3. Análise e interpretação dos dados	35
3.1 Análise do Plano de Ensino	35
3.2 Análise do plano de aula	37
3.3 Análise dos episódios de ensino	38
3.4 Síntese da análise dos dados	65
4. Considerações finais	67
Referências	69
Apêndice 1	70
Apêndice 2	71
Anexo 1	124
Anexo 2	126

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a discussão da necessária interrupção com o paradigma mecânico do ensino da escrita na Educação Infantil e se orienta na proposta de ensinar essa modalidade de linguagem “de dentro para fora”, na esteira de Vygotsky, desenvolvendo o simbolismo na criança como condição para essa aprendizagem.

No entanto, a linguagem escrita, no último ano da Educação Infantil, segundo Vygotsky, está sendo desenvolvida de maneira puramente mecânica. As atividades que envolvem esta linguagem direcionam-se basicamente na cópia de palavras e ao traçado das letras. Tal prática não se fundamenta nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças e, portanto, tem a escrita como um processo que vem de fora para dentro. A valorização deste tipo de atividade exclui a possibilidade de desenvolver consciente e formalmente a noção de símbolo, e o não desenvolvimento do simbolismo na criança impede-a que tenha padrões de comportamento intelectual mais elevado e raciocínio abstrato. Em outras palavras não permite o desenvolvimento máximo da formação da inteligência e atrasa comportamentos mais intelectualizados.

Diante de tal afirmação, esta pesquisa tem sua relevância social na medida em que pretende discutir a necessária interrupção com o paradigma mecânico do ensino da escrita e se orientar numa proposta de ensinar essa modalidade de linguagem de dentro para fora, na esteira de Vygotsky, desenvolvendo o simbolismo na criança como condição para essa aprendizagem. Assim esta pesquisa se justifica quando seu propósito é analisar e compreender como se dá o processo de aprendizagem da escrita, em contextos de significado e não mais diante da aprendizagem mecânica dos símbolos.

A pesquisa pretende responder aos seguintes questionamentos sobre o ensino da escrita na Educação Infantil: O ensino da escrita, no último ano da Educação Infantil, está organizado para promover o desenvolvimento do símbolo (signo) na criança? Como e quais as notações gráficas feitas pelas crianças demarcam o estágio de desenvolvimento da sua escrita?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar se e como a prática de ensino de expressão oral e escrita no último ano da Educação Infantil promove o desenvolvimento do símbolo (signo) na criança, tão necessário à aprendizagem da escrita *de dentro para fora*.

A fim de contribuir para atingir esse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) descrever as práticas pedagógicas de ensino da escrita na Educação Infantil e verificar se estas utilizam recursos auxiliares para o desenvolvimento do símbolo na criança; b) investigar o modo como a linguagem escrita é ensinada na Educação Infantil e se essa forma favorece o desenvolvimento do símbolo na criança, identificando os fatores que levam a esse desenvolvimento e demarcando o ponto crítico das atividades que promovem o surgimento do signo e c) identificar as notações gráficas utilizadas pelas crianças para escrever/representar a realidade e analisar se uma se transformam em outras mais próximas da escrita propriamente dita.

Para cumprir os objetivos da pesquisa, o trabalho foi estruturado em cinco partes. Na primeira, encontra-se a fundamentação teórica, na qual foram revisitados os seguintes autores: Vygotsky (1984), Luria (2001), Oliveira (1995) e Mello (2005), os quais refletem sobre os impactos da prática escolar no processo de aquisição da escrita. Na segunda, apresenta-se a metodologia utilizada, a qual descreve o local da coleta de dados, os instrumentos que foram utilizados e todo o procedimento feito nessa pesquisa. Na terceira parte está a análise dos dados coletados, separada por episódios de ensino; encontra-se também a análise do plano de ensino anual da escola e do plano de aula semanal da professora. Após a análise, na quarta parte, situam-se as considerações finais deste trabalho, respondendo a pergunta da pesquisa. No item seguinte, localizam-se os anexos referentes ao trabalho, como as imagens e o Plano de Ensino. E, por fim, as referências das literaturas utilizadas nesta pesquisa.

1. A PRÉ-HISTÓRIA DA ESCRITA E O DESENVOLVIMENTO DO SIMBOLISMO NA CRIANÇA: CONDIÇÕES PARA O ENSINO DA ESCRITA “DE DENTRO PARA FORA”.

Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, foi executado um levantamento de dados na base Athena da biblioteca Unesp de Bauru e na Dedalus, o Banco de Dados Bibliográficos da USP. Contudo, privilegiaram-se os seguintes autores: Vygotsky (1984); Luria (2001); Oliveira (1995) e Mello (2005), por estes refletirem sobre o processo de aprendizagem da linguagem escrita.

Para Vygotsky (1984, p. 20), a psicologia tem considerado a escrita apenas como uma complicada habilidade motora, dando pouca atenção à linguagem escrita como tal. Para esse autor, a escrita é um sistema particular de signos e símbolos cuja dominação precede um ponto crítico em todo o desenvolvimento cultural da criança.

Compreendendo a escrita como um sistema simbólico extremamente complexo, com papel fundamental no desenvolvimento cultural e psíquico do ser humano, sendo representada pela fala, e apresentando a realidade Vygotsky (1984, p. 120) afirma que:

[...] a escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Gradualmente, esse elo intermediário (a linguagem falada) desaparece e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente as entidades reais e as relações entre elas. Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; ao invés disso, esse domínio é o culminar na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas.

Desse modo, a escrita constitui um simbolismo de segunda ordem, que pouco a pouco, torna-se um simbolismo direto. Para tanto, é necessário fundamentar-se nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças, tendo a escrita como um processo que vem de dentro para fora. (VYGOTSKY, 1984, p. 120).

Corroborando o excerto acima, Vygotsky (1984, p.131) salienta que:

Enquanto símbolos de segunda ordem, os símbolos escritos funcionam como designações dos símbolos verbais. A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da

linguagem falada; no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário.

Segundo Vygotsky (1984, p.199): “ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal”.

Para tratar da linguagem escrita, Vygotsky (1984) considerou importante discutir a pré-história da escrita, que, de acordo com ele explica o desenvolvimento do simbolismo na criança. Segundo esse autor, a pré-história da escrita não é constituída por uma linha única direta, que mantenha uma continuidade clara de formas, mas sim por metamorfoses inesperadas, ou seja, transformações de algumas formas particulares de linguagem escrita em outras.

O desenvolvimento da escrita começa com o aparecimento do gesto como um signo visual para a criança, que de acordo com Vygotsky (1984, p.121): “[...] é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como uma semente contém um futuro carvalho. Como se tem corretamente dito, os gestos são a escrita no ar, e os signos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados”.

Segundo Vygotsky (1984, p. 121), existem outros dois domínios onde os gestos estão ligados à origem dos signos escritos, que são: o brinquedo e o desenho. O brinquedo torna-se uma atividade representativa simbólica quando se faz necessário ganhar significado e a função de signo, através do gesto da criança, que, de acordo com Vygotsky (1984, p.122), essa é a chave para toda função simbólica do brinquedo das crianças.

Sobre isso Vygotsky (1984, p.122), considera:

A segunda esfera de atividades que une os gestos e a linguagem escrita é a dos jogos das crianças. Para elas, alguns objetos podem, de pronto, denotar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos não importa o grau de similaridade entre a coisa com que se brinca e o objeto denotado. O mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar com eles, um gesto representativo.

Ainda, segundo Vygotsky (1984, p.123): “o próprio movimento da criança, seus próprios gestos, é que atribuem a função de signo ao objeto e lhe dão significado. Toda atividade representativa simbólica é plena desses gestos indicativos”.

Portanto, de acordo com o psicólogo russo (1984, p. 123):

O brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É somente na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado- assim como o desenho que, de início apoiado por gestos, transforma-se num signo independente.

O segundo domínio auxiliar ao desenvolvimento do simbolismo na escrita é o desenho. O desenho constitui a representação gráfica da criança, baseada em sua linguagem oral, esta já teve grande progresso e tornou-se habitual na criança. (VYGOTSKY, 1984, p. 126)

De acordo com Vygotsky (1984, p. 129):

[...] a linguagem falada permeia o desenho das crianças. Nesse processo, com frequência a criança tem de fazer descobertas originais ao inventar uma maneira apropriada de representação; também pudemos observar que esse processo é decisivo para o desenvolvimento da escrita e do desenho na criança.

O autor assegura que a criança, inicialmente, desenha de memória, ou seja, não desenha o que vê, mas sim o que conhece. Geralmente, os desenhos infantis não têm a ver com a percepção real do objeto, como também, muitas vezes, contradizem essa percepção.

Segundo Vygotsky (1984, p. 127):

As crianças não se preocupam muito com a representação; elas são muito mais simbolistas do que naturalistas e não estão, de maneira alguma, preocupadas com a similaridade completa e exata, contentando-se com indicações apenas superficiais.

Vygotsky (1984, p. 127) observa que isso ocorre, pois, nessa idade, a memória infantil não proporciona simples representações de imagens, sua principal característica é conter um certo grau de abstração. Para ele (1984, p. 131), “[...] o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças se dá, [...] pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras”. O autor (idem, p. 133) concluiu: “a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida”.

Luria (2001), por sua vez, aprofundou os estudos de Vygotsky e fez experiências com crianças que ainda não sabiam escrever para identificar o tipo de escrita; as notações gráficas que marcam o estágio da escrita; os fatores que levam

a transição de um estágio a outro imediatamente superior, demarcando o momento crítico desse desenvolvimento.

Para Luria (2001, p. 143):

[...] antes de atingir a idade escolar, a criança já aprendeu e assimilou um certo número de técnicas que prepara o caminho para a escrita, técnicas que a capacitam e que tornaram incomensuravelmente mais fácil aprender o conceito e a técnica da escrita.

As pesquisas de Luria (2001, p. 144) demonstram que a criança é capaz de desenvolver por si mesma técnicas primitivas, semelhantes ao que nomeamos de escrita, executando funções semelhantes, entretanto, estas são perdidas na escola no momento em que lhe é imposto um sistema de signos culturalmente elaborado, econômico e padronizado.

Segundo esse autor (2001, p. 144) a escrita é, portanto, um ato cultural, uma função psicológica que necessita de mediação. Em suas palavras (2001, p. 145):

O escrever pressupõe, portanto, a habilidade para usar alguma insinuação (por exemplo, uma linha, uma mancha, um ponto) como signo funcional auxiliar, sem qualquer sentido ou significado em si mesmo mas apenas como uma operação auxiliar.

A partir dessa proposição, tem-se que a escrita é uma técnica auxiliar, para fins psicológicos, e constitui o uso funcional de pontos, linhas e outros signos para transmitir ideias, conceitos e para recordar. Luria (2001, p. 146)

Nas pesquisas de Luria (2001, p. 148) com crianças de quatro, cinco anos de idade, o autor observou que elas eram totalmente incapazes de compreender suas instruções, isso porque crianças, dessa faixa etária, ainda eram incapazes de encarar a escrita como um instrumento ou meio.

Em um de seus experimentos, Luria (2001, p. 149) solicitou a uma criança de cinco anos de idade, que lembrasse e escrevesse uma sentença, imediatamente pegou o lápis e escreveu inúmeros rabiscos no papel. Quando o experimentador perguntou-lhe o que eram os rabiscos, ele disse, com muita confiança: “É assim que você escreve”.

Luria (2001, p.149) afirma:

O ato de escrever é, neste caso, apenas; extremamente associado à tarefa de anotar uma palavra específica; é puramente intuitivo. A criança só está interessada em “escrever como os adultos”; para ela o ato de escrever não é um meio para recordar, para representar algum significado, mas um ato suficiente em si mesmo, um brinquedo.

Na visão de Luria (2001, p. 160), a criança, neste ponto, não tem claro o objetivo imediato do escrever, as linhas são usadas de forma puramente externa, não há consciência de seu significado funcional como signos auxiliares. Luria (2001, p.150)

Luria (2001, p. 154) define essa fase da seguinte forma:

Total ausência de compreensão do mecanismo da escrita, uma relação puramente externa com ela e uma rápida mudança do “escrever” para uma simples brincadeira e que não mantém qualquer relação funcional com a escrita são características do primeiro estágio da pré-história da escrita na criança. Podemos chamar esta fase de pré-escrita ou, de forma mais ampla, de fase pré-instrumental.

Na interpretação de Luria (2001, p. 155) nesse estágio da escrita, a criança ainda não desempenha uma função mnemônica, ou seja, ela é incapaz de ligar seus desenhos as ideias transmitidas nas sentenças.

Num momento posterior da pesquisa, Luria (2001, p. 157) descreve:

A escrita ainda não era diferenciada em sua aparência externa, mas sua relação com a criança tinha mudado completamente: de uma atividade motora autocontida, ela se transformara em um signo auxiliar da memória. A criança começara a associar a sentença ditada com seu rabisco não-diferenciado, que começara a servir como função auxiliar de um signo.

Luria (2001, p. 157) observou, em algumas sessões, que a criança dispôs seus rabiscos em um padrão não correspondente a linhas retas. Assim, a criança passava por um processo de criação de auxílios técnicos da memória, semelhante à escrita dos povos primitivos. Para ele (2001, p. 158), “[...] esta é a primeira forma de escrita no sentido próprio da palavra. As inscrições reais ainda não são diferenciadas, mas a relação funcional com a escrita é inequívoca. Pelo fato da escrita não ser diferenciada, ela é variável” .

Ainda segundo Luria (2001, p. 158):

Este é o primeiro rudimento do que mais tarde se transformará na escrita, na criança; nele vemos, pela primeira vez, os elementos psicológicos de onde a escrita tirará a forma. A criança lembra-se agora do material, associando-o a uma marca específica, em vez de fazê-lo de forma puramente mecânica, e esta marca lhe permitirá lembrar uma sentença particular e auxiliará a relembra-la.

Para Luria (2001, p. 161):

Há dois caminhos pelos quais pode ocorrer a diferenciação do signo primário na criança. A criança pode tentar retratar o conteúdo dado,

sem ultrapassar os limites dos riscos imitativos, arbitrários, e por outro, pode sofrer a transição de uma forma de escrita que retrata o conteúdo para o registro de uma ideia, isto é, para os pictogramas. Os dois caminhos pressupõem algum salto que deve ser dado pela criança quando substitui o signo primário não-diferenciado por outro diferenciado.

Segundo Luria (2001, p. 163): “funcionalmente , a atividade gráfica é um sistema bastante complexo de comportamento cultural e, em termos de sua gênese, pode ser encarado como expressividade materializada em uma forma fixa”.

Subsequente a esta fase, Luria (2001, p. 162) afirma que a criança tem a tendência de anotar palavras ou frases curtas com linhas curtas e palavras ou frases longas com um grande número de rabiscos.

Outro ponto de influência para a distinção de notações gráficas e de conteúdo são os números e forma, pois, segundo Luria (2001, p. 164) estes podem levar a criança de uma fase não-diferenciada de atividade gráfica para um estágio de atividade gráfica diferenciada. De acordo com ele (idem),

Observamos que o número, ou a quantidade, foi talvez o primeiro fator a dissolver este caráter inexpressivo e puramente imitativo da atividade gráfica, na qual ideias e noções diferentes foram expressas por exatamente o mesmo tipo de linha e rabiscos.

O colaborador de Vygotsky (2001, p. 173) assina que a criança, ao atingir cinco, seis anos, está com o período de escrita por imagens plenamente desenvolvido, se não estiver claro e completamente desenvolvido nessa época é porque já cedeu lugar à escrita alfabética simbólica. Para ele (2001, p. 174):

A fase pictográfica do desenvolvimento da escrita baseia-se na rica experiência dos desenhos infantis, os quais, em si mesmos, não precisam desempenhar a função de signos mediadores em qualquer processo intelectual. Inicialmente o desenho é brincadeira, um processo autocontido de representação; em seguida, o ato completo pode ser usado como estratégia, um meio para registro. Mas pelo fato de a experiência direta do desenho ser tão rica, frequentemente deixamos de obter, da criança, a fase pictográfica da escrita em sua forma pura. O desenho como meio é muito frequentemente misturado ao desenho como processo autocontido e sem mediação.

Para Luria (2001, p. 180):

A escrita não desenvolve, de forma alguma, em uma linha reta, com um crescimento e um aperfeiçoamento contínuos. Como qualquer outra função psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas de escrita usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra.

Os experimentos de Luria (2001, p. 180) apontam que, durante o desenvolvimento da escrita, pode-se considerar uma melhoria gradual em seu processo, dentro de cada técnica, aprimorando a transição de uma técnica para outra.

De acordo com Luria (2001, p. 180):

A pré-história da escrita infantil descreve um caminho de gradual diferenciação dos símbolos usados. No começo, a criança relaciona-se com coisas escritas sem compreender o significado da escrita; no primeiro estágio, escrever não é um meio de registrar algum conteúdo específico, mas um processo autocontido, que envolve a imitação de uma atividade do adulto, mas que não possui, em si mesmo, significado funcional.

O autor (2001, p. 188) observa que a criança, inicialmente, assimila o conhecimento de forma externa, sem entender o sentido e o uso de marcas simbólicas, porém, quando havia condições restritas, a criança transformava para uma nova forma, mais complicada de escrita pictográfica, que fosse capaz de memorizar.

Segundo Luria (2001, p. 188), “o desenvolvimento ulterior da alfabetização envolve assimilação dos mecanismos da escrita simbólica culturalmente elaborada e o uso de expedientes simbólicos para exemplificar e apressar o ato de recordação”.

Luria (2001, p. 161) concluiu :

Nossos experimentos garantem a afirmação de que o desenvolvimento da escrita na criança prossegue ao longo de um caminho que podemos descrever como a transformação de um rabisco não-diferenciado para um signo diferenciado. Linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, e estas dão lugar a signos. Nesta sequência de acontecimentos está todo o caminho do desenvolvimento da escrita, tanto na história da civilização como no desenvolvimento da criança.

Luria (2001) estudou os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar, como condição para o desenvolvimento da criança e como base para a aquisição da escrita. De acordo com ele (2001, p.120): “[...] a brincadeira da criança não é instintiva, mas precisamente humana, atividade objetiva, que, por constituir a base da percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras”.

O autor (idem) acredita que, no período pré-escolar da vida de uma criança, o desenvolvimento da brincadeira é um processo secundário, dependente e

redundante, enquanto a moldagem da atividade-fim, que não é uma brincadeira, constitui a linha principal do desenvolvimento.

Assim, para Luria (2001, p. 120):

Durante o desenvolvimento ulterior, todavia, e precisamente na transição para o estágio relacionado com o período pré-escolar da infância, a relação entre a brincadeira e as atividades que satisfazem os motivos não-lúdicos torna-se diferente-eles trocam de lugar, por assim dizer. O brinquedo torna-se agora o tipo principal de atividade.

Segundo Luria (2001, p. 120), durante a transição do período anterior à pré-escola para a idade de pré-escola, há uma expansão da quantidade de objetos humanos, do qual o domínio desafia a criança com um problema, e do mundo do qual ela se torna consciente no decorrer de seu desenvolvimento físico subsequente. Ele (ibidem) afirma:

Para a criança, neste nível de desenvolvimento físico, não há ainda atividade teórica abstrata, e a consciência das coisas, por conseguinte, emerge nela, primeiramente, sob forma de ação. Uma criança que domina o mundo que a cerca é a criança que se esforça para agir neste mundo.

Luria (2001, p. 121) salienta ainda:

Durante este desenvolvimento da consciência do mundo objetivo, uma criança tenta, portanto, integrar uma relação ativa não apenas com as coisas diretamente acessíveis a ela, mas também com o mundo mais amplo, isto é, ela se esforça para agir como um adulto.

De acordo com Luria (2001, p. 121), os objetos humanos mostram-se para a criança de maneira extremamente ingênua, diretamente na forma da ação humana, e o próprio homem surge para ela como dominador das coisas que age nesse mundo objetivo. E o autor (idem) reforça:

Um aspecto realmente notável disso é que nos estágios iniciais do desenvolvimento de sua mente consciente, uma criança não faz um fetiche das coisas e não estabelece um contraste entre os dois mundos: o das propriedades abstratas e físicas das coisas e o das relações entre os homens e estas propriedades.

Para ele (2001, p. 122) o jogo é livre do aspecto obrigatório da ação dada, esta é determinada por suas condições atuais, ou seja, livres dos modos obrigatórios de operações e de agir.

Para Luria (idem), “Só no brinquedo as operações exigidas podem ser substituídas por outras e as condições do objeto podem ser substituídas por outras condições do objeto, com preservação do próprio conteúdo da ação”.

Assim Luria (2001, p. 122) diz:

O domínio de uma área mais ampla da realidade, por parte da criança- área esta que não é diretamente acessível a ela-só pode, portanto, ser obtido em um jogo. Por causa disso, o jogo adquire uma forma muito rara, qualitativamente diferente da forma do brinquedo que observamos na idade pré-escolar, e neste mais alto estágio do desenvolvimento mental da criança, o jogo agora torna-se verdadeiramente a principal atividade.

Luria (2001, p. 122) acrescenta que o papel dominante do brinquedo, na idade pré-escolar, é reconhecido praticamente por todos, porém, para dominar o processo do desenvolvimento psíquico da criança, neste estágio, é necessário compreender claramente em que consiste o papel capital das brincadeiras; as regras do jogo e de seu desenvolvimento precisam ser apresentadas. Ele (idem) afirma que “O desenvolvimento mental de uma criança é conscientemente regulado sobretudo pelo controle de sua relação precípua e dominante com a realidade, pelo controle de sua atividade principal”.

Sobre a ação em relação à brincadeira, Luria (2001, p. 126) esclarece que:

O conteúdo da brincadeira apresentado pela análise psicológica, aquilo que chamamos ação, é assim a ação real para a criança, que a tira da vida real. Assim sendo, ela não é nunca enquadrada arbitrariamente; ela não é fantástica. O que a distingue de uma ação que não constitui uma brincadeira é apenas sua motivação, i.e., a ação lúdica é psicologicamente independente de seu resultado objetivo, porque sua motivação não reside nesse resultado.

Luria (2001, p. 127) afirma:

Portanto, nas premissas psicológicas do jogo não há elementos fantásticos. Há uma ação real, uma operação real e imagens reais de objetos reais, mas a criança, apesar de tudo, age com a vara como se fosse um cavalo, isto indica que há algo imaginário no jogo como um todo, que é a situação imaginária. Em outras palavras, a estrutura da atividade lúdica é tal que ocasiona o surgimento de uma situação lúdica imaginária.

Assim, para o autor em referência (2001, p. 127), a ação no brinquedo não provém de situação imaginária, ao contrário, esta nasce da discrepância entre a operação e a ação, o que determina a ação são as condições desta que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela.

Segundo Luria (2001, p. 128), “Em uma ação produtiva normal, o significado e o sentido estão sempre ligados de uma certa maneira. Isso não ocorre nas ações do brinquedo”. Esse autor (2001, p. 128) afirma que:

A ruptura entre o sentido e o significado de um objeto no brinquedo não é dada antecipadamente, como um pré-requisito da brincadeira, mas surge realmente no próprio processo de brincar. Isto é demonstrado pelo fato indubitável, experimentalmente estabelecido, de que uma criança não imagina uma situação de brinquedo quando ela não está brincando.

Luria (2001, p. 129) acrescenta ainda “[...] a relação do sentido do brinquedo e do significado real das condições objetivas do jogo não permanece imutável durante os movimentos do processo do brinquedo, mas é dinâmico e móvel”. De acordo com ele (idem, p. 130), os brinquedos do período pré-escolar, as ações e operações da criança são sempre reais e sociais, nelas a criança assimila a realidade humana. Luria (2001, p. 130)

Ainda sobre os brinquedos, Luria (2001, p. 130) atesta que

O brinquedo não surge de uma fantasia artística, arbitrariamente construída no mundo imaginário da brincadeira infantil; a própria fantasia da criança é necessariamente engendrada pelo jogo, surgindo precisamente neste caminho, pelo qual a criança penetra a realidade. Precisamos destacar isso porque, embora o brinquedo e a fantasia estejam normalmente associados, eles se associam por relações recíprocas.

O autor (2001, p. 130) afirma ainda: “A significação cognitiva do brinquedo é esclarecida e acentuada em conexão com outro traço notável da atividade lúdica da criança, a saber, que esta atividade é sempre generalizada, i. e., ela é sempre uma atividade generalizada”.

Para Luria (2001, p.131):

Quando a criança está brincando, não imita nem mesmo suas próprias ações concretas; ela não dramatiza e não transmite nada especialmente característico de um certo sinal; tanto em suas ações lúdicas como em suas operações lúdicas separadas, ela reproduz o típico, o geral. Esta é a diferença qualitativa entre a reprodução no brinquedo e a dramatização real.

Assim, Luria (2001, p. 131) adverte que nem todo objeto pode representar qualquer papel na brincadeira, ou brinquedos desempenhar diferentes funções, dependendo de seu caráter, e participar diferentemente da estrutura do jogo. Para ele (2001, p.133), “ A unidade do papel do enredo e da regra do jogo expressa a unidade do conteúdo físico e social do brinquedo na fase pré-escolar, sobre qual já falei, preservada ao longo deste estágio”.

Todavia, esse autor (idem) esclarece que a unidade não permanece a mesma, ela se modifica durante o desenvolvimento da atividade lúdica da criança.

De acordo com Luria (2001, p. 135):

A lei geral do desenvolvimento das formas de brinquedo do período pré-escolar expressa-se na transição dos jogos com uma situação imaginária explícita e um papel explícito, mas com uma regra latente para um jogo, uma situação imaginária latente e um papel latente, mas uma regra explícita. Para conhecer a causa de seu desenvolvimento, temos de considerar a mudança no conteúdo da própria atividade lúdica da criança e revelar a dinâmica de sua motivação.

Para Luria (2001, p. 135):

Inicialmente, as primeiras ações lúdicas surgem com base na necessidade crescente da criança dominar o mundo dos objetos humanos. O motivo contido nesta ação está fixado em uma coisa, diretamente em seu conteúdo objetivo. A ação aqui é o caminho que leva a criança, antes de tudo, à descoberta da realidade objetiva; o humano ainda surge para a criança em sua forma objetiva.

Segundo o autor em referência (2001, p. 138), o desenvolvimento do jogo com regras apresenta uma diferenciação e uma consciência cada vez maior do objetivo da brincadeira.

De acordo com Luria (2001, p. 140):

Os jogos genuinamente didáticos nada mais são que um certo número de operações preparatórias envolvidas no objetivo do brinquedo. Por conseguinte, eles só se tornam possíveis pela primeira vez quando surgem, em geral, os jogos com objetivos. São jogos que treinam o desenvolvimento das operações cognitivas necessárias na atividade escolar subsequente da criança, mas não permitem a passagem direta para esse tipo de atividade.

Assim, Luria (2001, p. 140) conclui: “A aprendizagem não surge, de modo algum diretamente da brincadeira; o surgimento desse tipo de atividade é determinado por todo o desenvolvimento psíquico anterior da criança”.

Oliveira (1995), a partir das obras de Vygotsky, procurou compreender a função dos signos diante do processo de aquisição da escrita. Para ela (1995, p. 30) os signos são elementos que representam ou expressam outros objetos, situações, ou seja, são ferramentas auxiliaadoras dos processos psicológicos e não de ações concretas. Nas palavras da autora, (1995, p. 30), “Na sua forma mais elementar o signo é uma marca externa, que auxilia o homem em tarefas que exigem memória ou atenção. [...] “A memória mediada por signos é, pois, mais poderosa que a memória não mediada”.

Oliveira (1995, p. 31) acredita que a mediação por diversos tipos de signos, favorece o controle de ação psicológica e as possibilidades de armazenamento de informações. Ela (idem, p. 34) diz que

[..] A utilização de marcas externas vai se transformar em processos internos de mediação; esse mecanismo é chamado por Vygotsky, de processo de internalização. Por outro lado, são desenvolvidos sistemas simbólicos, que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas.

Oliveira (1995, p. 35) explicita que, durante o desenvolvimento, o ser humano deixa de precisar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, ou seja, representações mentais substituem os objetos do mundo real. Os signos internalizados são, como as marcas exteriores, elementos que representam objetos, eventos, situações. Então a autora (1995, p. 35) afirma:

Essa capacidade de lidar com representações que substituem o próprio real é que possibilita ao homem libertar-se do espaço e do tempo presentes, fazer relações mentais na ausência das próprias coisas, imaginar, fazer planos e ter intenções.

Segundo Oliveira (1995, p. 36), as formas pelas quais o indivíduo percebe e organiza o real constituem os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e mundo, são influências do grupo cultural no qual está inserido. Para ela (1995, p. 37): “ [...] os grupos culturais em que as crianças nascem e se desenvolvem funcionam no sentido de produzir adultos que operam psicologicamente de uma maneira particular, de acordo com os modos culturalmente construídos de ordenar o real”.

Ainda, de acordo com Oliveira (1995, p. 37):

É a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização do real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signos, o qual consistirá numa espécie de “código” para decifração do mundo.

Segundo Oliveira (1995, p. 68), Vygotsky apresenta uma abordagem genética da escrita, preocupando-se com o processo de sua aquisição, a qual inicia-se muito antes da entrada da criança na escola e se estende por muitos anos. Essa autora (1995, p. 68) explica que:

Como a escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. A principal condição necessária para que uma criança seja capaz de

compreender adequadamente o funcionamento da língua escrita é que ela descubra que a língua escrita é um sistema de signos que não têm significado em si. Os signos representam outra realidade; isto é, o que se escreve tem uma função instrumental, funciona como um suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos.

Sobre os estágios da pré-história da escrita e suas relações com a aquisição da escrita, Oliveira (1995, p. 72) ressalta que:

[..] como a aquisição da língua escrita é, para Vygotsky, a aquisição de um sistema simbólico de representação da realidade, também contribuem para esse processo o desenvolvimento dos gestos, dos desenhos e do brinquedo simbólico, pois essas são também atividades de caráter representativo, isto é, utilizam-se de signos para representar significados.”[...] desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças.

Quanto às experiências realizadas por Luria, Oliveira (1995, p. 69) destaca que:

As crianças inicialmente imitavam o formato da escrita do adulto, produzindo apenas rabiscos mecânicos, sem nenhuma função instrumental, isto é, nenhuma relação com os conteúdos a serem representados. Obviamente, esse tipo de grafismo não ajudava a criança em seu processo de memorização. Ela não era capaz de utilizar sua produção escrita como suporte para a recuperação da informação a ser lembrada.

Ainda sobre essas experiências, Oliveira (1995, p.71) conclui:

Para a criança que vive numa cultura letrada, e será submetida a processos de alfabetização, o próximo passo envolve a assimilação dos mecanismos de escrita simbólica culturalmente disponíveis, isto é, o aprendizado da língua escrita propriamente dita.

Oliveira (1995, p. 72) finaliza sua fala sobre o desenvolvimento da linguagem escrita segundo a perspectiva de Vygotsky da seguinte forma:

Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos, até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras.

Mello (2005), a partir dos estudos de Vygotsky e seus colaboradores, refletiu sobre como é trabalhado o processo de aquisição da escrita nas escolas de Educação Infantil, diante dos novos conhecimentos que se tem hoje, buscando a atualização dos equívocos decorrentes nessa prática, para, assim, conquistar a

formação e o desenvolvimento máximo da inteligência e da personalidade das crianças.

De acordo com Mello (2005, p.22), as situações de aprendizagem envolvem atividades simples como o desenho, a pintura, a dança, a poesia, a modelagem, a construção, a brincadeira do faz-de-conta e a própria fala. É por meio dessas atividades que a criança apropria-se do signo, conseguindo, posteriormente, dar sentido a sua escrita.

Segundo Mello (idem), o ambiente escolar apresenta alguns equívocos na prática de ensino da escrita. Um deles é acreditar que as atividades de expressão são improdutivas, porém, são essenciais para a formação da personalidade, da inteligência e da identidade da criança, além de constituírem as bases para a aprendizagem da escrita. Para ela, entre os princípios de educação infantil, que conduz as práticas de educação das crianças brasileiras entre 3 e 6 anos, há uma concepção muito forte, sustentada pela pressão dos pais, e sobretudo pela formação dos professores que trabalham com educação infantil. Na avaliação de Mello, nesse nível de ensino falta um direcionamento para a especificidade da educação na infância pré-escolar.

Sobre isso Mello (2005, p. 22) salienta que professores e pais têm uma concepção equivocada de ensino de escrita na Educação Infantil.

Essa concepção defende a antecipação da escolarização, e essa escolarização precoce ocupa o tempo da criança na escola e toma o lugar da brincadeira, do faz-de-conta, da expressão por meio de diferentes linguagens, da conversa em pequenos grupos quando as crianças comentam experiências e conferem os significados que atribuem às situações vividas. Essa prática de antecipação de escolarização sustenta-se na ideia de que quanto mais cedo a criança se transformar em escolar e quanto mais cedo se apropriar da escrita, maiores suas possibilidades de sucesso na escola e na vida, e maior o progresso tecnológico do país.

De acordo com Mello (2005, p.22), para esses professores e pais, quanto mais cedo a criança é introduzida de forma sistemática nas práticas de escrita, melhor a qualidade da escola da infância. Para a autora (2005, p. 23) a aquisição da escrita:

[...] tem um papel enorme no desenvolvimento cultural e psíquico da pessoa, uma vez que dominar a escrita significa dominar um sistema simbólico extremamente complexo que cria sinapses essenciais para outras formas elaboradas de pensamento.

Mello (2005, p. 24) analisa a aquisição da escrita segundo a perspectiva de Vygotsky, por meio da pré-história da linguagem escrita e diz: “Entre o gesto e o signo escrito dois elementos interpõem-se: o desenho e o faz-de-conta”. Para a autora (2005, p. 25) a brincadeira de faz-de-conta e o desenho são atividades constituintes do processo da escrita, por ser uma forma de expressão da criança em relação a sua imaginação, aos seus sentimentos e desejos e por sua íntima relação com os signos. Ela considera essas atividades fundamentais na Educação Infantil, pois contribuem para o desenvolvimento das formas superiores de comunicação humana.

Assim, Mello (2005, p. 24) destaca o desenho e o faz-de-conta dada a importância desses instrumentos para a aprendizagem da escrita. Para o desenho, afirma que: “se observarmos, perceberemos que o desenho, como uma continuidade do gesto, inicialmente é uma representação gráfica do gesto. Aos poucos, ele torna-se uma representação simbólica e gráfica do objeto.” Já para o faz-de-conta, a autora (2005, p. 24) afirma que:

Da mesma forma, no faz-de-conta, a ausência de alguns objetos necessários à brincadeira é compensada por objetos que passam a representar os ausentes e, aos poucos, se convertem em signos que representam os objetos ausentes. [...] De fato, é o gesto que atribui a função de signo ao objeto, ao longo do exercício do faz-de-conta, graças ao uso prolongado, o novo significado transfere-se ao objeto e este passa a representar o novo objeto para a criança, independentemente do gesto.

Na esteira de Vygotsky, Mello (2005, p. 25) destaca a importância da etapa de representação simbólica, visto que apresenta uma forma inicial de linguagem, a qual abrirá espaço para a linguagem escrita. Ela (idem) salienta que:

[...] a representação simbólica no faz-de-conta e no desenho é uma etapa anterior e uma forma de linguagem que leva à linguagem escrita: desenho e faz-de-conta compõem uma linha única de desenvolvimento que leva do gesto - a forma mais inicial da comunicação - às formas superiores da linguagem escrita. Essa forma superior da linguagem escrita deve ser entendida como o momento em que o elemento intermediário entre a realidade e a escrita - a linguagem oral - desaparece e a escrita se torna diretamente simbólica, ou seja, percebida como uma forma de representação direta da realidade.

De acordo com essa pesquisadora (2005, p. 26), há duas teses da teoria histórico-cultural que contribuem para pensar sobre os métodos que levam à aquisição da escrita: a tese sobre os momentos mais adequados para influência do

professor, no processo de desenvolvimento infantil, e a tese sobre como se dá o processo de conhecimento humano.

A segunda tese, segundo ela, indica que as novas gerações se apropriam dos instrumentos culturais criados pelo homem ao longo da história, a linguagem escrita, é um exemplo. Esta deve ser utilizada considerando o fim social para o qual foi criada, para expressar sentimentos, emoções, comunicar-se e para registrar vivências. Com isso, Mello (2005, p. 26) afirma:

Já se percebe que as atividades que em geral são utilizadas para ensinar a escrever pecam por sua finalidade e pelo sentido que imprimem à atividade. Em geral, ensinam-se letras e sílabas para as crianças na educação infantil e no processo inicial de alfabetização no ensino fundamental. Parece que, ante a complexidade da escrita, se buscou uma forma de tornar o processo mais simples.

Ao tornar o processo mais simples ensinando primeiro as letras para então chegar aos processos de comunicação e expressão, se perde de vista a função social da escrita, isto é, o fim mesmo para o qual a escrita foi criada. Mello (2005, p. 26)

Segundo Mello (2005, p. 26):

Os exercícios de escrita, que , de modo geral, preenchem boa parte do tempo das crianças nos últimos anos da educação infantil e no início do ensino fundamental, são, em geral, tarefas de treino de escrita das letras, sílabas e palavras que não constituem atividade expressão. De modo geral, insiste-se no reconhecimento das letras-com as quais a criança não lê nada. Esse trabalho com letras e sílabas dificulta a percepção pela criança de que a escrita é um instrumento cultural. Escrever, em lugar de expressar uma informação, uma emoção ou um desejo de comunicação, toma para a criança o sentido de atividade que se faz na escola para atender à exigência do professor. [...] a relação que a criança vai estabelecer com a escrita no futuro: ao enfatizar o aspecto técnico começando pelo reconhecimento das letras e gastando um período longo numa atividade que não expressa informação, ideia, ou desejo pessoal de comunicação ou expressão, a escola acaba por ensinar à criança que escrever é desenhar as letras, quando de fato, escrever é registrar e expressar informações, ideias e sentimentos.

Segundo Mello (2005, p. 27), na escola de educação infantil, o conjunto de tarefas de treino de escrita, típico dos processos iniciais de apresentação da escrita para a criança, faz com que elapasse longos períodos sem se expressar, na escola, pois não há tempo para as formas de expressão como o desenho, a fala, a pintura, o faz-de-conta, que formam as bases necessárias para a aquisição da escrita visto que a criança está ocupada com o treino de escrita, pois ainda está aprendendo as

letras. Com isso o escrever fica cada vez mais mecânico, pois sem ter o que dizer, a criança não tem por que escrever.

De acordo com Mello (2005, p. 28), “percebendo a situação no seu conjunto, podemos dizer que o treino para a escrita toma o lugar de todas as atividades que privilegiam a expressão, inclusive a atividade de escrita, que é muito diferente do mero treino”.

Mello (2005, p. 29) afirma que, por meio do conhecimento sobre as crianças pequenas e sobre o processo de humanização, compreendemos o processo de aprendizagem de forma mais complexa : aprender envolve atribuir um sentido ao que se aprende. Segundo a autora (idem): “Só a criança que entende o objetivo do que lhe é proposto e que atua motivada por esse objetivo é capaz de atribuir um sentido que a envolva na atividade, a partir de um motivo que se satisfaz dentro da atividade que realiza”. De acordo com ela, os fazeres propostos para as crianças na escola têm mais possibilidades de se estabelecer como atividade quanto maior for a participação da criança nos processos vividos, seja ela própria realizando as tarefas propostas e buscando a ajuda do educador quando necessário, num processo que caracteriza o ensino colaborativo, seja mostrando suas necessidades de conhecimento, seja trazendo elementos para dar corpo à atividade.

Mello (2005, p. 29) salienta:

Por isso, não tratamos de impor uma quantidade de informações para a criança sem que ela tenha tempo para se apropriar delas e se objetivar a partir da sua apropriação. Ao contrário, o conhecimento será apropriado apenas se a criança puder interpretá-lo na forma de uma linguagem que torne objetiva esta sua compreensão.

Mello (2005, p. 30) enfatiza, ainda, a importância da escola para a criança na criação de novas necessidades humanizadoras, como a de ler, de conhecer mais, de se expressar por meio de diferentes linguagens. Assim, para ela (2005, p. 29), a criança só se apropriará da escrita quando esta fizer sentido para ela, quando o resultado da escrita responder a uma necessidade da criança. Sobre isso, a autora (2005, p. 29) revisita Vygotsky e ressalta:

Como afirma Vygotsky, da mesma forma que a linguagem oral é apropriada pela criança naturalmente, a partir da necessidade nela criada no processo de sua vivência social numa sociedade que fala, a escrita precisa fazer-se uma necessidade natural da criança numa sociedade que lê e escreve.

Nesse sentido, o trabalho do professor de educação infantil amplia, e no lugar de apresentar às crianças exercícios de treino de escrita, orienta-se para criação de novas necessidades nas crianças, entre elas a da escrita, efetivando as aprendizagens num nível mais elevado. (MELLO, 2005, p. 30)

Ainda fazendo referência a Vygotsky, Mello (2005, p.31) afirma que:

[...] Vygotsky considera que essa influência será mais adequada se considerar o momento do desenvolvimento psíquico e cultural da criança. Como afirma esse autor, a influência da educação sobre determinada função psíquica será mais efetiva no momento em que essa função estiver em desenvolvimento.

Mello (2005, p.31) afirma que “o professor da infância precisa considerar a forma da atividade por meio da qual a criança, nas diferentes etapas de seu desenvolvimento psíquico, se apropria do mundo”. E ressalta sobre a necessidade de a criança expressar-se por meio das variadas linguagens apresentadas na escola, pois todas colaboram para seu processo evolutivo, além de possibilitar grandes vivências, experiências. A autora (2005, p. 32) destaca que “o fato é que essas linguagens não podem estar separadas, nem entre si e nem separadas de experiências significativas que tragam conteúdo à expressão das crianças nas diferentes linguagens”. A pesquisadora (idem) conclui que se a criança puder conviver com a escrita e com a leitura, enquanto vivem experiências significativas, por meio da observação e experimentação, essas práticas (leitura e escrita) constituirão o próximo passo que a criança vai querer dar em seu processo de apropriar-se e objetivar-se no mundo.

Mello (2005, p. 33) insiste que, para a criança viver essas experiências, é necessário que a escola e o educador ampliem e diversifiquem sempre, permitindo o uso dos materiais disponíveis na escola. Salienta ainda que a necessidade de expressão surge da criança, a partir do que vê, ouve, vive e das descobertas. É por meio do registro escrito dessas experiências que se assegura a introdução da criança ao mundo da linguagem escrita.

[...] é necessário que trabalhemos profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens: a expressão oral por meio de relatos, poemas e música, o desenho, a pintura, a colagem, o faz-de-conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeira, com caixas de papelão, a modelagem com papel, massa de modelar, argila. (MELLO, 2005, p. 33)

Em outras palavras, Mello (2005, p. 34) diz que é uma questão de permitir à criança exercitar seu papel de protagonista nesse seu processo de aprender e tornar-se cidadã. Isso implica dar-lhe voz, tratá-la como alguém que se não sabe, é capaz de aprender.

Baseado neste raciocínio, Mello (2005, p. 34) destaca que:

As palavras são a matéria com que trabalha o pensamento; se faltam as palavras, falta o pensamento. A palavra estabiliza um sentido, organiza o mundo para aquele que passa a ver e conhecer a cultura humana e a natureza; com ela, amplia-se a memória, o conhecimento do mundo, o controle da própria conduta que se exerce pela linguagem interna.

Segundo Mello (2005, p.34):

Em cada idade da vida há uma forma explícita da relação do ser humano com o mundo e é essa a forma por meio da qual o sujeito mais aprende.[...] na idade pré-escolar, essa atividade é o brincar e todas as formas de expressão que a criança aprende.

A pesquisadora (2005, p. 35) observa que a passagem do brincar ao estudar, como atividade por meio da qual a criança mais aprende, é um processo que, aos poucos, a criança vai deixando de se relacionar com o mundo por meio da brincadeira e começa a fazer do estudo a forma explícita de sua relação.

Mello (2005, p. 35) defende a ideia de que:

[...] devemos, com urgência, “descontaminar” a escola da infância dos procedimentos típicos do ensino fundamental e “contaminar” o ensino fundamental com procedimentos-como as atividades de expressão-que devemos ter como típicos da escola infantil e que, para o bom desenvolvimento da inteligência e da personalidade das crianças, devem estar presentes também nas séries iniciais do ensino fundamental.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA : percursos percorridos.

Esta seção tem como objetivo descrever o procedimento metodológico do desenvolvimento da pesquisa. Tendo em vista a abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Lüdke e André (1986, p. 18), ao realizar a pesquisa em uma situação natural, esta é rica em dados descritivos, focaliza a realidade de forma contextualizada e complexa, e tem um plano flexível e aberto. Esse tipo de pesquisa tem como seu principal instrumento o pesquisador, e o ambiente natural como sua fonte direta de dados.

Quanto ao objeto, é uma pesquisa empírica, pois pretende-se analisar a prática do professor no último ano da Educação Infantil, se o seu trabalho está organizado para o desenvolver o simbolismo na criança, tendo esses fatores como condição necessária à escrita “de dentro para fora”, para que seja um processo natural da criança. Todas essas informações foram buscadas no local onde a pesquisa foi realizada, nesse caso, na sala de aula.

Em relação aos procedimentos técnicos, foi feita uma pesquisa bibliográfica, por meio da qual foram consultados materiais já elaborados, como artigos científicos e livros, que possibilitaram uma compreensão mais aprofundada do tema em questão.

a) Local

Esta pesquisa foi desenvolvida numa escola municipal de Educação Infantil, na cidade de Duartina, interior de São Paulo, localizada num bairro periférico, com uma turma do último ano da Educação Infantil.

b) Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa são nove alunos matriculados no último ano da Educação Infantil e a professora dessa turma.

c) Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados por seis instrumentos: observação sistemática e direta em sala de aula; gravação em áudio; registros em diário de campo, feitos pela pesquisadora; Plano de Ensino anual da escola; Plano de Aula semanal e material produzido pelas crianças, resultado das atividades de escrita.

A observação sistemática foi feita para conhecer a prática docente e a organização do trabalho pedagógico do professor no último ano da Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em 16 semanas, durante três dias, com uma hora de duração cada, totalizando 48h de observação. O período das gravações foi um pouco conturbado, pois coincidiu com período de férias escolares, o conteúdo foi interrompido devido às datas comemorativas, como a *Festa Junina*, em que as crianças começaram a ensaiar com um mês de antecedência e todos os dias, durante o período de uma hora, sem contar, que a professora utilizava outra parte do tempo para o ensaio da música que as crianças iriam apresentar na festa. Outra data comemorativa foi a *Festa da Família* na escola, ocasião em que, novamente, a professora ensaiava com as crianças uma música para apresentação e também treinava algumas parlendas. Todo esse trabalho, ocupava um grande período da aula, por isso várias vezes, não dava tempo de aplicar a atividade programada para o dia, assim, os registros em áudio foram, de certa forma, prejudicados.

As gravações em áudio foram feitas para registrar situações de ensino da escrita que serviram de recortes para a análise. Os acontecimentos que contextualizam essas situações de ensino gravadas foram registrados em um diário de campo.

A análise do Plano de Ensino anual, permite avaliar o que foi proposto em relação a escrita para a Educação Infantil, se está sendo trabalhado como estipulado, e se atende aos objetivos e conteúdos propostos neste documento. Já o Plano de Aula semanal, permite analisar a prática pedagógica, como a professora organiza seu trabalho, como delimita seu tempo, quais materiais utiliza e em que circunstâncias trabalha a escrita.

O material produzido pelas crianças foi analisado para identificar as notações gráficas feitas pelas crianças a partir de uma situação de ensino dada.

d) Critérios de análise dos dados

A análise dos dados foi feita com base na Psicologia sócio-histórica, tendo como referência a pré-história da escrita desvendada por Vygotsky e o desenvolvimento do símbolo na criança e os estágios de escrita distinguidos por Luria. Também teve como base os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais desse nível de ensino.

Destaca-se que todas as interpretações dos dados obtidos, por meio dos seis instrumentos de coleta de dados, foram embasadas e relacionadas com a revisão bibliográfica feita na pesquisa.

e) Etapas da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em cinco etapas. Na primeira, foi realizada a revisão bibliográfica, buscando aprimoramento da fundamentação teórica e a escolha da escola na qual foi realizada a pesquisa. Na segunda etapa foi feita a coleta de dados em sala de aula, por meio da observação direta e sistemática, dos registros em diário de campo, e das gravações em áudio.

Na terceira etapa, foi feita a transcrição dos dados gravados, priorizando a fidedignidade de cada áudio.

Na quarta etapa foi realizada a seleção de alguns episódios de ensino, cuja análise e a interpretação dos dados foram feitas segundo os objetivos da pesquisa.

E, na quinta, após a estruturação de toda a pesquisa, foi feita a revisão de conteúdo e elaborado o relatório final.

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados pela observação sistemática feita na sala de aula e pelas gravações das situações de ensino .

Das gravações, foram feitos recortes das referidas situações que, neste capítulo, são apresentados sob a forma de episódios de ensino. São apresentados 22 episódios de ensino de escrita e leitura, objetos desta pesquisa.

3.1 Análise do Plano de Ensino

De acordo com os objetivos do Plano de Ensino, as crianças devem familiarizar-se com a escrita por meio do contato com livros, revistas, panfletos e outros portadores de texto, e da vivência de diversas situações nas quais, seu uso se faz necessário. Além, de “mostrar interesse pela escrita de palavras e textos”, mesmo que não seja de forma convencional; a construção de palavras com ajuda dos alunos na escrita de listas e escrever títulos de histórias clássicas.

Entretanto, a criança, só mostrará interesse pela escrita de palavras e textos, se este, for despertado nelas através de atividades pedagógicas que desenvolvam a noção de símbolo como condição para a escrita de dentro para fora.

O Plano de Ensino apresenta uma série de “conteúdos” os quais, muitos deles, estão mais para objetivos e estratégias de ensino e atividades que para conteúdos propriamente dito. Conteúdo, como estabelecer diferenças entre si, indicando apenas o que se classifica como conteúdo foge aos objetivos deste trabalho, selecionamos do rol de conteúdos do Plano de Ensino os que se relacionam à escrita.

Como conteúdo, em relação à escrita, o plano de ensino apresenta: o reconhecimento do próprio nome dentro do conjunto de nomes do grupo e nas situações em que isso for necessário; observação e identificação de situações onde aparece o nome escrito; participação no cotidiano em situações que se faz uso da escrita; escrita do próprio nome e dos colegas para identificar pertences e objetos; produção de textos coletivos tendo o professor como escriba, presenciando, assim, atos de escrita; observação da direção da escrita e o espaçamento entre palavras;

desenvolvimento gradativo das habilidades de preensão nas práticas de traçado e escrita de próprio punho, auxiliando a grafia correta; utilização de jogos que envolvem a escrita; utilização do alfabeto móvel; reconhecimento de palavras que se iniciam com o mesmo som, identificação das letras no início das palavras.

Desse rol de conteúdos/atividades (10 que destacamos), 7 trabalham a escrita de fora para dentro; 2 estão relacionadas às capacidades necessárias para a escrita inicial e apenas 1 promove o desenvolvimento do símbolo, necessário à escrita de dentro para fora.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, constitui-se um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças.

De acordo com o Referenciais, a aprendizagem da leitura e da escrita se inicia na Educação Infantil por meio de um trabalho com base na cópia de vogais e consoantes, ensinadas uma de cada vez, tendo como objetivo que as crianças relacionem sons e escritas por associação, repetição e memorização de sílabas. Essa concepção considera a aprendizagem da linguagem escrita, exclusivamente, como a aquisição de um sistema de codificação que transforma unidades sonoras em unidades gráficas, ou seja, especificidade da alfabetização.

Conforme as Diretrizes Nacionais para Educação Infantil, deve-se possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Há algumas incoerências entre o que está delimitado no Plano de Ensino e ao cotidiano das práticas pedagógicas. As crianças não tinham grande diversidade de portadores de texto, os mais comuns eram histórias, poemas e parlendas. Também não foi criado um texto coletivo com o professor como escriba e os jogos não envolviam a escrita, durante o período de observação.

Como coerência ao Plano de Ensino, as crianças identificavam seus nomes e dos colegas, conseguiam identificar a letra inicial da palavra, reconheciam palavras que iniciam com o mesmo som, e trabalhavam a escrita com o alfabeto móvel.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil, a escrita é a codificação de unidades sonoras em unidades gráficas, pensamento este

correto, pois a escrita acompanha a fala, entretando de acordo com Vygotsky (1984, p. 120):

[...] a escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Gradualmente, esse elo intermediário (a linguagem falada) desaparece e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente as entidades reais e as relações entre elas. Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; ao invés disso, esse domínio é o culminar na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas.

A maioria das atividades desenvolvidas, envolviam o desenho, a cópia de palavras ou frase, e o signo era um estímulo externo. Sendo assim, a concepção de escrita do Plano de Ensino é similiar a dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil, pois tem a escrita como um processo externo, que vem de fora para dentro. Além disso, promove atividades de cópia, repetição e memorização, conforme as recortadas e analisadas no item 4, deste trabalho.

Segundo Vygotsky (1984, p. 199) “ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal”.

Pelas afirmações de Vygotsky (1984) e pela análise do Plano de Ensino, assim como dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e das Diretrizes Nacionais para Educação Infantil, percebe-se que o ensino está promovendo uma escrita mecânica, livre de significado para as crianças.

3.2 Análise do Plano de Aula

A professora fazia seu planejamento semanalmente. Em todos os dias estava estabelecido a linguagem oral e escrita, entretanto, ela trabalhava uma linguagem para cada dia da semana. Essa escolha era aleatória e dependia das outras atividades que se tinha para o dia, e do tempo disponível.

Todos os dias tinha aula de Matemática. Na segunda-feira, aula de Natureza e Sociedade e Movimento. Na terça-feira aula de Artes. E na quinta-feira, aula de Informática.

No planejamento, também estava incluso em todos os dias da semana, o trabalho com a música, salvo as exceções em que a professora não cantava com os alunos. As crianças, também tinham aula de música, ministradas por um professor da área.

Essa sequência apresentada sofria ajustes conforme a necessidade da professora. Inúmeras vezes, houve alteração no planejamento por conta da inclusão das datas comemorativas, onde grande parte do tempo era dedicado ao ensaio dessas apresentações, prejudicando os fins pedagógicos.

3.3 Análise dos episódios de ensino

Episódio de Ensino nº 1

[30] P- Aaanton.

[31] P- O que vocês acham?

[32] C5- É o O.

[33] P- Se a gente colocar o O, fica AO. Eu quero AN, quando eu estico esse sonzinho eu uso uma letrinha só que é o N.

[34] P- Vamos ler com a pro.

[35] P- Anton.

[36] C2- É o T e o O.

[37] P- T sozinho é só T, quando encontra o O vira TO. ANTON, ganha o N no final.

[38] P- Anton E, o que a boquinha ta falando?

[39] T- EEEEE.

[40] P- Que? Então, eu vou escrever o que?

[41] T- O E.

[42] P- Agora, vamos, facilite a falar outra coisa AS. O que a boquinha ta falando agora?

[43] T- A.

[44] P- E pra esse A?

[45] C3- É o S.

[46] P- Vamos fazer junto com a pro, AS, é o assobio AS, é o A e o S, né?

[47] P- Anton e as meninas.

[48] C3-É o E.

[49] P- Tem o E.

[50] C2- É o M.

[51] P- Isso começa com, com que letrinha você falou mesmo, C2?

[52] C2- M.

[53] P- C2 falou o M. Tá certo, o M da Maria e de Amanda também tem. C4 o que você acha, agora, que esse M tem pra ficar MEE.

[54] C4-E.

[55] P- E as MENI

[56] C5- O I.

- [57] P- Tem o I.
 [58] T- O N.
 [59] P- MENINAS
 [60] C2- O NA.
 [61] P- MENINAS.
 [62] C2- SA.
 [63] P- Mas já coloquei o A.
 [64] P- MENINAS.
 [65] C4-É o S.
 (recorte da gravação do dia 26/05/15)

A escrita do título da história lida era uma rotina da professora. Neste exemplo, a professora, soletra as palavras, para que as crianças identifiquem as letras e os fonemas.

Na linha 55, a professora pronuncia as sílabas MENI, e deseja que as crianças indentifiquem o que é o NI. Uma das crianças conseguem identificar apenas a vogal I, isso porque ao pronunciar MENI, o som tônico é representado pela sílaba NI, terminada por vogal tônica.

Episódio de Ensino nº 2

- [1] P-A história do dia é: “O dente ainda doía”. Com fama de coitado não parava de reclamar ai, ui,ui, ai, será que vou aguentar.
 [2] P- Olha o jacaré. Nossa que sofrimento um jacaré com dor de dente. Dois coelhos ligeiros disputaram para ver quem era o primeiro que iria perguntar. O que foi jacaré? Está doente?Não, pequeninos, estou com dor de dente. Dor de dente, disse o segundo. Eu sei como resolver! Pegue essa cenoura e comece a roer, mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, e o dente ainda doía.
 [3] P- Olha aqui quantos coelhinhos tem aqui. Vamos contar com a pro, um, dois.
 [4] P- A cenoura resolveu o problema?
 [5] C2- Sim.
 [6] P- Resolveu?
 [7] C3- Não.
 [8] P- Três mais entraram na conversa, a coruja e filhotes, pegue este graveto e cutuque bem forte. Mas nada resolveu, e o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto e o dente ainda doía.
 [9] P- Vamos contar com a pro.
 [10] C5- Uma, duas, três.
 [11] P- Agora todo mundo junto.
 [12] P- A gente pode escrever os numerais usando um número, ou o nome deles, usando as letrinhas.
 Quatro tatus chegaram sem fazer barulho. Morda este pedregulho, mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho e o dente ainda doía.
 [13] P- Será que tem quatro tatuzinhos aqui mesmo? Quem ajuda a pro a contar?
 [14] T- Contam um, dois, três, quatro.

- [15] P- E aqui começa com a letrinha T, 4.
- [16] P- Quem aqui já teve dor de dente?
- [17] C9 levanta a mão.
- [18] P- Dói, C9, muito? Tadinho do jacaré.
- [19] P- Cinco patinhos saíram da água para ver. Só com um carinho seu dente vai parar de doer. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho e recebia carinho, mas o dente ainda doía.
- [20] P- Hum, será que tem cinco patinhos?
- [21] C5- Eu sei.
- [22] P- Vamos contar juntos.
- [23] T- Um, dois, três, quatro, cinco.
- [24] C6- Minha idade.
- [25] P- Isso mesmo, a idade de vocês. Seis ratinhos também quiseram dar a sua contribuição. Cubra seu dente com esse pedaço de sabão. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, e o dente ainda doía.
- [26] P- Será que tem seis ratinhos? Vamos contar?
- [27] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis.
- [28] P- Sete toupeiras saíram de um único buraco, ali bem pertinho. Que nada, mastiga essa raiz forte que ficará bom rapidinho. Mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão e mastigava raiz forte e o dente ainda doía.
- [29] P- Olha a toupeira, alguém já viu uma toupeira?
- [30] C3-Eu não.
- [31] P-É um animalzinho que costuma fazer buracos na terra para se esconder. Vamos contar com a pro.
- [32] T- Um, dois três, quatro, cinco, seis, sete. Oito sapos coacharam da lagoa. Essa é boa que ideia descabida. Melhor que tudo isso é uma mosca lambida.
- [33] C3- O sapo come mosca.
- [34] P- Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia a mosca e o dente ainda doía. Alguém aqui já lambeu mosca?
- [35] T- Não.
- [36] C5- Vamos contar.
- [37] P- Vamos contar.
- [38] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito.
- [39] P- Oito.Qual a primeira letra que eu falo?
- [40] C3-O.
- [41] P- Olha aqui a palavrinha (professora mostra no livro a palavra oito).
- [42] C3-Oito.
- [43] P- Nove esquilos de uma mesma família, mãe, pai, filho, filha, avô, avó, tio denduço, tia dentada e uma prima mau humorada soltaram as vozes. Coloque na boca esse punhado de nozes. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia mosca, colocava nozes na boca e o dente ainda doía. Vamos contar.
- [44] T- Um , dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.
- [45] P- E aqui escrito com as letrinhas nove (professora mostra a escrita no livro). Ai que dó desse jacaré, melhor ele ir no dentista. Dez passarinhos vieram tentar resolver o problema.

[46] P- Será que os passarinhos conseguiram? Coloque no seu fucinho esta pena. Mas nada resolvia.

o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordida pedregulho, recebia carinho, cubria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia mosca, colocava nozes na boca, botava pena bem na frente do nariz e o dente ainda doía.

[47] P- Será que tem dez pássaros aqui? Vamos ver C6?

[48] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

[49] P- De repente sem dar tempo de mais alguém chegar, o jacaré bufou e começou a ofegar. AAAAAAA - TCHIM. Deu um baita de um espirro e voou tudo. Opa o que é isso aqui?

[50] C3-O dente.

[51] P- O que voou junto?

[52] C3-O dente.

[53] P- Será?

[54] C6- Dentadura.

[55] P- Funcionou a pena me deixou bonzinho, já posso até matar a fome fazendo um lanchinho, e a bicharada toda deu no pé, ninguém quis ficar pra virar comida de jacaré. Olha aqui o que tem na mão dele.

[56] C5- Um garfo.

[57] P- Pra que?

[58] C5- Pra comer um rabo.

[59] P- Não, é pra comer algum desses daqui, que ajudou ele.

[60] P- Entrou por uma porta saiu pela outra, quem souber que conte outra. (recorte da gravação do dia 28/5/15)

Este recorte, foi feito com a intencionalidade de mostrar o esforço da professora em relação ao contagem.

Neste episódio a professora preocupou-se em ensinar as crianças a contarem, utilizou o texto como pretexto. Poderia ter explorado a leitura literária, porém não fez, parava a história para contar, também poderia ter explorado o desenvolvimento da memória.

Episódio de Ensino nº 3

[105] (A professora entrega a atividade para as crianças, na qual elas tem que escolher um símbolo que represente a cozinha e o pátio).

[106] P- Para o pátio, o que tem no pátio que pode ser um símbolo?

[107] E- Escorregador.

[108] I-Túnel.

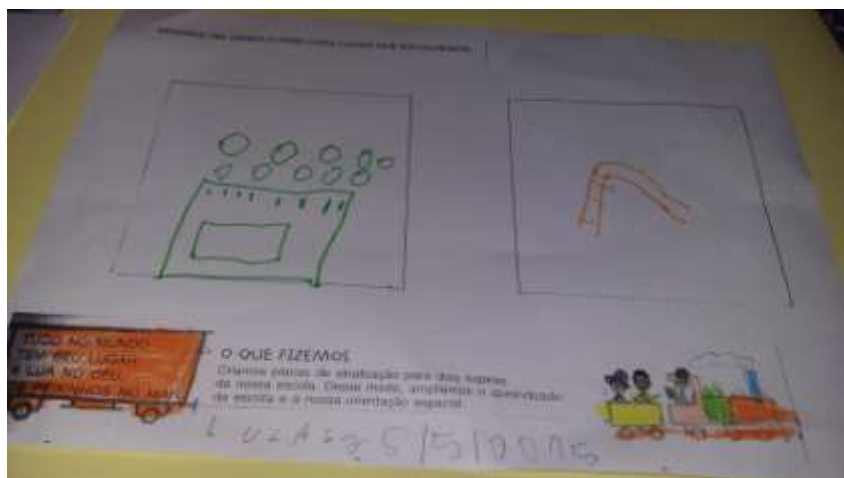
[109] P- Se decidiu pelo escorregador vai fazer só o escorregador, a gente quer só um símbolo dessa vez.

[110] (Professora desenha na lousa).

[111] P- O que mais? Tem a casinha que vocês brincam. Ah, outra coisa que tem no nosso pátio: a mesa que vocês comem e os banquinhos. Não tem lá? Então, vocês vão escolher o símbolo que vocês quiserem, mas um único símbolo, tá.

(recorte da gravação do dia 28/5/15)

Figura1- Desenho do símbolo da cozinha e pátio.



Fonte : arquivo da pesquisadora.

Neste exemplo a professora pede para as crianças desenharem um símbolo que represente a cozinha e o pátio. A noção de símbolo, para a professora, não é muito clara, é apenas externa. Segundo Vygotsky (1984), as crianças ao desenhar, não se preocupam muito com a representação, pois tendem a ser mais simbolistas e não importam-se com a similaridade exata e completa, contentando-se com indicações apenas superficiais.

Episódio de Ensino nº 4

[28] P- Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem souber que conte outra. Como é que a pro falou, o nome dele mesmo?

[29] C2- O som de animais.

[30] P- Um som animal.

[31] P- UM

[32] C4- É o U.

[33] P- Olha aqui, não é U som animal, é UM, esticando que letrinha precisar pra esticar esse U? Toda vez que eu for esticar o sonzinho usa M ou N, tá. Hoje, vamos usar o M. E, agora, SOM.

[34] C3- É o S.

[35] P- E pra ficar SO.

[36] T- É o O.

[37] P- E pra ficar SOM. A pro acabou de falar pra esticar...

[38] C4- É o N.

[39] P- Aqui, no nosso caso, é o M. ANIMAL. Fala junto com a pro.

[40] C2- É o A.

[41] P- ANI

[42] T- É o I.

[43] P- Tem o I, só que se eu colocar o I fica AIMAL, precisa de uma letra antes.

- [44] C2- É o N.
 [45] P- Jú seu nome começa com que letra.
 [46] C9- M.
 [47] P- E precisa do A pra ficar MA, não é Jú.
 [48] P- ANIMA, é um som ANIMA?
 [49] T- Não.
 [50] P- É ANIMAL, a boca fica mole, a gente vai usar o L no final, ANIMAL.
 [51] C6- O L de Lucas.

Na linha 29, o aluno respondeu corretamente a pergunta que a professora fez, pois foi o som dos animais que foi ressaltado na leitura. Contudo, a professora corrigiu o aluno respondendo com o título da história.

Na linha 33, a forma como a professora explicou o uso do M e N, passa a entender para a criança que a marca de nasalidade na posição da palavra em referência (UM), tanto faz ser feita pelo M e o N. Ela não explica do ponto de vista do sistema linguístico, o porquê “hoje vai usar o M”.

Nas linhas 38 e 39, há recorrência do mesmo erro. pela explicação a criança poderia escolher nesse caso, a letra N ou a M, para a palavra SOM. Tanto que a criança respondeu que era o N (linha38). E, na sequência, a professora responde que nesse caso era a letra M, mas, novamente, não explica o uso do M.

Na linha 53, há outro equívoco cometido pela professora, pois o L em posição final da palavra não tem o mesmo som que em posição inicial. L em posição final, no dialeto paulista tem som [u] e, em posição inicial o som é lateral [l].

Episódio de Ensino nº 5

- [70] P- Aqui, na nossa escola, tem um monte de lugar que podemos ir: o pátio, cozinha, informática. Aqui, na lista da pro, tá prontinha, igual a de vocês, e aí estão alguns desses lugares da nossa escola. Quem sabe o que está escrito aqui?
 [71] C2- Eu, pátio.
 [72] P- E na debaixo?
 [73] C3- Cozinha.
 [74] P- Muito bem. Agora, e nesse?
 [75] C2- Sala...
 [76] P- Vamos lá: pátio, cozinha, sala de leitura. E aqui?
 [77] C5- Sala de informática.
 [78] P- Não. Olha aqui. Lembra que sala começa com S, que nós falamos. Olha, pessoal, tem o banheiro. Sabe o que está escrito aqui, BANHEIRO.
 [79] (As crianças repetem).
 [80] P- E aqui? O que está escrito? C6 fala com a pro SECRETARIA. Aqui, formamos a palavra “secretaria”. Lá onde a B fica. “Secretaria” também começa com

S. Só que, para formar SA, precisa do A e, para formar SE, a gente usa o E. Vamos lá, C2. DIRETORIA. O que está escrito aqui, C2? Quando tenho o D com I.

[81] C2- DI.

[82] P- R com E.

[83] C2- RE.

[84] P- T com O.

[85] C2- TO.Diretora.

[86] P- Espera um pouquinho.R com I.

[87] C2- RRI.

[88] P- RIA. Existe dirretoria?

[89] C4-Diretoria.

[90] P- Muito bem, C4. C8,vamos falar a letrinha com a pro.

[91] C8- P-A-R-Q-U-E I-N-T-E-R-N-O.

[92] P- O que forma P com A.

[93] T- PA.

[94] P- Parque interno. Agora, o C5.

[95] C5- SA....C5 pensa... LA... D, E, INFO...

[96] P- Essa é da mamãe (referindo-se a letra R, pois o nome da mãe do C5 começa com R)

[97] C5 – R, agora, é M, A, T, I, C, A.

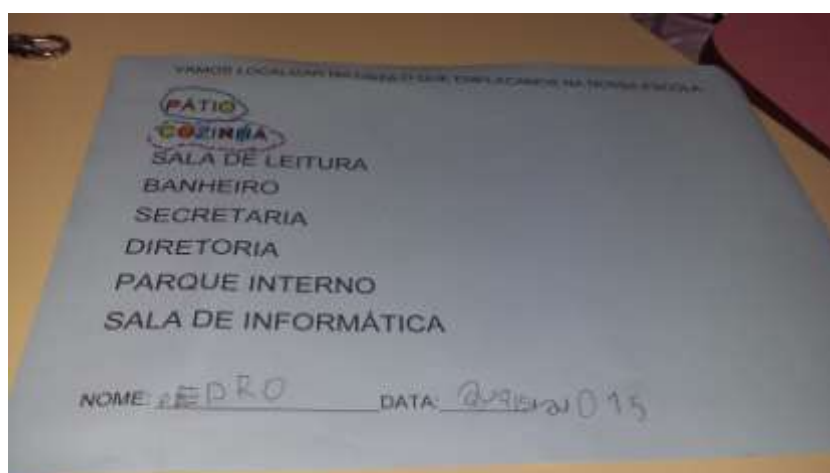
[98] P- Vamos ler junto. Sala de informática. A pro vai ler sozinha para vocês. Depois, vocês vão fazer sozinhos a atividade. Todo mundo olhando. Pátio, cozinha, sala de leitura, banheiro, secretaria, diretoria, parque interno, sala de informática.

[99](C4 acompanha a leitura das palavras com o dedinho).

[100] P- Agora, todo mundo pega o lápis de escrever e vocês vão circular, para a pro, os dois lugares que emplacamos: o pátio e a cozinha. Onde está escrito “pátio” e onde está escrito “cozinha” ?

(recorte da gravação do dia 29/5/15)

Figura 2- Reconhecimento das palavras “pátio” e “cozinha”.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Neste episódio, a professora trabalha a escrita de algumas palavras que fazem parte da atividade do dia, são elas: pátio; cozinha; sala de leitura, banheiro; secretaria; diretoria; parque interno e sala de informática. O procedimento tomado pela professora na sequência linha 80, elucida que é um ensino de fora para dentro, cuja preocupação da professora é que a criança repita o que ela disse anteriormente, pois, após fazer a leitura da palavra em questão, pede para a criança ler e dizer o que está escrito, soletrando as letras, esta é uma atividade direcionada, que exigia da criança a leitura e o reconhecimento das palavras “pátio” e “cozinha”.

Episódio de Ensino nº 6

[72] P- Primeiro, tem o C. Agora, o RO, que o C5 falou.

[73] P- O CROCO

[74] C2- É o Q e o O.

[75] P- Quase. Só que ao invés de Q é o C e o O.

[76] P- CROCODI, o que é esse DI?

[77] C4-É o I.

[78] P- Tem o i, o que é o DI?

[79] C5- o I.

[80] P- Tem o I e antes pra ficar DI, preciso formar DI. C2, o que precisa? Vamos pensar gente.

[81] C5- C.

[82] P- Quase. É o D. D com I. O crocodilo e o denti... o que eu estou falando?

(recorte da gravação do dia 2/6/15)

Neste recorte, a professora comete um equívoco, do ponto de vista da teoria da correlação de fonemas e grafemas conforme linhas 75 e 82. Onde diz que Q é quase C, e que C é quase D respectivamente. Cada fonema é único, nenhuma letra é quase ou igual a outra. A semelhança ou diferença que se estabelece entre elas só pode ser apontada a partir de um referencial, como, por exemplo, a letra Q e a C diante de A, O e U, são semelhantes na pronuncia, isto é, são semelhantes do ponto de vista do modo de articulação. Assim ambas são representadas pelo fonema [k]. Já a letra C, na linha 81, que o aluno C5 confundiu com a letra D em nada se relacionam entre si nem do ponto de articulação, nem do modo de articulação. Do modo articulação, temos a letra C (diante de E, I) como sendo fricativa e a D é oclusiva, e do ponto de vista do ponto de articulação C é alveolar [s] e D é linguodental [d].

Episódio de Ensino nº 7

[132] (Professora pega uma cartolina e escreve a música Cai, cai balão, Cai, cai balão).

[133] C3- O que é isso?

[134] P- O acento agudo.

[135] P- O que é o BA de balão?

[136] C2- B.

[137] P- O que esse B precisa para ficar BA.

[138] C2- A.

[139] P- BALÃO. É o L, e pra ficar forte igual João, Pão e macarrão, a gente usa o AO e uma presilha que a gente chama de til, que muda o som dele. O nome da música, agora, a gente vai escrever a música.

[140] (Professora escreve a letra na cartolina).

[141] P- Canta com a pro Cai, cai balão, aqui.AQUI, o que é o QUI, que eu estou falando e tem no nosso calendário?

[142] C6- Q.

[143] P- Q, sempre que eu uso o Q eu uso o U e depois a letrinha que vai dar o som.AQUI NA MI. O que é o MI, C2?

[144] C2- I.

[145] P- Tem o I, mas, antes do I? O MI de Yasmim.

[146] C2- Y.

[147] P- Não, o Y não começa palavra. É o M, MINHA MÃO.MÃO rima com BALÃO.

[148] C5- Não.

[149] P- Rima, mão/ balão, tudo fortão que a gente fala. Vamos cantar com a pro.

[150] (Professora coloca a vírgula, e C5 pergunta o que era aquilo).

[151] P- Isso se chama vírgula, é para dar uma pausa. Como escrevo CAI? CAI. Olha o Cai aqui dinovo. CAI na RUA.

[152] P- RU.

[153] C5- RO.

[154] P- O que é RO, C5? É RU.

[155] (C5 não responde).

[156] P- RUA...RUA do SA. O que é o SA?

[157] C5- SA. O S.

[158] P- Cai na rua do SABÃO, que termina igual não e balão, BÃO. Será que ficou legal? Vamos cantar juntos, todos.

(recorte da gravação do dia 2/6/15)

Neste episódio, a professora prepara os alunos para a Festa Junina; trabalha com eles os costumes, as músicas, explica por que é Festa Junina. Todos estes dados constam na gravação do dia 2/6/15.

A professora seleciona a música “Cai, Cai Balão” para trabalhar com as crianças. Escreve a música em uma cartolina, pronunciando os fonemas das letras que compõe o título da música e pedindo que as crianças digam qual letra está sendo falada.

Na linha 145, a professora faz uma pergunta a aluna e sua resposta, linha 146, é compreensível, pois é difícil para criança identificar a sílaba do meio, principalmente na Educação Infantil, por isso, a aluna relacionou MI de Yasmim à letra Y, pois é com ela que se inicia o seu nome. E essa informação a criança tem memorizado.

Episódio de Ensino nº 8

[160] P- Quem sabe desenhar um balão. C7, você sabe desenhar um balão?

[161] C7- Não

[162] C2- Eu sei.

[163] P- Então, vem, C2.

[164] (C2 desenha um balão de festa de aniversário).

[165] P- Esse balão que a C2 desenhou é o de festa, o da festa junina é feito de papel e tem uma boquinha por onde entra o ar quente, é bem colorido.

[166] (Professora mostra as crianças como é o balão de festa junina, desenhando um).

(recorte da gravação do dia 2/6/15)

Neste exemplo, a professora pede a aluna que desenhe um balão no cartaz, sem especificar que tipo de balão é. Então, a criança desenha um balão de festa, pois essa é a representação de balão que ela tem. Essa era uma oportunidade que a professora perdeu para explorar outros significados e, assim, ampliar a representação de mundo da criança.

O desenho não é livre, é direcionado. De acordo com Vygotsky (1984), a criança, inicialmente, desenha de memória, ou seja, não desenha o que vê, mas sim o que conhece.

Episódio de Ensino nº 9

[48] P- Agora, vamos para nosso cartaz. Vamos juntinhos, juntos com a pro.

[49] T- Cai, Cai balão, Cai, cai balão,
aqui na minha mão
não cai não, não cai não,
cai na rua do sabão.

[50] (A professora chama criança por criança para ler o cartaz. As crianças acompanham a leitura com os dedinhos).
(recorte da gravação do dia 9/6/15)

A professora retorna ao cartaz do “Cai, cai, balão”. Inicialmente começa pela leitura, e solicita a participação de todas as crianças, individualmente. Essa mesma atividade se repete na gravação do dia 11/6/15, porém, além da leitura, a professora pede as crianças procurem na música, algumas palavras selecionadas por ela, como “cai”, “balão”, “sabão” e “rua”.

A repetição da atividade do dia 11/6/15, também ocorre no dia 18/6/15 e 26/6/15. A professora utilizou o cartaz como um auxílio para a aula, explorando os fonemas e a escrita de algumas palavras como “cai”, “balão”, “sabão”, “rua”, e para identificação do dígrafo QU.

Episódio de Ensino nº 10

77] P- Isso aí. Então vamos lá. Nós vamos fazer só a “letrinha” G e H.

[78] C1- Porque?

[79] P- O resto a gente termina amanhã.

[80] P- Olha a lettrinha G não é de qualquer jeito. G de gato, de Gabriel, Guilherme.

[81] (Professora faz o G na lousa).

[82] P- Olha, pessoal, é como se fosse um círculo, só que tem um cortinho.

[83] P- E o H. De quem é o H. O H da professora Helena, né? Estão assistindo carrossel. H de helicóptero, hipopótamo.

[84] P- O H, dois palitinhos e o tracinho no meio.

[85] P- Podem fazer.

(recorte da gravação do dia 9/6/15)

Neste episódio, a professora propõe a atividade do traçado das letras G e H para os alunos. As crianças fazem as letras G e H, respectivamente, até terminar a linha, na folha da atividade.

Nas linhas 80 e 83, demonstram o ensino da escrita de letras de modo descontextualizado, sem sentido para a criança.

Episódio de Ensino nº 11

[1] (As crianças treinam a letra da música que vão dançar na festa junina. Começam pela leitura).

[2] P- No dia do meu casório.

[3] T- No dia do meu casório.

- [4] P- Era um farturão danado.
 [5] T- Era um farturão danado.
 [6] P- Oiava pra toda banda.
 [7] T- Oiava pra toda banda.
 [8] P- Não fartava quase nada.
 [9] T- Não fartava quase nada.
 [10] P- Muita pamonha.
 [11] T- Muita pamonha.
 [12] P- Mio verde assado.
 [13] T- Mio verde assado.
 [14] P- Leitoa gorda.
 [15] T- Leitoa gorda.
 [16] P- Dois franguinho pestiado.
 [17] T- Dois franguinho pestiado.
 [18] P- Vamos soltar a voz agora.
 [19] (As crianças cantam essa parte da música. A professora começa a leitura do próximo verso. Ela fala e as crianças repetem).
 [20] P- A roupa do meu casório veio de Botucatu.
 [21] T- A roupa do meu casório veio de Botucatu.
 [22] P- Paletó de mescla verde, acarça de cor azul.
 [23] T- Paletó de mescla verde, acarça de cor azul.
 [24] P- Mescla, é como se fosse listras.
 [25] P- Zóio de vidro, perna de pau, botina branca e um nariz de pica-pau.
 [26] T- Zóio de vidro, perna de pau, botina branca e um nariz de pica-pau.
 [27] (A professora repete estes versos juntamente com as crianças).
 [28] P- Agora a pro fala e vocês repetem.
 [29] (A professora retoma estes versos mais uma vez e pede para as crianças repetirem. A professora começa a leitura dos próximos versos).
 [30] P- Chegando lá, na igreja, o padre me perguntou. Você quer casar com ela?
 [31] P- Ai vocês vão responder: To querendo sim, senhor.
 [32] P- E o padre fala assim: Se é de gosto, me dá sua mão, estão casados vão cuidar da obrigação.
 [33] P- Daí encerrou.
 [34] P- Dinovo para a roupa. É igual falar, é repetição.
 [35] P-Agora vamos cantar.
 [36] (As crianças cantam com a professora).
 [37] P- Agora do começo, é a última vez.
 (recorte da gravação do dia 10/6/15)

Além do preocupação da professora em ensinar as músicas da Festa Junina, como a do “Cai, Cai Balão”, ela dá relevante importância a este episódio, pois essa música, as crianças terão que cantar e dançar na festa da escola. Por isso, a grande insistência para os alunos saberem a música e a apresentação ser perfeita diante da comunidade escolar. Como consequência a exaustiva atividade leitura e canto da música.

A professora poderia ter explorado através da letra, o dialeto caipira e as expressões, que aparecem diversas vezes, nas linhas 6, 9,12, 22, 26 etc. Esta era uma oportunidade de explicar porque algumas palavras tinham a pronuncia diferente do que conhecemos. Poderia também, ter escrito essas palavras ou expressões para pontuar a diferença de ortografia.

Episódio de Ensino nº 12

[24] Foi assim aquele dia encheu de alegria, a menina lia quando ouviu o som da campanha. Ao abrir a porta deu de cara com Toddy. Sabe quem é o Toddy?

[25] C6- Não sei quem é o Toddy não.

[26] C2- Toddy que toma?

[27]P- Não é o Toddy que toma, olha só.

[...]

[33] P- Olha a cor do Toddy, ele tem cor do que?

[34] C6- É um pato.

[35] P- É um pato, mas te cor do que?

[36] C8- Marrom.

[37] P- Não é a cor do Toddy, Toddynho, chocolate.

[38] C6- La na minha vó o pato é branco.

(recorte da gravação do dia 11/6/15)

No episódio 12, de modo análogo ao do episódio nº8, há um problema de ordem semântica. Nas sequências da linha 24, a professora refere-se a um personagem de nome Toddy. Mas o introduz de modo ambíguo: “deu de cara com o Toddy”, e pergunta logo depois: “ Quem é Toddy?”. Os alunos C6 e C2 manifestam-se que não sabem quem é, e a dúvida: “Toddy que toma?” (linha26). Aqui também é compreensível que a aluna faça referência ao “Toddy que toma”, pois essa é a representação que ela tem dessa palavra.

Nas linhas 33 a 37, a professora faz uma metáfora em relação à cor do pato de nome Toddy. Já na linha 38, o aluno tem um estranhamento ao saber que a cor do pato é marrom, pois, para ele, pato é branco, isso se deve ao fato de a criança tender a representação para seu campo perceptual visual.

Episódio de Ensino nº 13

[6] P- Olha aqui nós temos duas palavras que aparece na nossa história. Que palavrinhahs são essas? Agora vamos descobrir que palavrinhahs são essas. Agora usando o nosso alfabeto (móvel). Que letra aparece nessa aqui?

[7] C2- R.

- [8] P- Na primeira palavrinha, a primeira letrinha é o R, o R tá aqui sozinho né gente. Esse R tá muito triste de ficar sozinho.
- [9] C2- É sozinho ele só forma R.
- [10] P- Ai vem o E pertinho dele e se juntou e formou o som. Que som é esse?
- [11] P- R sozinho é só R e E sozinho é só E, quando eles se juntam, o que aconteceu C2? Que som eles formaram?
- [12] C2- RE, agora é o I. O I vai formar REI.
- [13] P- A palavra REI aparece na nossa história?
- [14] T- Sim.
- [15] P- Então está certa a palavra.
- [16] C2- Tá certinho, parabéns C2, nota 10.
- [17] P- Agora nessa palavra vamos usar essa letrinha (professora a ponta para a palavra DIA). Que letra é essa C1? (apontando para o D)
- [18] C1- P
- [19] P- Opa P.
- [20] C1- Não D.
- [21] C2 olha atrás do alfabeto móvel, da letra D e diz esse d atrás é o d de mão.
- [22] C6- O D tava sozinho.
- [23] C3- Sozinho sem brincar.
- [24] P- Que letra é essa aqui? (aponta para o I), C6 ?
- [25] C2- I.
- [26] P- Calma, vamos dar uma chance para o C6. O D com I, forma o que C6?
- [27] C3-DI
- [28] P- Muito bem! Aí vem chegando (pega o A).
- [29] C6- O A.
- [30] P- E formou o que, DI.
- [31] C2- DIA.
- [32] P- Isso muito bem. As duas palavrinhas REI e DIA. Daqui a pouco vocês vão receber a atividade, o que vocês vão fazer, vão copiar a palavra REI aqui(aponta para a lacuna na folha da atividade) e a palavra DIA aqui(também aponta a lacuna na folha da atividade). Agora vamos guardar o REI e o DIA.
- [33] P- Agora vamos formar uma palavrinha nova, não pode ser nem Rei nem DIA, só que tem que ser uma palavrinha que aparece na nossa história, que palavrinha apareceu na nossa história que podemos escrever.
- [34] C2- Moça.
- [35] P- Muito bom, o que mais?
- [36] C3- Carneiro.
- [37] C8- Algodão doce.
- [38] P- Não, é só algodão, né?
- [...]
- [49] C9- Eu prefiro CASTELO
- [50] P- É PALÁCIO né, castelo e palácio são as mesmas coisas, só que na nossa história aparece palácio. CAVALO também aparece. Vamos começar pela primeira palavrinha que a C2 escolheu. Vamos lá C2, com o que você acha que começa?
- [51] C2- MO é o M e o O.
- [52] P- O M da C9, viu C9, e o O. E o ÇA?
- [53] C2- É o S e o A.
- [54] P- Hum, aí que tá, você sabia C2 que a gente chama essa palavrinha de arteira. Na verdade Yasmim, quando escrevemos MOÇA, no lugar desse S, usamos o C com o cedilha, que tem o som de S. Aqui não tem nenhum Ç, mas é o C , com

esse sinal que chama cedilha.(professora desenha o Ç na lousa e mostra o que é o cedilha).

[...]

[70] P- Isso pode pôr. Vamos ler, agora, CAVALO. C9, vamos. O C9, que palavrinha você quer escrever?

[71] C9- Eu quero escrever PALÁCIO.

[72] P- Muito bem! Vamos falar juntinhas. Fala com a pro PA. O que você está falando?

[73] (C9 pensa).

[74] P- Começa igual “papai”, “pátio”.

[75] C2- Também “panela”.

[76] P- Que letrinha você acha que tá precisando?

[77] C9- A.

[78] P- Pode pôr o A, aí. PALA, LA. O que nós precisamos? PALA, fala LA pra pro.

[79] C9- LA.

[80] P- O que você escuta quando fala LA?

[81] (C9 fica pensando).

[82] P- Que letrinha você escuta quando fala LA?

(C9 fica perdida, olhando para o alfabeto móvel).

[83] P- Que letra que é que você quer pegar, C9? Fala pra pro. Ó, PALAAAA. O que você escuta? Você acha que precisa de outro A? Se você acha que precisa, pode usar, PALA.

[84] (C9 pega outra letra A).

[85] P- PALÁCI, o que é o CI? Fala você.

[86] C9- PALACIII.

[87] P- Não precisa ficar insegura, se você acha que é, pode usar. Se tiver errado nós vamos corrigir.

[88] (C9 pega o)l.

[89] P- Isso. Agora, PALÁCIOOO.

[90] (C9 pega o O).

[91] P- Isso. Isso mesmo. Agora, vira pra cá. Agora, lê pra pesquisadora ver com o dedo.

[92] C9- Com o dedo?

[93] P- É vai mostrando. Lê, não é PALÁCIO, lê pra pesquisadora.

[...]

[95] P- C9, vem cá, agora. Vem ler aqui pra pesquisadora. Que letra é essa?

[96] C9- AAIO.

[97] P- Opa, vamos ler com a pro. A.

[98] C9- AAIO.

[99] P- Será que não faltou alguma coisa pra formar “palácio”? AAIO é de PALÁCIO? C2, o que precisa, aqui, pra formar PA?

[100] C2- Aqui PA, é o P e o A.

[101] P- Então, já tem o A, vamos pegar o P.

[102] C2- PALÁCIO.

[103] P- Será? Lê dinovo. PAAIO. Tá faltando coisa, ainda, não tá?

[104] C2- Eu acho que tá.

[105] P- Pra LA o que precisa?

[106] C2- Ai acho que o L.

[107] P- Eu também. Então vamos pegar o L, C9?

[108] C2- A C9 esqueceu o L.

[109] P- Não tem problema. Vamos ler agora, PALAIO.

[110] C2- Gente, tá faltando alguma letra.

[111] P- O que ta faltando, aqui, pra formar CI?

[112] C2- O que será gente?

[113] P- O que falta, aqui, pra ficar PALACIO. C2 vem aqui contar o que falta.

[114] C2- PALACIO. É o SI.

[115] P- Quase, é o C, CI. Tá completo, agora?

[116] T- sim.

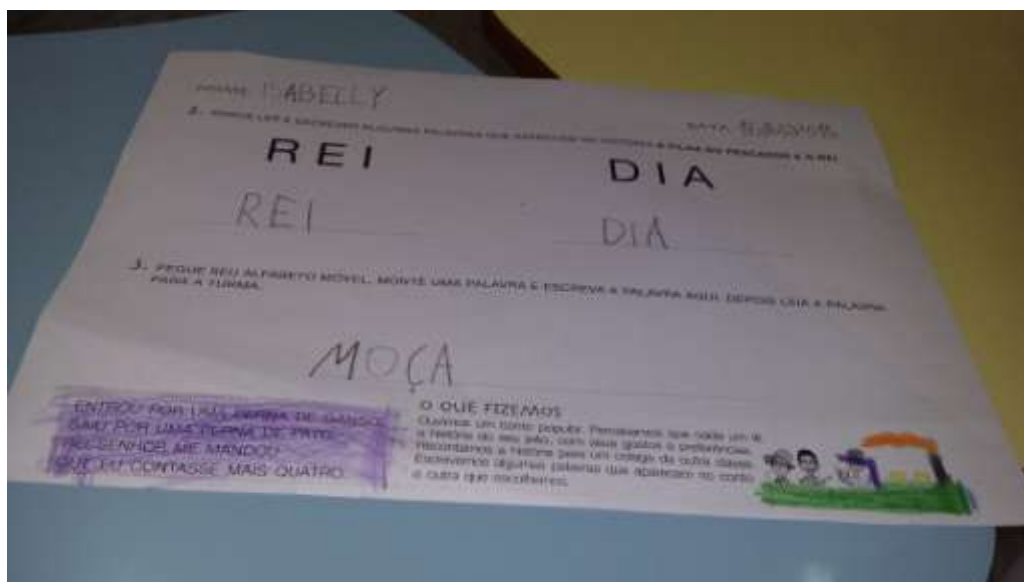
[...]

[133] (A professora explica a atividade individualmente aos alunos).

[134] (C8 fala que quer escrever CARNEIRO). A professora aonta para a lousa e diz:. Meu amor, qual palavra você quer escrever: MOÇA, CAVALO ou PALÁCIO. C8 escolhe CAVALO.

(recorte da gravação do dia 16/6/15)

Figura 3- Atividade com as palavras “rei” e “dia”.



Fonte: arquivo da pesquisadora

Neste episódio, a professora faz a escrita de duas palavras presentes na atividade que são “rei” e “dia”, vai pedindo as crianças que reconheçam as letras que compõem a palavra e juntamente seus fonemas, e solicita as crianças que digam outras palavras que apareceram na história.

Na linha 37, a criança dá como resposta “algodão doce”, é evidente que essa criança não diferencia ainda algodão de algodão doce, e sua resposta está ligada ao seu conhecimento de mundo, ao seu referencial de algodão.

Na linha 49, a aluna amplia para um sinônimo de palácio, que é “castelo”. Nas linhas 71 a 98, a aluna lê e escreve somente as vogais da palavra “palácio”. Na linha

115, a professora comete o mesmo equívoco que no episódio 6, cada fonema é único, portanto, neste caso ela deveria ter explicado para a criança que o “Cl” tem o som semelhante ao “Sl”, contudo, devido a nossa ortografia escrevemos com “Cl”. Faltou o cuidado da professora em explicar essa diferenciação, ao invés de dar a resposta pronta para a criança, como faz nesta linha.

Na linha 134, uma aluna diz que quer escrever “carneiro”, mas a professora não permite, diz que a aluna deve escolher uma das três palavras que está na lousa, assim como ela determinou. Aqui a professora acaba de cometer outro erro, pois não havia um critério específico que não permitisse a criança escrever “carneiro”. Segundo Vygotsky (1984), para o processo de aquisição da escrita, é necessário fundamentar-se nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças, tendo a escrita como um processo que vem de dentro para fora. Essa seria uma oportunidade de aprendizado para a criança, a palavra escolhida por ela tinha um significado e a professora ignorou sua solicitação.

Episódio de Ensino nº 14

[8] (As crianças ensaiam a música NO DIA DO MEU CASÓRIO, para a apresentação na festa junina).
(recorte da gravação do dia 18/6/15)

O objetivo de fazer este recorte é enfatizar o fato de a professora retornar à música da apresentação da Festa Junina.

Neste ponto, as crianças já acompanham melhor a canção, porém, continua sendo uma leitura e canto exaustivo, com a finalidade de uma apresentação perfeita. Essa atividade foi analisada no episódio 11.

Episódio de Ensino nº 15

[8] (Leitura da história: O balde das chupetas).
[9] P- Pessoal, a historinha de hoje eu não conheço. Nós vamos conhecê-la juntos. Chama assim: O balde das chupetas. Quem, aqui, gosta de chupeta?
(recorte da gravação do dia 19/6/15)

Neste exemplo, na linha 9, a professora comete um erro, trazendo um livro pra a leitura, que não conhece. Percebe-se que ela pouco se detém no funcionamento do ato de ler e das inter- relações que se estabelece, não se

preocupando com a finalidade dessa leitura, com a qualidade, com o assunto, com a forma que essa história é destinada à infância e com os aspectos externos do livro, como a capa e o tipo de letra, e principalmente não há a preocupação da história agradar as crianças.

Fato repetido nos episódios de nº17 e 19.

Episódio de Ensino nº 16

[9] P- Nós fizemos a colagem dos personagens no caminho que a Mindinha percorreu até chegar no meio das flores. Agora, pra encerrar isso, aqui, a nossa atividade da Mindinha, agora, a gente vai pintar só a cena que aparece, na história da Mindinha. Nesse primeiro quadro, que história está aparecendo aqui ?

[10] C2- Lobo mal.

[11] P- Do lobo mal. O lobo mal atrás da árvore, observando quem?

[12] C3- A Mindinha.

[13] P- Não. Quem é essa menina?

[14] T- Chapeuzinho Vermelho.

[15] P- Ah, então, essa é a história da Chapeuzinho Vermelho. Agora, essa história, aqui, quem continua aqui?

[16] C1- O lobo mal, disfarçado de vovó.

[17] P- E qual história que é, então?

[18] C8- do lobo mal.

[19] P- Mas, como chama a história?

[20] I- Chapeuzinho Vermelho.

[21] P- E, aqui, no meio, é a história de quem?

[22] T-da Mindinha.

[23] P- Da Mindinha. Muito bem! Aqui, é quando a Mindinha subiu naquela folha verde no rio. Então, qual o trecho que pertence à Mindinha o 1º, o 2º ou o 3º.

[24] C2- Aquele.

[25] C5- O primeiro.

[26] C6- O segundo.

[27] P- Isso o segundo, que é o do meio. E, aqui, tem uma poesia:

[28] Era uma vez uma menina do tamanho de um botão.

Seu nome era Mindinha cabia na minha mão.

[29] P- Vamos falar com a pro.

[30] (A professora fala o poema e as crianças repetem).

[31] P- Então, agora, vocês vão pintar só o trecho da história que pertence à Mindinha, que é o do meio, tá? Pode colocar a data onde quiser, embaixo, em cima. (recorte da gravação do dia 25/6/15)

Neste episódio, a atividade dada pela professora tinha o propósito das crianças identificarem a história da “Mindinha” nas cenas, assim como as outras histórias. Atividade desse tipo desenvolve duas funções psíquicas: a percepção e a memória das crianças.

Na linha 27, pode-se notar que há o desconhecimento de gênero pela professora. Ela se refere ao gênero poema designando-o como poesia.

Episódio de Ensino nº 17

[6] P- Essa história é novidade pra pro também, não sei se ela é legal ou chata. Vamos descobrir juntos?

[...]

[11] P- Ninguém comia os gatos, que comiam os passarinhos. Isso irritava muito as minhocas, que comiam os amendoins. Um dia, uma minhoca muito irritada comeu o gato. Olha como ficou a barriga da minhoca.

[12] C6- Isso não é boa coisa. To achando estranho.

[13] C2- Acho que é uma sucuri.

[...]

[26] P- Boa, vamos ver. Mas, como os gatos e os passarinhos comeram os amendoins, não sobrou nada para as minhocas. Olha a carinha delas, boquinha aberta, mas sem nada para comer. Daí em diante, para não ficar sem comida, as minhocas começaram a comer pedrinha.

[27] C2- Mas minhocas não comem pedras!

[28] P- E isso as irrita muito. Quem gostou da história?

[...]

[110] P- Escuta só o poeminha que está aí no vagãozinho (se referindo a uma imagem da atividade).

Põe o dedinho no vagão. Vamos escutar a poema, olha só.

As flores do meu jardim cheiram muito bem,

Eu vou fazer um buquê e vou dar para meu bem.

[...]

[112] P- Agora, olha só. Tem uma palavrinha escrita, aí. Que letrinha tem? Fala pra pro.

[113] T- J, O, G, O.

[114] P- O que vocês acham que pode estar escrito aqui?

[115] C2- JÓGO.

[116] P- Isso mesmo C2. A C2 falou JÓGO. É JOGO. Vamos copiar. Não tem a linha, aí, vamos copiar a palavrinha aí.

[117] (Professora faz na lousa também.)

(recorte da gravação do dia 11/8/15)

Conforme apontamos no episódio 15, neste, a professora, mais uma vez traz uma história que não a leu previamente (linha 6).

Nas linhas 12 a 13, os alunos estranham o conteúdo da história, que é compreensível, pois este apresenta uma incoerência com o conhecimento de mundo deles: minhocas comerem gatos. Na linha 27, há outro estranhamento do conteúdo da história, que fere o conhecimento de mundo das crianças: minhocas também não comem pedras. A aluna se manifestou e a professora ignorou o seu comentário.

Na linha 110 a professora comente o mesmo erro do episódio 16, reafirmando a confusão que faz entre a classificação do gênero poema com a sua característica “poesia.

A atividade trabalhada nesse episódio é a cópia da palavra “JOGO”. Inicialmente, a professora pede para as crianças identificarem as letras, e respectivamente a palavra formada pela junção dessas letras e, por fim, a cópia da palavra formada. De acordo com Vygotsky(1984), parece claro que o domínio da linguagem escrita, um sistema complexo de signos, não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa.

Episódio de Ensino nº 18

[1] P- Vamos cantar uma música, a do...

[2] C2- Jacaré.

[3] P- Vamos fazer

Lá vem o jacaré, o orangotango
As duas serpentinhas, a águia real
O gato, o rato, não faltou ninguém
Só não se via os dois piquenes.
Lá vem o uuuuuu(com a boca fechada sem falar)
o orangotango
As duas serpentinhas, a águia real
O gato, o rato, não faltou ninguém
Só não se via os dois piquenes.

[4] (Faz isso até passar por todos os personagens da música).

[5] P- Agora vamos fazer a do ratinho.

Um ratinho bonitinho que fazia QUIQUIQUI.

Comeu todo o meu queijinho que estava bem aqui. Eu armei a ratoeira pra pegar o traidor,

Mas prendi o meu dedinho, puxa vida, aí que dor!

[6] P- Agora

TOC TOC TOC quem bate pode entrar, sou o pintor sua casa vou pintar.
Na varanda, vou pintar três macaquinhos para alegrar o coração dos menininhos,
Na cozinha, vou pintar três bananeiras para alegrar o coração da cozinheira,
No quintal, vou pintar um cachorrão AUAUUAU, pra assustar a cara feia do ladrão.

[7] P- Vocês conhecem a música do trem maluco?

[8] T- Não

[9] P- Eu acho que vocês conhecem.

O trem maluco quando sai de Pernambuco vai fazendo CHIC CHIC, até a vida melhorar.

Rebola pai, rebola mãe, rebola filha eu também sou da família também quero rebolar.

[10] P- Agora cantando junto com a pro. Vocês sabem a música do sabiá?

Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou, voou, voou,
E a menina que gostava tanto do bichinho chorou, chorou, chorou,

Sabiá fugiu pro terreiro, foi cantar lá no abacateiro e a menina pôs-se a chamar vem sabiá, vem.

[11] P- Vamos cantar a do sabiá?

[...]

[38] P- Então, vamos colocar o título, ali na nossa lousa. Vamos lá, pessoal, ajudando a pro. O nome da nossa história é NÃO VOU DORMIR. O que eu preciso pra escrever esse NÃO?

[39] C5- NA, A.

[40] P- Tem o A.

[41] C2- É o N.

[42] P- C5 você falou NA, é isso mesmo o Na, tá certo. O N sozinho é apenas N, se ele tiver o A próximo dele fica NA, e pra ele virar NÃO?

[43] C2- é o O.

[44] P- Isso. Só que, se eu pôr ele aqui, tá escrito NAO, tá certo, Nao?

[45] C2- Não.

[46] P- Ele precisa de alguma coisa pra virar NÃO, igual João, pão, mão. O que ele precisa?

[47] (A diretora vem na sala e a professora pede para ela lembrá-la da segunda parte da música do sabiá, que ela não se lembra).

Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou, voou, voou,

E a menina que gostava tanto do bichinho chorou, chorou, chorou,

Sabiá fugiu pro terreiro, foi cantar lá no abacateiro e a menina pos-se a chamar vem sabiá, vem cá.

Sabiá responde de lá não chore que eu vou voltar.

[48] P- Do galinho agora.

[49] D- Faz três noites que eu não durmo olala, pois perdi o meu galinho olala, pobrezinho olala, coitadinho olala, eu perdi lá no jardim.

Ele é branco e amarelo olala, tem a crista vermelhinha olala, bate as asas lala, abre o bico lala, ele faz quiriquirei.

Já rodei o Mato Grosso lala, Amazonas e Pará olala, econtrei olala, meu galinho olala, no sertão do Ceará.

[50] D- E aquela uma assim:

Havia uma barata na careca do vovô. Assim que ela me viu bateu asas e voou. Seu Joaquim quim quim, da perna torta ta ta, dançando valsa sa sa, com a Maricota ta ta. Ela me disse ce ce, que não bolisse ce ce o meu chapéu péu péu da D. Alice ce ce.

[51] D- Essa, aí, tem que cantar brincando de roda. E o meu chapéu tem três pontas?

O meu chapéu tem três pontas, tem três pontas o meu chapéu.

[52] D- Agora, a gente vai tirar o chapéu.

O meu tem três pontas, tem três pontas o meu

[53] D- Agora, vai tirar chapéu e três pontas.

O meutem...., temo meu...

[54] D- Agora, vamos cantar outra cantiga de roda.

Samba lele tá doente, tá com a cabeça quebrada, samba lele precisava é de umas boas palmadas.

Samba, samba, samba o lele, pisa na barra da saia.

Samba, samba, samba o lele, pisa na barra da saia.

[55] D- E tem o Samba crioula, que é assim.

Samba crioula que vem da Bahia, pega a criança e põe na bacia.

A bacia é de prata e ariada com sabão,
Depois de ariada vai lavar seu roupão.

Seu roupão é de seda, touquinha de filó, cada um pega seu par pra não ficar pra vovó.

[56] D- Quem ficou pra vovó? Diretora. Daí cada um pega seu par.

[57] D- Brincadeira de roda eu já ensinei. Brincadeira de roda é sempre assim, fica um amigo no meio e o resto em volta.

Ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a volta e meia, volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste vidro se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. Por isso seu C5 faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora.

[58] D- Fala assim: rei capitão

[59] C5- Rei capitão.

[60] D- Soldado ladrão.

[61] C5- Soldado ladrão.

[62] D- Moça bonita.

[63] C5- Moça bonita.

[64] D- Do meu coração.

[65] C5- Do meu coração.

[66] D- Agora, ele vai fazer o oxindolele.

Oxindolele, oxindolala, Oxindolele, oxindolala

Não sou eu que vai ficar.

[67] (A diretora explica a brincadeira de roda, e faz com os nove alunos, cantando várias músicas).

(recorte da gravação do dia 13/8/15)

Neste episódio, a professora inicia a aula cantando algumas músicas, após fazer a leitura da história, ela faz a escrita do título, porém, como percebido nas linhas 38 a 46, a professora começa a escrita, mas não a termina, porque foi interrompida pela diretora.

Ela entra na sala para falar com a professora, e esta pergunta-lhe se se lembra da música do Sábia. Esta interagiu na atividade fazendo a brincadeira de roda com cada aluno.

Ao término dessa atividade a professora não retomou a escrita do título do livro trabalhado, iniciada antes do canto.

As músicas não tiveram fim pedagógico, pois não foram relacionadas ao desenvolvimento do psiquismo da criança para que desenvolva, por sua vez, a escrita.

Episódio de Ensino nº 19

[8] P- Essa história de hoje a pro também não conhece. Chama Coach.

[...]

[19] P- Então, vamos lá. Lembra que a pro falou que ia separar algumas parlendas para fazer no dia da família na escola. Estão lembrados? A pro até falou com as meninas, com os meninos, nós podíamos fazer uma todos juntos. Qual foi que a pro separou para os meninos? Quem lembra?

[20] C5- Eu sei, é o da laranja.

[21] P- Isso mesmo. E para as meninas, quem lembra?

[22] P- Olha essa. Essa é bonitinha para todo mundo falar junto. Olha só.

Uma velha muito velha

Mais velha que o meu chapéu

Foi pedida em casamento

Levantou as mãos para o céu.

[23] (Todos repetem).

[24] P- Agora a dos meninos, vamos repetir.

Laranjeira pequenina

Cercadinha de flor

Eu também sou pequenino

Cercadinho de amor.

[25] P- Vamos falar de novo, vocês dois. (C1 e C5 repetem.)

[26] P- Vamos lá, meninas, vamos ajudar a pro.

A mamãe na janelinha

O papai no corredor.

O vovô de cuequinha para dançar rock roll.

[27] P- Agora, a outra.

La em cima daquele morro tem um pé de abricó

Quem quiser casar comigo vai pedir a minha vó.

[28] C8- É essa, aí.

[29] P- É essa mesmo. Meninas, vêm aqui. Vamos falar.

La em cima daquele morro tem um pé de abricó

Quem quiser casar comigo vai pedir a minha vó.

[30] P- Vamos fazer de novo, meninas. Vamos fazer a da bruxinha, também. Todo mundo.

Era uma bruxa num castelo

Com uma faca na mão

Passando manteiga no pão.

[31] P- Outra. Vamos verse vocês sabem.

Pisei na pedrinha, pedrinha rolou

Pisquei pro mocinho, mocinho gostou.

Contei pra mamãe, mamãe nem ligou.

Contei pro papai, chinelo cantou.

[32] P- Mais uma para os meninos.

A mamãe na janelinha,

O papai no corredor.

O vovô de cuequinha para dançar rock roll.

(recorte da gravação do dia 3/9/15)

Neste episódio, a professora volta a cometer uma antiga falha, ao trazer uma história que não conhece, que não leu antes de trabalhá-la com as crianças.

A professora ensaia com as crianças algumas parlendas, que serão apresentadas na festa da Família na escola. As parlendas são escolhidas pela professora e ela separa por gênero, mas sem um critério específico, apenas para que, na apresentação, haja mais parlendas, mais conteúdo.

Episódio de Ensino nº 20

[14] P- Agora, vocês vão desenhar a história do “Homem da chuva”, a gente vai pintar e depois vai passar giz pra ficar bem bonito.

[15] (Professora intervém no desenho, pois as crianças estavam pintando as nuvens de vermelho, verde etc. Ela fala que tem que ser azul ou cinza.)

(recorte da gravação do dia 8/9/15)

Neste dia, foi uma professora substituta. Ela, após contar uma história, pede as crianças que a represente por meio do desenho. Contudo, ao ver as crianças pintando as nuvens de outra cor como vermelho e verde, intervém no desenho, apontando que estas deveriam ser azuis ou cinzas. Percebe-se, aqui, que a professora tende a permanecer no campo perceptório visual. Assim procedendo, considera a liberdade de criação que leva à imaginação e à abstração como um erro. Entretanto, segundo Vygotsky (1984), a criança tem de fazer descobertas originais ao inventar uma maneira apropriada de representação; observa-se que esse processo é decisivo para o desenvolvimento da escrita e do desenho na criança.

Episódio de Ensino nº 21

[21] (Professora pega o alfabeto móvel para utilizar na escrita dessas palavras.)

[22] P- Quem é que lembra como escreve SACI?

[23] C6- Com C.

[24] P- Opa, C, SA.

[25] C2- É o S e o A.

[26] P- SA, CI, C3, fala você.

[27] C3- É o I.

[28] P- Você fala só o I ou fala alguma coisa junto com o I?

[29] P-SACI, CI, o que é?

[30] C2- Eu sei, é o C e o I.

[31] P- Muito bem, SACI. Aonde o SACI mora mesmo? MATA, como escreve MATA mesmo. C9 escreve pra pro MA de MARIA.

- [32] C9 coloca o A.
- [33] P- Aqui, você colocou A. Eu quero MA, MA de Maria, do seu nome. Que letra que é?
- [34] C9- M.
- [35] P – Isso. Agora a gente formou um som, MA, MATA. Vamos pensar com a pro, C1, o que é TA? O que você acha que precisa?
- [36] C1-I.
- [37] P- C1 fala comigo, TA, não tem I. O que você tá escutando quando fala? C6, o que você escuta quando fala TA?
- [38] L- O T.
- [39] P- Só que o T sozinho é só T. Que letrinha especial que ele precisa?
- [40] E-A.
- [41] P- Vem, aqui, pegar o A. Vamos ler com a pro MATA. E o que a pro falou mesmo que precisa jogar no saci para prendê-lo?
- [42] C3-PENEIRA.
- [43] P- C1 PENE, começa igual Pedro, que letra que é?
- [44] C1-P.
- [45] P- Coloca o P, aqui. Esse P igual no seu nome. Se ele estiver sozinho, é só P. Que vogal precisa pra ficar PE, igual do seu nome?
- [46] C1- E.
- [47] P- Pode pôr o E aqui. C3, PENE, o que é o NE?
- [48] C6- NE, NE.
- [49] P- O que é esse NE?
- [50] C6- o N e o E.
- [51] P- PENEI.
- [52] C6- I.
- [53] P- PENEIRA, o que é o RA?
- [54] C6- O A.
- [55] P- Tem o A, mas eu não tô falando só A.
- [56] C2- Eu sei, pro.
- [57] P- Pode colocar.
- [58](C2 pega o R e o L o A.)
- [59] P- Vamos ler com a pro PENEIRA. Começa com que letra?
- [60] C1- P de Pedro.
- [61] P- E a última, vamos ver. A pro falou que o saci é muito SABIDO. O que é sabido? Ele é muito inteligente. SA, o que é SA.
- [62] C2- é o S e o A.
- [63] P- SABI, C8 vem, o que você acha que é o BI?
- [64] E- É o I.
- [65] P- Tem o I, mas tô falando alguma coisa junto.
- [66] Y- É o B.
- [67] P- Isso. SABIDO, C9, DO.
- [68] C9- É o O.
- [69] P- É o O , mas não é só o O. DADO começa com que letra, DINOSSAURO, DEDO. DD que letra que eu to falando?
- [70] C9- D.
- [71] P- é o D. SABIDO. Lê pra gente C9.
- [72] C9- SABIDO.
- [73] P- Então, vamos ler as três palavrinhas que formamos?
- [74] T- MATA.

- [75] P – Que é o M da Maria e a gente pode formar MA, ME, MI, MO, MU.
 [76] T- PENEIRA.
 [77] P- Que é o P de Pedro. O que a gente pode formar C2?
 [78] C2- PA,PE, PI, PO, PU.
 [79] P – Isso. Agora o S que escrevemos SABIDO.
 [80] Y- Pode escrever SA, SE, SI, SO, SU.
 [81] P- Alguma coisa que começa com SO? SONECA, o que mais?
 [82] C1- SORO.
 [83] P- Muito bom, e com SA?
 [84] C8- SAPO.
 [85] P- C1, que mais? C9, C3?
 [86] P- SALADA. E com PA?
 [87] C2- PANELA.
 [88] P- PA, PA.
 [89] C6- PAPAI.
 (recorte da gravação do dia 11/9/15)

Neste episódio, a professora aproveita que está trabalhando sobre folclore e propõe a escrita de algumas palavras relacionadas ao tema. Na linha 23 a criança confunde-se na escrita de SACI, afirmando que a letra inicial desta palavra é escrita C, pois o fonema é /s/, exatamente o mesmo da letra S, que inicia a referida palavra. Na linha 27 a criança ouve apenas o som da vogal.

Segundo Vygotsky (1984, p.133): “a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida”.

Da linha 81 a 89, a identificação de palavras com início SO, PA e SA, para a identificação do fonema.

Episódio de Ensino nº 22

- [26] (Atividade)
 [27] P- Todo mundo olha pra cá. Olha o dedo da pro.
 [28] T- O SACI É LEVADO.
 [29] P- Agora, vocês vão copiar a frase embaixo.
 [30] (Professora explica a atividade para o C5.)
 [31] P- Pessoal, aí, na nossa atividade, já veio escrito essa frase, essa ideia sobre o saci, não é? Vocês estão vendo que, aí, embaixo tem um outro espaço. Então, nesse espaço, nós vamos escrever uma frase que nós vamos criar sobre o saci. O que a pro falou? Que a frase é uma ideia. O que nós podemos falar sobre o saci, pessoal?
 [33] C1- Que o saci é levado.
 [34] P- Não, já tá, aí. Precisa de uma outra coisa.
 [35] C8- Que ele pega o ovo da galinha.
 [36] C3- Bota prego no chão.

- [37] P- Aqui, ele fala que o saci é levado. O que mais ? O que o saci tem? Como ele é?
- [38] C4- Ele tem gorro vermelho.
- [39] C2- Pula no pé só.
- [40] P- Se eu falar assim: O saci tem uma perna só. É uma frase?
- [41] T- É.
- [42] P- É uma ideia. Que mais vocês falaram? O saci usa gorro. Outra ideia. O saci tem um furo na mão.
- [43] C3- Ele é todo preto.
- [44] C2- Ele tem cachimbo.
- [45] P- O saci fuma cachimbo. Tudo isso são ideias, são frases ?
- [46] T- Sim.
- [47] P- E agora, nós temos que escrever uma na atividade. Vamos escolher.
- [48] C8- Ele pegou o ovo da galinha.
- [49] P- Mas não dá pra escrever tudo, é uma só.
- [50] (Professora coloca três frases na lousa.)
- [51] O saci usa gorro.
O saci fuma cachimbo.
O saci rouba os ovos da galinha.
- [52] P- Nós vamos fazer uma votação, a que tiver mais pontos nós vamos escrever.
- [53] P- A do gorro teve três pontinhos; a da galinha, cinco. Então, nós vamos escrever a da galinha. Pode ser?
- [54] C2- Todo mundo.
- [55] P- Todo mundo vai escrever a mesma frase. O saci pegou os ovos da galinha. Lá no comecinho da linha. Agora, com lápis de escrever.
- [56] C2- O pro, eu vou ter que fazer do gorrinho, né?
- [57] P- Não, da galinha, todo mundo.
(recorte da gravação do dia 15/9/15)

No episódio 22, a professora explica aos alunos o que é uma frase, ideia expressa na linha 31. A explicação sobre frase procede, mas, falar sobre o conceito na Educação Infantil, é complicado, pois as crianças não estão totalmente alfabetizadas e ainda estão desenvolvendo a escrita, e seu pensamento.

Na linha 56 a professora um equívoco, ao proibir a aluna de escrever a frase que ela queria. Com essa atitude, a professora inibe o desejo da aluna, incentivando uma escrita que, provavelmente, para ela, não teve significado, já que a sua escolha foi outra. A professora perde uma oportunidade de ensino, onde poderia trabalhar a escrita de palavras que se iniciam com a mesma letra, ou com o mesmo fonema, presente na frase escolhida pela aluna.

3.4 Síntese da Análise dos dados

A análise dos dados demonstrou que, na turma observada, a escrita foi apresentada através de atividades de correlação entre som e fonema por meio de métodos da soletração e silabação e método fônico, que exploravam a cópia (escrita externa) de palavras e o traçado das letras, tendo como estímulo a escrita do título da história lida às crianças pela professora.

A professora utilizava como estratégia de escrita o título da história lida, a qual era praticada todos os dias, após o término da leitura da história. Para a compreensão dos alunos, a professora soletrava letras para formar a sílaba, e depois pronunciava a sílabas formadas para formar a palavra. Ela acreditava que, através desse método, o entendimento dos aprendizes seria maior. Contudo, as crianças acabavam confundindo alguns fonemas, devido a proximidade do som entre eles, como o CA com o /k/; Z com /s/; o S com /z/; C com /s/, entre outros.

Nos episódios selecionados, a professora deixa passar algumas oportunidades de trabalho, nos quais poderia explorar a escrita e o som de algumas palavras, solicitadas pelos próprios alunos. A atitude dela foi ignorar o pedido da criança, sem nenhuma explicação ou regra pré-estabelecida. Ficou nítida a decepção dessas alunas diante da negação da professora a um pedido que, para elas, estava revestido de significado.

Através das atividades de escrita desenvolvidas em aula, percebe-se que o seu ensino está voltado ao ato externo, e não nos atos internos que propiciam o desenvolvimento do simbolismo na criança até chegar ao conceito de signo, momento em que se conquista o desenvolvimento do raciocínio abstrato. Muito menos o ensino tem como ponto de partida as situações em que a escrita se faz necessária à criança, e, nesse quadro que as habilidades “naturalmente” são desenvolvidas pela criança. A organização do ensino da escrita orienta-se para o ato externo apenas; transforma-a num processo mecânico que exclui a noção de símbolo. Como retratado por Vygotsky (1984), a escrita é um sistema simbólico extremamente complexo, com papel fundamental no desenvolvimento cultural e psíquico do ser humano. É o desenvolver do simbolismo na criança, constituído de metamorfoses inesperadas, de transformações de algumas formas particulares de linguagem escrita em outras. Fica evidente, que tal prática não poderia ser

trabalhada de maneira puramente externa. Contudo, a pesquisa corroborou o fato evidente na fala de Vygotsky (1984, p. 183): “ensinamos a traçar as letras e a formar palavras com elas, mas não ensinamos a linguagem escrita”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que, definitivamente, o ensino da escrita no último ano da Educação Infantil, não está para promover o desenvolvimento do símbolo na criança, pois trabalha essa linguagem de maneira mecânica, com práticas voltadas ao traçado das letras, excludentes à noção de símbolo. A prática escolar reproduz essa ideia a todo instante, transformando o ensino da escrita em um processo mecânico, enquanto que a maior conquista da educação é permitir a criança sua formação e o seu desenvolvimento máximo da inteligência e da personalidade.

Comprova-se, então, com esta pesquisa, a afirmação de Vygotsky (1984, p. 183): “nosso ensino ainda não se baseia no desenvolvimento natural das necessidades da criança, nem em sua própria iniciativa: lhe chega de fora, das mãos do professor e lembra a aquisição de um hábito técnico”.

Diante dos acertos acima, os objetivos da pesquisa não foram atendidos, pois as atividades aplicadas não promoviam o desenvolvimento do símbolo na criança, tão necessário à aprendizagem da escrita *de dentro para fora*, segundo a esteira de Vygotsky.

As práticas eram convertidas ao traçado das letras, e trabalhadas de maneira puramente mecânica e externa, não eram desenvolvidas em momentos de aprendizagem formal, mas em ocasiões em que, naturalmente, esse conhecimento é requerido.

Durante a realização da pesquisa, a maior dificuldade encontrada foi em relação as datas comemorativas, que ocupavam grande tempo da aula e, com isso, inúmeras vezes, a coleta de dados foi prejudicada, pois a professora trabalhava outras atividades que não envolviam a linguagem escrita, devido ao tempo disponível.

De acordo com os resultados deste trabalho, e das informações obtidas, seria possível aprofundar-se no tema, realizando outra pesquisa. E, para um trabalho futuro, investigar se a professora tem ciência da importância do desenvolvimento do simbolismo como condição para a escrita *de dentro para fora*, compreendendo que a escrita é o culminar de transformações naturalmente desenvolvidas na criança. Se se constar que a professora tem essa consciência, é possível levantar o seguinte

questionamento: Por que ainda se ensina a escrita de maneira externa e mecânica, com práticas excludentes à noção de símbolo?

Se houvesse uma mudança em relação a suas práticas pedagógicas, seria possível fazer uma comparação de dados entre o ensino mecânico e externo e o que trabalha a escrita por meio de atos internos, *de dentro para fora*, desenvolvendo o simbolismo na criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **Vol 3: Conhecimento de mundo**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In: VIGOTSKII, L. S.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2001.

MELLO, S. A. **O processo de aquisição da escrita na Educação Infantil: contribuições de Vygotsky**. In: GOULART, A. L. Linguagens infantis: outras formas de linguagens. Campinas: Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA, M. k. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através do presente Termo solicito o **consentimento** do Diretor Municipal de Educação de Duartina para realização de ações vinculadas ao desenvolvimento da pesquisa **“O ensino da escrita no último ano da Educação Infantil: práticas convertidas ao traçado das letras excludentes à noção de símbolo”** que envolverá **observação e gravações em áudio**. As ações propostas não irão interferir no andamento regular da turma a ser pesquisada, respeitando a autonomia de trabalho e a organização pedagógica que lhes são características. A pesquisa será orientada pela Prof^a Dr^a Rosa Maria Manzoni, docente do Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Bauru.

Em respeito às normas de ética (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde), cumpre salientar que a pesquisa supracitada tem exclusivamente objetivos de natureza acadêmica e científica. Deste modo, esclareço que não haverá nenhum tipo de divulgação comercial das informações coletadas, exceto divulgação dos resultados em eventos científicos e periódicos, com o objetivo de colaborar com o avanço das pesquisas.

Informo também que nenhuma das ações propostas envolverá risco de dano físico ou moral aos envolvidos no projeto.

Aproveito para agradecer a autorização para realizar a referida pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

Juliane de Cássia Garla

Aluna regularmente matriculada no 4ºano de Pedagogia – Unesp - Bauru

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Estou ciente das atividades que serão realizadas no âmbito da Diretoria Municipal de Educação e da possibilidade de acesso ao material coletado e produzido através das mesmas. Desta forma, autorizo que a pesquisa seja desenvolvida na escola de Educação Infantil, da rede municipal de Duartina, durante o ano de 2014, e permito a realização de observações, entrevistas, atividades com os alunos e análise de documentos, em situações previamente combinadas com os responsáveis pelas escolas.

Concordo, também, com a divulgação dos resultados provenientes dessa pesquisa em eventos científicos e periódicos, com o objetivo de colaborar com o avanço das pesquisas educacionais, sendo preservado o direito de sigilo à identidade pessoal dos participantes.

Duartina, ___/___/___

Diretoria Municipal de Educação

Nome Legível: _____

Função/cargo _____

Assinatura: _____

APÊNDICE 2

Siglas:

P- Professora
 C1- Criança 1
 C2- Criança 2
 C3- Criança 3
 C4- Criança 4
 C5- Criança 5
 C6- Criança 6
 C7- Criança 7
 C8- Criança 8
 C9- Criança 9
 PE- Pesquisadora
 T- Todos
 D- Diretora

Gravação - 26/05/15

[1] Oração

[2] História: Anton e as meninas

[3] Professora inicia a leitura da história: Anton tem um baldinho, Anton tem uma pá. Anton tem um carro grandão, mas as meninas não olham.

[4] Anton chegou com o carro dele bem grandão e quem tá brincando na areia, duas meninas.

[5] C3- Uma menina de cabelo curto.

[6] P- Anton sabe pular alto, Anton é forte. Anton fazendo de tudo, pulando alto, mostrando que ele é forte. E as meninas?

[7] C3- Não ligou.

[8] P- Anton desliza de frente pelo escorregador e de barriga para baixo e de olhos fechados.

[9] P- Parece que já vi alguém fazendo isso.

[10] C8 Eu fui assim, lá no parque.

[11] P- Quem mais foi assim, de barriga já?

[12] C8- Eu vou escorregar, hoje.

[13] P- Mesmo assim as meninas não olham.

[14] C1- Olha, é que ele quer brincar na areia também.

[15] P- Também tô achando, C1.

[16] P- Anton fica chateado, Anton vai embora construir uma coisa. Olha a carinha do Anton aqui. Como tá a carinha dele, aqui?

[17] C2- Triste.

[18] C3- Bravo.

[19] T- Bravo.

[20] P- Anton constrói uma casa, Anton constrói a maior casa do mundo. Legal a casa dele?

[21] C3- Mas como ele vai fazer tudo isso sozinho?

[22] P- Olha ele construindo a casa dele.

[23] C6- Não vai ser fácil não.

[24] P- A casa cai, Anton chora. Então as meninas olham, Anton ganha um biscoito. É triste quando um amiguinho chora. As meninas convidam Anton para brincar. Anton se diverte. Lá vem o Lucas.

[25] C8- Lucas é esse (faz sinal para o C6).

[26] P- Será que o Lucas se juntou com ele?

[27] P- Lucas.. você acha que o Lucas da história se juntou com eles?

- [28] C6- Acho que sim.
- [29] (Professora termina a história e começa a escrita do nome dela na lousa).
- [30] P- Aaanton.
- [31] P- O que vocês acham?
- [32] C5- É o O.
- [33] P- Se a gente colocar o O, fica AO. Eu quero AN, quando eu estico esse sonzinho eu uso uma letrinha só que é o N.
- [34] P- Vamos ler com a pro.
- [35] P- Anton.
- [36] C2- É o T e o O.
- [37] P- T sozinho é só T, quando encontra o O vira TO. ANTON, ganha o N no final.
- [38] P- Anton E, o que a boquinha tá falando?
- [39] T- EEEEE.
- [40] P- Que? Então, eu vou escrever o quê?
- [41] T- O E.
- [42] P- Agora, vamos, facilite a falar outra coisa AS. O que a boquinha tá falando, agora?
- [43] T- A.
- [44] P- E pra esse A?
- [45] C3- É o S.
- [46] P- Vamos fazer junto com a pro, AS, é o assobio AS, é o A e o S, né ?
- [47] P- Anton e as meninas.
- [48] C3-É o E.
- [49] P- Tem o E.
- [50] C2- É o M.
- [51] P- Isso começa com, com que letrinha você falou mesmo, C2?
- [52] C2- M.
- [53] P- C2 falou o M. Tá certo, o M da Maria e de Amanda também tem. C4 o que você acha, agora, que esse M tem pra ficar MEE.
- [54]C4-E.
- [55] P- E as MENI
- [56] C5- O I.
- [57] P- Tem o I.
- [58] T- O N.
- [59] P- MENINAS
- [60] C2- O NA.
- [61] P- MENINAS.
- [62] C2- SA.
- [63] P- Mas já coloquei o A.
- [64] P- MENINAS.
- [65]C4-É o S.
- [66]P- Agora, vamos ler o nome da historinha todo mundo juntinho.
- [68] (Professora entrega o calendário para as crianças. Coloca a data na lousa e o clima.)
- [69](As crianças fazem a leitura individual do cartaz O Macaco e a Dona Sofia.)
- [70] Crianças:Meio-dia
 Panela no fogo
 Barriga vazia
 Macaco assobia
 Fazendo careta
 Pra Dona Sofia!
- [71] (Após a leitura de cada um, a professora solicita, individualmente, que eles achem as palavras ditadas por ela no cartaz.)
- [72] Atividade: A professora repete a palavra e pede para eles falarem com que letra começa.

Gravação– 28/05/15

- [1] P-A história do dia é: O dente ainda doía. Com fama de coitado não parava de reclamar ai, ui,ui, ai, será que vou aguentar.
- [2] P- Olha o jacaré. Nossa que sofrimento um jacaré com dor de dente. Dois coelhos ligeiros disputaram para ver quem era o primeiro que iria perguntar. O que foi, jacaré? Está doente? Não, pequeninos, estou com dor de dente. Dor de dente, disse o segundo. Eu sei como resolver! Pegue essa cenoura e comece a roer, mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, e o dente ainda doía.
- [3] P- Olha aqui quantos coelhinhos tem aqui. Vamos contar com a pro, um, dois.
- [4] P- A cenoura resolveu o problema?
- [5] C2- Sim.
- [6] P- Resolveu?
- [7] C3- Não.
- [8] P- Três mais entraram na conversa, a coruja e filhotes, pegue este graveto e cutuque bem forte. Mas nada resolveu, e o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto e o dente ainda doía.
- [9] P- Vamos contar com a pro.
- [10] C5- Uma, duas, três.
- [11] P- Agora, todo mundo junto.
- [12] P- A gente pode escrever os numerais usando um número, ou o nome deles, usando as letrinhas.
- Quatro tatus chegaram sem fazer barulho. Morda este pedregulho, mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordía o pedregulho e o dente ainda doía.
- [13] P- Será que tem quatro tatuzinhos aqui mesmo? Quem ajuda a pro a contar?
- [14] T- Contam um, dois, três, quatro.
- [15] P- E aqui começa com a letrinha T, 4.
- [16] P- Quem aqui já teve dor de dente?
- [17] C9 levanta a mão.
- [18] P- Dói, C9, muito? Tadinho do jacaré.
- [19] P- Cinco patinhos saíram da água para ver. Só com um carinho seu dente vai parar de doer. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordía o pedregulho e recebia carinho, mas o dente ainda doía.
- [20] P- Hum, será que tem cinco patinhos?
- [21] C5- Eu sei.
- [22] P- Vamos contar juntos.
- [23] T- Um, dois, três, quatro, cinco.
- [24] C6- Minha idade.
- [25] P- Isso mesmo, a idade de vocês. Seis ratinhos também quiseram dar a sua contribuição. Cubra seu dente com esse pedaço de sabão. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordía o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, e o dente ainda doía.
- [26] P- Será que tem seis ratinhos? Vamos contar?
- [27] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis.
- [28] P- Sete toupeiras saíram de um único buraco, ali bem pertinho. Que nada, mastiga essa raiz forte que ficará bom rapidinho. Mas nada resolvia. O jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordía o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão e mastigava raiz forte e o dente ainda doía.
- [29] P- Olha a toupeira, alguém já viu uma toupeira?
- [30] C3-Eu não.
- [31] P-É um animalzinho que costuma fazer buracos na terra para se esconder. Vamos contar com a pro.
- [32] T- Um, dois três, quatro, cinco, seis, sete. Oito sapos coacharam da lagoa. Essa é boa que ideia descabida. Melhor que tudo isso é uma mosca lambida.
- [33] C3- O sapo come mosca.

[34] P- Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordia o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia a mosca e o dente ainda doía. Alguém aqui já lambeu mosca?

[35] T- Não.

[36] C5- Vamos contar.

[37] P- Vamos contar.

[38] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito.

[39] P- Oito. Qual a primeira letra que eu falo?

[40] C3-O.

[41] P- Olha aqui a palavrinha (professora mostra no livro a palavra oito).

[42] C3-Oito.

[43] P- Nove esquilos de uma mesma família, mãe, pai, filho, filha, avô, avó, tio denguço, tia dentada e uma prima mau humorada soltaram as vozes. Coloque na boca esse punhado de nozes. Mas nada resolvia, o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordia o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia mosca, colocava nozes na boca e o dente ainda doía. Vamos contar.

[44] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.

[45] P- E aqui escrito com as letrinhas nove (professora mostra a escrita no livro). Ai que dó desse jacaré, melhor ele ir no dentista. Dez passarinhos vieram tentar resolver o problema.

[46] P- Será que os passarinhos conseguiram? Coloque no seu fucinho esta pena. Mas nada resolvia.

o jacaré roía a cenoura, cutucava com o graveto, mordia pedregulho, recebia carinho, cubria o dente com sabão, mastigava raiz forte, lambia mosca, colocava nozes na boca, botava pena bem na frente do nariz e o dente ainda doía.

[47] P- Será que tem dez pássaros aqui? Vamos ver C6?

[48] T- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

[49] P- De repente sem dar tempo de mais alguém chegar, o jacaré bufou e começou a ofegar. AAAAAAA - TCHIM. Deu um baita de um espirro e voou tudo. Opa o que é isso aqui?

[50] C3-O dente.

[51] P- O que voou junto?

[52] C3-O dente.

[53] P- Será?

[54] C6- Dentadura.

[55] P- Funcionou a pena me deixou bonzinho, já posso até matar a fome fazendo um lanchinho, e a bicharada toda deu no pé, ninguém quis ficar pra virar comida de jacaré. Olha aqui o que tem na mão dele.

[56] C5- Um garfo.

[57] P- Pra que?

[58] C5- Pra comer um rabo.

[59] P- Não, é pra comer algum desses daqui, que ajudou ele.

[60] P- Entrou por uma porta saiu pela outra, quem souber que conte outra.

[61] (Professora recorda as histórias da semana.)

[62] P- A primeira história foi a de segunda-feira, quem lembra o nome dela? Só um minutinho, foi a história da Dona Carocha. A história da terça-feira foi a do Anton e as meninas. Lembra da história? A de ontem Duas festas de ciranda, que teve a festa no brejo, o sapo mandou convidar todo mundo, lembram? E a história de hoje, como chama mesmo?

[63] C3-O dente doía.

[64] P- E o dente ainda doía. E, o que minha boca ta falando?

[65] C6- o E.

[66] P- Então, é o E que vou escrever.

[67] P-E, o.

[68] T- O.

[69] P- Vou dar um espacinho. Den.

[70] C5- D

- [71] P- Parabéns C5.
 [72] P- Agora, esse D, vai deixar de ser essa letrinha e se transformar num sonzinho O Deee, o que estou falando?
 [73] T- E.
 [74] P- Vamos esticar esse sonzinho. O N (professora coloca o N). Deeente.
 [75] C6- T.
 [76] P- Tem o T, e o T precisa da vogal E. Ainda, E o dente ainda doía. Ainda o que precisa?
 [77] T- A.
 [78] P- Ain,
 [79] C5- I
 [80] P- Vamos esticar. O que precisa. O N. E o Da, o que é?
 [81] C5- D.
 [82] P- E pra ficar DA.
 [83] T- A.
 [84] P- E o dente ainda doía. O que é o DO?
 [85] C6- D.
 [86] P- Eu já tenho o D, esse D vai se transformar em DO, o que ele precisa, C9? DOOOO.
 [87] C5- O.
 [88] P- E o dente ainda DOIII
 [89] C6- IIII... o I.
 [90] P- Do I.
 [91] C3- O I de Isabely.
 [92] P- Doiaaaa. O que precisa para terminar?
 [93] C6- Doía, doía, doía.
 [94] P- Termina com o que? Fala com a professora Doiaaa.
 [95] C5- O A.
 [96] P- Vamos ler todos juntos.
 [97] (Hora do calendário. I escreve na lousa o dia de hoje.)
 [98] (A professora entrega a atividade para as crianças, na qual elas tem que escolher um símbolo que represente a cozinha e o pátio).
 [99] P- Para o pátio, o que tem no pátio que pode ser um símbolo?
 [100] C8- Escorregador.
 [101] C3-Túnel.
 [102] P- Se decidiu pelo escorregador vai fazer só o escorregador, a gente quer só um símbolo, dessa vez.
 [103] Professora desenha na lousa.
 [104] P- O que mais? Tem a casinha que vocês brincam. Ah, outra coisa que tem no nosso pátio, a mesa que vocês comem e os banquinhos. Não tem lá?Então, vocês vão escolher o símbolo que vocês quiserem, mas um único símbolo tá.

Gravação 29/05/15

- [1] Leitura do dia: Um som animal
 [2] P- Tenho certeza que você não conhecem.
 [3] C6- Conheço sim, é do sapo.
 [4] P- E o que o sapo faz, agora quero saber.
 [5] O- Pula.
 [6] P- Todo sapo pula. Que mais?
 [7] C2- Come mosca.
 [8] P- Todo sapo come mosca.
 [9] P- Olha só esse livro. É da coleção nova que chegou na escola.
 [10] P- Chama-se assim: Um som animal.
 [11] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que agora eu vou contar. Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história agora vou contar.
 [12] P- Um som animal.

- [46] C9- M.
- [47] P- E precisa do A pra ficar MA, não é C9.
- [48] P- ANIMA, é um som ANIMA?
- [49] T- Não.
- [50] P- É ANIMAL, a boca fica mole, a gente vai usar o L no final, ANIMAL.
- [51] C6- O L de Lucas.
- [52] P- Vamos ver se vocês lembram o nome de todas as historinhas. Então, vamos lá. A primeira história da Dona Carocha.
- [53] C2- Só um minutinho.
- [54] P- Vamos ler: Só um minutinho. Da terça-feira.
- [55] C5- Anton
- [56] P- Isso, Anton e as meninas. E a de quarta-feira? (Lê com as crianças) Duas festas de ciranda. Lembram a historinha do sapo no brejo, que chamou os animais para festa? A história de ontem, que foi muito legal, que o Olavo trouxe.
- [57] C6- Dente doía.
- [58] P- Isso, olhem aqui. Vamos ler. E o dente ainda doía.
- [59] C2- A história do jacaré.
- [60] P- E a de hoje, Um som animal. Agora, vamos para o nosso calendário.
- [61] C9- Hoje, está ensolarado.
- [62] P- Hoje tá, né Juju.
- [63] C3- Começa com o 2.
- [64] C2- Hoje tem o SEX.
- [65] P- Pessoal, hoje é sexta-feira. Procurando o quadradinho é o último que tem aí. Pessoal, ontem, foi 28, o 2 e o 8. Hoje, é 29, continua o 2 e põe o 9.
- [66] Atividade
- [67] (Professora vem conversar comigo, explicar a atividade).
- [68] P- C9, ao invés de dar a lista para eles escreverem, a gente usa outro método, mais leitura, dá a lista pronta e eles localizam.
- [69] (Professora inicia a explicação da atividade para as crianças).
- [70] P- Aqui, na nossa escola, tem um monte de lugar que podemos ir: o pátio, cozinha, informática. Aqui, na lista da pro, tá prontinha, igual a de vocês, e aí estão alguns desses lugares da nossa escola. Quem sabe o que está escrito aqui?
- [71] C2- Eu, pátio.
- [72] P- E na debaixo?
- [73] C3- Cozinha.
- [74] P- Muito bem. Agora, e nesse?
- [75] C2- Sala...
- [76] P- Vamos lá: pátio, cozinha, sala de leitura. E aqui?
- [77] C5- Sala de informática.
- [78] P- Não. Olha aqui. Lembra que sala começa com S, que nós falamos. Olha, pessoal, tem o banheiro. Sabe o que está escrito aqui, BANHEIRO.
- [79] (As crianças repetem).
- [80] P- E aqui? O que está escrito? C6 fala com a pro SECRETARIA. Aqui, formamos a palavra "secretaria". Lá onde a B fica. "Secretaria" também começa com S. Só que, para formar SA, precisa do A e, para formar SE, a gente usa o E. Vamos lá, C2. DIRETORIA. O que está escrito aqui, C2? Quando tenho o D com I.
- [81] C2- DI.
- [82] P- R com E.
- [83] C2- RE.
- [84] P- T com O.
- [85] C2- TO. Diretora.
- [86] P- Espera um pouquinho. R com I.
- [87] C2- RRI.
- [88] P- RIA. Existe dirretoria?
- [89] C4- Diretoria.

- [90] P- Muito bem, C4. C8, vamos falar a letrinha com a pro.
 [91] C8- P-A-R-Q-U-E I-N-T-E-R-N-O.
 [92] P- O que forma P com A.
 [93] T- PA.
 [94] P- Parque interno. Agora, o C5.
 [95] C5- SA...C5 pensa... LA... D, E, INFO...
 [96] P- Essa é da mamãe (referindo-se a letra R, pois o nome da mãe do C5 começa com R)
 [97] C5 – R, agora, é M, A, T, I, C, A.
 [98] P- Vamos ler junto. Sala de informática. A pro vai ler sozinha para vocês. Depois, vocês vão fazer sozinhos a atividade. Todo mundo olhando. Pátio, cozinha, sala de leitura, banheiro, secretaria, diretoria, parque interno, sala de informática.
 [99](C4 acompanha a leitura das palavras com o dedinho).
 [100] P- Agora, todo mundo pega o lápis de escrever e vocês vão circular, para a pro, os dois lugares que emplacamos: o pátio e a cozinha. Onde está escrito “pátio” e onde está escrito “cozinha” ?

Gravação 02/06/15

- [1] C2- Eu fui no dentista, uma vez, com a C3. A vó da C3 levou ela. Daí, ela olhou meus dentinhos e falou que tá ótimo.
 [2] P- E lá tem uma cadeira mágica, lá no dentista onde você foi?
 [3] C2- Tem, e ela faz deitar e também tem uma luizinha, espelho, arzinho para passar nos dentinhos.
 [4] C3- Ai que dor! A cadeira deita assim e depois levanta.
 [5] P- Se você fala deita, ela deita; se você fala sobe, ela sobe.
 [6] C6- Você sabia que tem quatro cáries aqui no meu dente.
 [7] P- Credo, C6. Não tá escovando esses dentes de jacaré, não?
 [8] C6- Mas faz tempo já.
 [9] P- Ah tá.
 [10] P- Agora, zipa a boquinha.
 [11] (Professora começa a leitura da história).
 [12] P- Era uma vez, vai começar a linda história que, agora, eu vou contar. Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história, agora, vou contar.
 [13] P- O crocodilo e o dentista.
 [14] C6- Parece boa já.
 [15] P- Não conheço, parece que esse crocodilo tá com alguma coisa.
 [16] C2- Já sei, é um bicho de dente.
 [17] P- Estava tão divertido, o crocodilo pulando de um lado para o outro.
 [18] C1- O dente dele tá doendo.
 [19] P- Ta parecendo.
 [20] P- Mas, eu tenho que ir. E ele foi.
 [21] A- Ao dentista.
 [22] P- Aqui está escrito consultório dentário. Estava tão divertido, mas eu tenho que ir. Tá chegando ó.
 [23] C5- Ó ele já ta pronto pra ir.
 [24] P- Esse aqui é o dentista.
 [25] C5- Ele está preparando a injeção.
 [26] C6- A cadeira aqui.
 [27] P- Socorro! Socorro! O jacaré olhou para o dentista, socorro. O dentista olhou para o jacaré, socorro.
 [28] C1- O dentista ficou com medo.
 [29] C8- Aí o jacaré também ficou.
 [30] P- Aí o jacaré se esconde. E agora ? E o dentista? E agora?
 [31] C3- Deixa eu ver o dentista.
 [32] C6- Ele vai tratar cárie.

- [33] P- Um se escondendo do outro. Que medo! E o dentista ? Ai que medo!
- [34] P- Eles estão com os mesmos sentimentos né.
- [35] C2- Estão imitando um ao outro.
- [36] P- Mas vou ser corajoso, falou o jacaré. E abriu a boca. E o dentista falou: vou ser corajoso.
- [37] C2- Nossa senhora! Um bicho de dente!
- [38] C6- Que tamanho desse bichinho!
- [39] C2- Coitadinho do jacaré!
- [40] P- O jacaré: estou pronto para tudo, daí vem o dentista, estou pronto para tudo.
- [41] C3- Dinovo imitando.
- [42] C6- Olha a bocona babada.
- [43] P- Olha a cara do dentista e do jacaré. Aiui ai o jacaré, e o dentista aiui ai.
- [44] P- Olha, o que aconteceu quando o dentista mexeu na boca do jacaré. Olha onde ficou a mão do dentista.
- [45] C6- Tem que ser corajoso.
- [46] P- Mas que malvado! Disse o jacaré. E o dentista, mas que malvado, pensou segurando o braço. Um pensa a mesma coisa do outro.
- [47] P- Não vou desistir, pensou o jacaré. E o dentista a mesma coisa, não vou desistir. Só mais um pouquinho pensou o jacaré. E o dentista só mais um pouquinho.
- [48] C3- Dinovo.
- [49] P- Há, está colocando a massinha no dente.
- [50] C2- É massinha, pro.
- [51] C1- Eu já coloquei em dois dentes.
- [52] P- Ufa! Pensou o jacaré. E o dentista. Ufa!
- [53] C3- Dinovo.
- [54] P- Não é que eles imitavam, C3. Eles estavam com os mesmos medos, sentimentos; pensavam as mesmas coisas um do outro.
- [55] C2- Agora, o dente dele já sarou, né?
- [56] P- Agora, escuta.
- [57] P- O jacaré, me desculpe pelo incômodo, até a próxima. O dentista, me desculpe pelo incômodo, até a próxima, olha ele se despedindo. O jacaré saindo do consultório, credo nunca mais quero passar por isso, e o dentista espiando pela janela, credo nunca mais quero passar por isso. Então vamos escovar os dentes, pensou o jacaré. E o dentista, então vamos escovar os dentes.
- [58] P- Quem gostou da historinha?
- [59] T- Eu.
- [60] P- Como é a música do bicho papão? quem sabe?
- [61] T- Bicho papão não tem educação, almoça e janta sem lavar as mãos. Bicho papão ficou doente, bicho papão não escovou seus dentes.
- [62] P- Quem escovou os dentinhos hoje?
- [63] T- Eu.
- [64] P- Vamos colocar o nome da história aqui. Ontem, foi O sapo comilão. Hoje, é O crocodilo e o dentista. Então, vamos lá. O crocodilo.
- [65] C4- É o O.
- [66] P- É o O.
- [67] C2- O jacaré.
- [68] P- Não é jacaré. É crocodilo. CRO-CO.
- [69] C5- É o RO.
- [70] P- Tem o RO, só que seu eu colocar direto o RO fica Rocródilo. precisa de outra letra para ficar CRO.
- [71] C2- CRO.
- [72] P- Primeiro, tem o C. Agora, o RO, que o C5 falou.
- [73] P- O CROCO
- [74] C2- É o Q e o O.
- [75] P- Quase. Só que ao invés de Q é o C e o O.

- [76] P- CROCODI, o que é esse DI?
- [77] C4-É o I.
- [78] P- Tem o i, o que é o Di?
- [79] C5- o I.
- [80] P- Tem o I e antes pra ficar DI, preciso formar DI. C2, o que precisa? Vamos pensar gente.
- [81] C5- C.
- [82] P- Quase. É o D. D com I. O crocodilo e o denti... o que eu estou falando?
- [83] P- O crocodiLOO.
- [84] C4- É o O.
- [85] P- O LO. O crocodilo e o DEN, olha a bocona. E o DEN, o que eu estou falando?
- [86] T- D.
- [87] P – Isso, mas o D sozinho é só uma letrinha, a gente precisa formar um sonzinho. Ele vai ganhar o E. DEN, vamos esticar o som dele. Faz junto com a pro.
- [88] T- DEN
- [89] P- Que letrinha que usa? Não lembra C3?
- [90] L- N.
- [91] P- O N. O dentista e pra ficar TIS?
- [92]C4- O S.
- [93] P- Isso, e o DENTIS...DENTISTA.
- [94] C4- É o A.
- [95] P- Precisa do A e antes pra ficar TA de TATU?
- [96] L- T.
- [97] P- Isso, parabéns C6. Vamos ler com a pro.
- [98] T- O crocodilo e o dentista.
- [99] (Professora conversa com a sala sobre a festa junina).
- [100] P- Nós começamos o mês de junho, não foi? E o mês de junho é o mês das festas juninas, tá, pessoal ! O que é uma festa junina, C2?
- [101] C2- Uma coisa que você dança de carnaval.
- [102] P- Opa, de carnaval não, de caipira. É quando a gente dança aquela festa com aquelas roupas bonitas, enfeitadas, com rendinha, fitas. Por que é junina? Porque é a festa dos três santos, São Pedro, Santo Antônio e São João. Só que, hoje em dia, não se comemora as festas só por causa dos santos. Todo mundo pode comemorar, porque é a festa do mês de junho. E, nessa festa, sempre escutamos umas musiquinhas especiais. Que música vocês conhecem?
- [103] C6- Eu conheço, “a ponte quebrou, é mentira.”
- [104] P- É da quadrilha, né? E de comida gostosa, o que tem?
- [105] C6- Arroz, feijão.
- [106] P- Ai C6, isso não tem na festa junina. O que tem numa festa junina?
- [107] C3-Bolo.
- [108] P- Do que?
- [109] T- Morango, chocolate, sorvete.
- [110] P- Espera, vamos pensar um pouco. Numa festa junina, quais comidinhas encontramos? Pipoca, tem?
- [111] T- Tem
- [112] P- Chocolate quente?
- [113] C5- Tem.
- [114] P- Porque é frio, a gente toma coisas para esquentar o corpo. Quentão, o papai e a mamãe gosta. Vinho quente, bolo de fubá, canjica, quem já comeu? É feita de milho. Paçoquinha, pé de moleque. E pra enfeitar a festa junina, o que é usado?
- [115] C3- Bandeirinha.
- [116] P- Ah, legal. O que é usado pra enfeitar a festa junina, C5?
- [117] C5- Balão.
- [118] P- E as músicas?
- [119] C2- Também.

[120] P- São músicas antigas, sertanejas, cantigas. E aquela música assim: Cai,Cai balão, Cai, cai balão, quem conhece?

[121] T- Eu.

[122] P- Vamos cantar com a pro.

[123] T- Cai, cai balão, Cai, cai balão,

aqui na minha mão

não cai não, não cai não,

cai na rua do sabão.

[124] P- Quem já sabia?

[125] T- Eu.

[126] P- Vamos lá dinovo, todos. (as crianças cantam novamente a música Cai, cai balão, Cai, cai balão).E a outra assim:

Capelinha de melão é de São João, é de cravo é de rosa é de manjerição.

São João está dormindo não acorda, não. Acordai, acordai, acordai João.

[127] C5- Eu conheço só um pedacinho.

[128] P- Vamos cantar, ajuda a pro. (as crianças não sabem a música e não cantam. E qual outra vocês sabem?

[129] P- É noite de São João, o céu fica todo estrelado, todo iluminado, pintadinho de balão.

Olhando pra cabloca a noite inteira, é que fiz uma canção,

Oh, querido São João, quando eu era pequenino de pés no chão,

Recortava papel fino pra fazer balão.

E o balão ia subindo no azul da escuridão.

Pula fogueira iaiaiaia

Pula fogueira ioioioio

Cuidado pra não se queimar

Olha que a fogueira já queimou o meu amor.

[130](As crianças também não conhecem a música e não cantam).

[131] P- Vamos aprender durante o mês. Então vamos escrever a do Cai, cai balão, Cai, cai balão.

[132] (Professora pega uma cartolina e escreve a música Cai, cai balão, Cai, cai balão).

[133] C3- O que é isso?

[134] P- O acento agudo.

[135] P- O que é o BA de balão?

[136] C2- B.

[137] P- O que esse B precisa para ficar BA.

[138] C2- A.

[139] P- BALÃO. É o L, e pra ficar forte igual João, Pão e macarrão, a gente usa o AO e uma presilhinha que a gente chama de til, que muda o som dele. O nome da música, agora, a gente vai escrever a música.

[140] (Professora escreve a letra na cartolina).

[141] P- Canta com a pro Cai, cai balão, aqui.AQUI, o que é o QUI, que eu estou falando e tem no nosso calendário?

[142] C6- Q.

[143] P- Q, sempre que eu uso o Q eu uso o U e depois a letrinha que vai dar o som.AQUI NA MI. O que é o MI, C2?

[144] C2- I.

[145] P- Tem o I , mas, antes do I ? O MI de Yasmim.

[146] C2- Y.

[147] P- Não, o Y não começa palavra. É o M, MINHA MÃO.MÃO rima com BALÃO.

[148] C5- Não.

[149] P- Rima, mão/ balão, tudo fortão que a gente fala. Vamos cantar com a pro.

[150] (Professora coloca a vírgula, e C5 pergunta o que era aquilo).

[151] P- Isso se chama vírgula, é para dar uma pausa. Como escrevo CAI? CAI. Olha o Cai aqui dinovo. CAI na RUA.

[152] P- RU.

[153] C5- RO.

[154] P- O que é RO, C5 ? É RU.

[155] (C5 não responde).

[156] P- RUA...RUA do SA. O que é o SA?

[157] C5- SA. O S.

[158] P- Cai na rua do SABÃO, que termina igual não e balão, BÃO. Será que ficou legal? Vamos cantar juntos, todos.

[159] (Todas as crianças cantam).

[160] P- Quem sabe desenhar um balão. C7, você sabe desenhar um balão?

[161] C7- Não

[162] C2- Eu sei.

[163] P- Então, vem, C2.

[164] (C2 desenha um balão de festa de aniversário).

[165] P- Esse balão que a C2 desenhou é o de festa, o da festa junina é feito de papel e tem uma boquinha por onde entra o ar quente, é bem colorido.

[166] (Professora mostra as crianças como é o balão de festa junina, desenhando um).

[167] P- Os balões são proibidos de serem soltos. Eles são cheios de ar quente,e, quando esse ar começa a escapar, o balão começa a cair. Ele causa incêndio, por isso estão proibidos, apesar de serem bonitos e iluminados.

[168] C6- Que eu já vi um balão e vou ter que comprar páraquedas.

[169] P- Não, esse balão que a gente voa é outro tipo de balão, é menos perigoso de causar incêndio, pois é controlado pelo homem. O homem não vai lá, solta a chama, o ar quente e ele tem uma manivela que você mexe, vai pra lá e pra cá. Esse nosso balão vai sozinho.

[170] (Professora pede para cada criança desenha e pintar um balão no cartaz.)

Gravação - 09/06/15

[1] (Professora inicia a leitura da história).

[2] P- Esse livro veio na coleção nova.

[3] P- Será mesmo que é bicho?Debaixo da árvore apareceu um menino. A libélula viu o menino e foi voando chamar os outros bichos.Que bicho será? Será que está morto?E os bichos curiosos começaram a pesquisar. O pato olhou o pé e viu que não era pé de pato. O galo olhou a cabeça e viu que não era cabeça de galo. É cabeça de artista, tem topete, mas não tem crista. O pato observando o pé e o galo a cabeça.A galinha olhou a boca. Meu Deus! Como é diferente! Esta boca não tem bico, esta boca só tem dente.O coelho olhou a pele. Que coisa engraçada! Esta pele não tem pelo, esta pele não tem pena, mas que pele mais pelada. A galinha observando a boca, e o coelho, a pele.Coitado, disse o passarinho. Debaixo da árvore tão sozinho, vai ver que caiu de algum ninho.Como se fosse um avião, a libélula voou, voou e pousou na ponta do dedão. Este bicho não tem rabo, é um bicho diferente, mas asas também não têm nem atrás nem na frente. Olha aqui o passarinho achando que ele caiu do ninho e a libélula muito preocupada.

[4] C2- Será que é um bicho ou um menino.

[5] P- Mas que bicho mais estranho, não tem bico para bicar, não tem rabo para abanar, não tem asa para voar nem pé de pato para nadar. Afinal de contas que bicho será?E se não for bicho, disse o coelho, preocupado. Ele é tão diferente.Ah! Já sei disse a libélula é um filhote de gente. Existe filhote de gente?Meu Deus, disse o passarinho, gente é muito perigoso, joga pedra no meu ninho.Não tem perigo, falou o pato, ele é muito pequenino. Filhote de gente eles chamam de menino.Será que ele está morto, ou será que ele está dormindo? Quem sabe se, agora, pode estar ouvindo. E os bichos curiosos começaram a pesquisar.O patinho subiu no peito para ouvir o coração. O coração bateu tão forte que jogou o pato no chão.O pintinho subiu no nariz para sentir a respiração. Que legal, um vento quente.ATCHIM. Caiu no chão.Está vivo disseram eles, pois pode até espirrar. Vamos acordá-lo pra gente poder brincar.Com bicada, bicadinha; mordida, mordidinha, vão fazendo cosquinha pro menino acordar. E de repente... Ele acordou. E aí?

[6] C2- Ele brincou.

- [7] P- Quem gostou?
- [8] T- Eu.
- [9] P- Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem souber que conte outra.
- [10] (Professora faz o nome da história na lousa).
- [11] P- Será mesmo que é bicho?
- [12] C2- SE, SE.
- [13] P- SERÁ. O que a gente precisa?
- [14] C4- C.
- [15] C2- SE.
- [16] P- Apesar de ter o som de C, usamos a letra S.
- [17] P- SERÁ.
- [18] C2- O RA.
- [19] P- Será mesmo. Fala com a pro.
- [20] T- MESMO.
- [21] P- O que é o ME.
- [22] C9- O E.
- [23] P- Tem o E, ME de melancia, mas e antes desse E?
- [24] C4- É o M.
- [25] P- MES, eo MES?
- [26] C4- O S.
- [27] P- Isso, MES e o MO. E o que é o MO?
- [28] C6- O.
- [29] P- E antes pra formar MO.
- [30] C6- N.
- [31] P- Se eu colocar N fica NO, mas se colocar M fica MO. Será mesmo QUE, olha o Q de ontem, depois do Q eu uso o que mesmo?
- [32] C4- O U.
- [33] P- Que.
- [34] C2- O E.
- [35] P- Será mesmo que É, é o E fortão.
- [36] P- Agora, precisa formar BICHO. Já tenho o B,e pra formar BI, o que precisa Pedro? A-E-I-O-U.
- [37] C1- O U.
- [38] P- Se a pro colocar o U fica BU. O que é pra ficar BI?
- [39] C3-E.
- [40] P- Vixi, será ? Vai ficar BE. A gente quer BI. O que precisa, C9?
- [41] C9- o I.
- [42] P- Muito bem. Será mesmo que é BICHO. Agora, o Cho. Esse CHO é letrinha arteira. Som artierinho de três letras CHO. Vamos ler com a pro agora.
- [43] T- Será mesmo que é bicho.
- [44] P- Era bicho gente?
- [45] T- Não.
- [46] P- Era o que?
- [47] C3- Menino.
- [48] P- Agora, vamos para nosso cartaz. Vamos juntinhos, juntos com a pro.
- [49] T- Cai, cai balão, Cai, cai balão,
aqui na minha mão
não cai não, não cai não,
cai na rua do sabão.
- [50] (A professora chama criança por criança para ler o cartaz. As crianças acompanham a leitura com os dedinhos).
- [51] P- Vamos fazer, C3.
- [52] (C3 lê certo.)
- [53] P- Vamos, C9.
- [54] (C9 lê errado e muito rápido. A professora segura a mão de MJ e mostra como fazer.)

- [55] P- Gente, a música é rápida, só que o dedinho não pode sair desenfreado, tem que ser em sintonia.
- [56] P- Vem, C6.
- [57] (C6 lê apressadamente. Professora intervém e o ajuda a acompanhar.)
- [58] P- Vai, C4.
- [59] [C4 consegue acompanhar corretamente.)
- [60] P- Vamos lá, C8.
- [61] (C8 se perde na segunda parte, e a professora ajuda.)
- [62] P- C2.
- [63] (C2 lê corretamente.)
- [64] P- C7.
- [65] (C7 não acompanha o ritmo, a professora lê com ela, linha a linha.)
- [66] P- C1.
- [67] (C1 faz corretamente.)
- [68] Calendário.
- [69] (A professora entrega o calendário para as crianças.)
- [70] (C3 desenha na lousa o dia de hoje, igual a professora faz todos os dias.)
- [71] (Atividade traçado das letras. Antes de começar a atividade a professora lê um versinho.)
- [72] P- A bolacha, a pipoca ou qualquer massaroca.
Anabela comilona só não era muito sabichona.
Na mesa entendia de tudo, na escola nada de ABC.
Sua mãe pensou, pensou, até que opa, a solução estava na sopa.
Anabela comilona logo aprendeu o ABC comendo prato repleto com as letras do alfabeto.
- [73] P- A mãe dela teve uma boa ideia?
- [74] C3- Sim.
- [75] P- O que aconteceu com a Anabela? Ela não gosta de comer, comer e comer, só que ela era boa de escola? Ela não sabia as letrinhas do alfabeto, daí a mãe dela falou, opa, tenho a solução, e fez uma sopa de letrinhas para Anabela e ela comeu o prato cheio de letrinhas e ficou boa no ABC.
- [76] C3- Ficou.
- [77] P- Isso aí. Então vamos lá. Nós vamos fazer só a “letrinha” G e H.
- [78] C1- Porque?
- [79] P- O resto a gente termina amanhã.
- [80] P- Olha a letrinha G não é de qualquer jeito. G de gato, de Gabriel, Guilherme.
- [81] (Professora faz o G na lousa).
- [82] P- Olha, pessoal, é como se fosse um círculo, só que tem um cortinho.
- [83] P- E o H. De quem é o H. O H da professora Helena, né? Estão assistindo carrossel. H de helicóptero, hipopótamo.
- [84] P- O H, dois palitinhos e o tracinho no meio.
- [85] P- Podem fazer.

Gravação - 10/06/15

- [1] (As crianças treinam a letra da música que vão dançar na festa junina. Começam pela leitura).
- [2] P- No dia do meu casório.
- [3] T- No dia do meu casório.
- [4] P- Era um farturão danado.
- [5] T- Era um farturão danado.
- [6] P- Oiava pra toda banda.
- [7] T- Oiava pra toda banda.
- [8] P- Não fartava quase nada.
- [9] T- Não fartava quase nada.
- [10] P- Muita pamonha.

- [11] T- Muita pamonha.
 [12] P- Mio verde assado.
 [13] T- Mio verde assado.
 [14] P- Leitoa gorda.
 [15] T- Leitoa gorda.
 [16] P- Dois franguinho pestiado.
 [17] T- Dois franguinho pestiado.
 [18] P- Vamos soltar a voz agora.
 [19] (As crianças cantam essa parte da música.A professora começa a leitura do próximo verso. Ela fala e as crianças repetem).
 [20] P- A roupa do meu casório veio de Botucatu.
 [21] T- A roupa do meu casório veio de Botucatu.
 [22] P- Paletó de mescla verde, acarça de cor azul.
 [23] T- Paletó de mescla verde, acarça de cor azul.
 [24] P- Mescla, é como se fosse listras.
 [25] P- Zóio de vidro, perna de pau, botina branca e um nariz de pica-pau.
 [26] T- Zóio de vidro, perna de pau, botina branca e um nariz de pica-pau.
 [27] (A professora repete estes versos juntamente com as crianças).
 [28] P- Agora a pro fala e vocês repetem.
 [29] (A professora retoma estes versos mais uma vez e pede para as crianças repetirem.A professora começa a leitura dos próximos versos).
 [30] P- Chegando lá, na igreja, o padre me perguntou. Você quer casar com ela?
 [31] P- Ai vocês vão responder: To querendo sim, senhor.
 [32] P- E o padre fala assim: Se é de gosto, me dá sua mão, estão casados vão cuidar da obrigação.
 [33] P- Daí encerrou.
 [34] P- De novo para a roupa. É igual falar, é repetição.
 [35] P-Agora, vamos cantar.
 [36] (As crianças cantam com a professora).
 [37] P- Agora, do começo, é a última vez.

Gravação- 11/06/15

- [1] P- Vamos fazer a nossa brincadeira. Vamos começar com a C8, que é ajudante da pro. Vocês lembram da brincadeira?
 [2] C4- Depois da C8, sou eu.
 [3] P- Não, é a C8 que escolhe. Vamos lá, 1, 2, 3.
 [4] P- A C8 comeu pão na casa do João, a C8 comeu pão na casa do João. O que você fala?
 [5] C8- Quem? eu?
 [6] T- É você.
 [7] (Professora sussurra para C8: “eu não.”)
 [8] C8- Eu não.
 [9] T- Então, quem foi?
 [10] C8- C1.
 [11] (A brincadeira vai até passar por todas as crianças.)
 [12] P- Já estão de barriguinha cheia? Uma bananinha para o café da manhã. Cada um pega a sua. [13] Vamos tirar a roupinha dela. Nham, nham, nham.
 [14] T- Nham, nham, nham.
 [15] P- Todo mundo de barriga cheia? Então, vamos, começar.
 [16] P- Pessoal, não conheço a história, vamos ver se é legal.
 [17] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar. Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história Agora, eu vou contar.
 [18] P- E a história chama, Quem quer brincar comigo?

[19] P- Pessoal, essa é a primeira página, e olha que legal. Aparecem diversos brinquedinhos, avião, bola, bloco, caixinha surpresa, tamborzinho, patinete, pião, patinho, urso e corneta. Vamos ver quem escreveu este livro. O autor chama Tino Freitas. Ele fez uma dedicatória, dedicou esse livro a alguém, ofereceu, deu de presente a história desse livro. Vamos ver o que ele escreveu. Para Pedro, Antônio e Miguel, que sempre trazem muita notícia boa quando tocam a campainha.

[20] P- Hum, quem será hein?

[21] C6- Olha, pequena não vai caber ninguém nela.

[22] P- Tem que enxergar com o quê ela?

[23] C6- Com uma lupa.

[24] P- Isso, uma lupa, muito bom. Foi assim aquele dia encheu de alegria, a menina lia quando ouviu o som da campainha. Ao abrir a porta deu de cara com Toddy. Sabe quem é o Toddy?

[25] C6- Não sei quem é o Toddy, não.

[26] C2- Toddy que toma?

[27] P- Não é o toddy que toma, olha só.

[28] P- É um patinho pagode que vira e mexe se sacode. Ele entrou na casa, coçou o peito com o bico, abriu as asas e começou a gasnar, quem, quem, quem. Quem quer brincar comigo? A menina diz: eu quero, e foram juntos se divertir. Mal começaram a brincar soou a campainha. Quem será que se avizinha? A menina abriu a porta e deu de cara com o Salgado. Já veio o Toddy, o Salgado. Gente, sabe quem é o Salgado?

[29] C6- Eu não.

[30] P- Agora, primeiro, a pro vai mostrar o Toddy pra vocês. Olha a cor do Toddy. Alguma semelhança, C9?

[31] (C8 ri.)

[32] P- Olha a cor do Toddy, ele tem cor do que?

[33] C6- É um pato.

[34] P- É um pato, mas tem cor do quê?

[35] C8- Marrom.

[36] P- Não é a cor do Toddy, Toddynho, chocolate.

[37] C6- Lá na minha vó, o pato é branco.

[38] P- Vamos conhecer o salgado, tem alguma coisa nesse meio (professora se referindo ao livro). Ual o que será? Será uma surpresa no meio do livro?

[39] (As crianças ficam agitadas, curiosas, para conhecer o salgado, pois o livro tem as folhas dobradas.)

[40] T- Uaal.

[41] P- Vamos ver o que acontece, aqui, nossa gente amei isso.

Sabe quem é o salgado? É um porquinho roliço, educado e muito animado. Ele pediu licença, entrou na casa, enroscou o rabo no chão e, de supetão, começou a roncar. Ronc, ronc, ronc, ronc. Até chegar nesse lugar. Quem quer brincar comigo?

A menina e o patinho...

[42] P- Iii gente, esse não é o salgado...

[43] (Professora procura...)

[44] P- Vamos conhecer o salgado de verdade mesmo. Quem é o salgado?

É um gato danado, folgado e faminto. Ele entrou na casa deu um bocejo enorme.

[45] C8- Gato de botas.

[46] (Professora explica o que é um bocejo.)

[47] P- Se esticou todo no tapete e começou a miar. MIAU, MIAU, MIAU. Mi autorize a perguntar, quem quer brincar comigo?

A menina e o patinho disseram: nós queremos. E foram juntos se divertir.

Mal começaram a brincar soou a campainha. Quem será que se avizinha? A menina abriu a porta e deu de cara com o rosado, sabe quem é o Rosado?

[48] T- Não.

[49] P- Vamos conhecer o Rosado?

Aham! Agora, sim, é um porquinho roliço, educado e muito animado, ele pediu licença, entrou na casa, enroscou o rabo, cheirou o chão e de supetão começou a roncar. RONC, RONC, RONC. Rondei, rondei, até achar esse lugar. Quem quer brincar comigo? A menina, o patinho e o gato responderam nós queremos. E foram juntos se divertir. Mal começaram a brincar, soou a campainha. Quem será que se avizinha? A menina abriu a porta e deu de cara com o furacão.

[50] C2- Qual será?

[51] P- Quem sabe quem é o furacão? Vamos conhecer o furacão. Uai ! Que lindo! É um lobo grandão, brincalhão, bem bobão. Ele entrou na casa deu uma lambida comprida na pata, olhou para o teto e começou a uivar. AUAUAU AUAUAUAUAUAU. Auma hora é que procuro esse lugar, quem quer brincar comigo? A menina, o patinho, o gato e o porquinho disseram: nós queremos. E foram juntos se divertir.

Mal começaram a brincar soou a campainha. Quem será que se avizinha? A menina abriu a porta e deu de cara com a pintada. Sabe quem é a pintada?

[52] C5- Eu sei, a pintada é a onça.

[53] P- Pode ser, você teve uma ótima ideia. A pintada não é uma onça. C5 quem é a pintada?

[54] C5- Uma vaca. Uma vaca da pesada, engraçada, apelidada de tonelada. Ela entrou na casa, balançou o chocalho, espantou um mosquito com o rabo e começou a mugir. MUUUU, MUUUU, MUUUU. MUUUuito legal esse lugar. Quem quer brincar comigo? A menina, o patinho, o gato, o porquinho e o lobo disseram: - nós queremos. E foram juntos se divertir.

Mal começaram a brincar soou a campainha. Quem será que se avizinha?

[55] P- Eu acho que acabou.

[56] C1- O que essas cobrinhas? (sobre as cobrinhas desenhadas no livro)

[57] P- Quem será que se avizinha?

[58] C4- Eu.

[59] P- Isso, muito bem C4, ele está chamando para brincar. Vocês gostaram?

[60] T- Sim.

[61] P- Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem souber que conte outra. Agora, vamos pôr o nome do livro. O nome do nosso livro livrinho é assim QUEM, com o que, será que começa?

[62] C5- O Q.

[63] P- Muito bom e o que a pro falou que vem depois do Q?

[64] C4- O U.

[65] P- Muito bom, agora aletrinha que dá o som E.

[66] C6- Vai esticar, pro?

[67] P- Vai! Que letrinha é ? QUEM. Quando eu estico, que letra eu uso ? Vamos usar M.

[68] P- QUEM, QUER.

[69] C5- Q.

[70] P- Isso C5. Usei o Q. O que eu uso, agora? Sempre que eu uso o Q, é que letra?

[71] T- O U.

[72] P- Isso. Agora, o E para formar QUE. E pra ficar assim QUER.

[73] C5- K.

[74] C6- Q.

[75] P- Que Q, gente? QUEM QUER. Ó QUER.

[76] P- E, agora, gente, BRI, BRINCAR.

[77] C5- B.

[78] P- B, e, agora, pra ficar BRI.

[79] C5- I.

[80] P- Tem I, mas se eu colocar o I vai ficar BICAR, eu quero BRI. Ó BRI, pensa bem. Tem o I, mas no meio precisa de uma letrinha para dar esse soquinho e ficar BRI.

[81] C6- Esticar o som.

[82] P- Não. Esse não é pra esticar, é pra ficar BRI. Sabe o que eu uso pra ficar esse soquinho? O R. Agora, eu vou esticar o sonzinho dele, BRIN, BRIN, olha o N.

- [83] (Crianças repetem BRIN.)
- [84] P- BRINCAR. O que é o CAR?
- [85] C6- O K.
- [86] P- Então, olha o som. Quando eu escuto esse CA, ele tem esse sonzinho de K, mas quando eu quero escrever eu uso o CA, BRINCAR.
- [87] P- CO, de CA é CA e pra formar CO? Ce o O. QUEM QUER BRINCAR COMI.
- [88] C2- É o M e o I.
- [89] P- Isso. COMIGO. O que é esse GO, hein, C9?
- [90] C6- o GUE.
- [91] P- o G, C6.
- [92] C6- Isso.
- [93] P- QUEM QUER BRINCAR COMIGO? Quando eu faço uma pergunta eu uso esse símbolo (professora referindo-se ao ponto de interrogação). Vamos ler com a pro o nome da história.
- [94] T- Quem quer brincar comigo?
- [95] (Professora retorna ao cartaz da música CAI, CAI, BALÃO.)
- [96] P- Vamos, lá, fazer Cai, Cai, balão. Vocês lembram que a pro perguntou do CA de brincar, olha pra cá (aponta para o cartaz). Aqui, tá escrito CA e eu não estou usando K do alfabeto. Para escrita, eu sempre vou usar o C, de cachorro, de casa, junto com o A. Esse K do alfabeto, é uma letrinha especial, que usamos para escrever o nome das pessoas. Na nossa língua, que a gente conversa eu não uso ele para escrever nome de objetos. Só em nome de pessoas, produtos, Yakult acho que tem o k, Kibon que o C6 adora. Então, quando a pro falar, a gente vai lembrar desse CA (aponta para alousa, onde escreveu CA).
- [97] (Professora volta ao cartaz e mostra o CA.)
- [98] P- Olha o CAI que a pro falou. Vamos fazer juntos.
- [99] (As crianças e a professora cantam a música Cai, Cai, balão. A professora aponta para a letra Q no cartaz e pergunta.)
- [100] P- Que letrinha é essa?
- [101] T- Q.
- [102] P- E lembra que a pro falou? Sempre que eu uso o Q, depois vem o ..
- [103] C4- O U.
- [104] P- Isso, toda vez que eu usar o Q eu uso o U e depois a letrinha que dá o som. Vamos cantar com a pro, que depois vocês vão vim sozinhos.
- [105] (Professora chama criança por criança para cantar.)
- [106] P- C2, procura, para a pro, a palavra “balão”. Começa com quê letra?
- [107] C2- B.
- [108] P- E depois pra fiar BA.
- [109] C2- O A.
- [110] (C2 encontra a palavra BALÃO.)
- [111] P- C6 procura CAI.
- [112] C6 aponta para a palavra BALÃO.
- [113] P- Não, se ai tá escrito BALÃO, não pode ser CAI. CAI começa com quê letra?
- [114] C6- C.
- [115] P- Então, procura CAI.
- [116] (C6 encontra a palavra.)
- [117] P- C9, procura a palavra MÃO.
- [118] (C9 não encontra e a professora a ajuda, mostrando o verso onde está a palavra: Aqui na minha mão.)
- [119] P- C4, encontra BALÃO.
- [120] C4- BALÃO.
- [121] P- É.
- [122] (C4 olha e faz linha por linha e encontra BALÃO.)
- [123] P- C7 procura a palavra RUA.
- [124] C7 olha e aponta a palavra dizendo é esta.
- [125] P- C8, vamos procurar a palavra BALÃO.

- [126] (C8 fica perdida.)
 [127]P- Vai fazendo a musiquinha para você encontrar. Como começa a música?
 [128] C8- Cai, cai, balão.
 [129] P- Opa. Você não falou assim pra pro, cai,cai, balão essa é a palavra balão?
 [130] C8- E começa com quê letra?
 [131] C8- B.
 [132] P- E depois?
 [133] C8- A.
 [134] P- Depois?
 [135] C8-L
 [136] P- Depois?
 [137] C8- A
 [138] P- Depois?
 [139] C8- O.
 [140] P- Isso! Muito bem! C1, agora, é sua vez, procura “sabão.”
 [141] (C1 fica perdido.)
 [142] P- Olha a última linha... CAI NA RUA DO...
 [143] C1- SABÃO.
 [144] P- Isso! Muito bem! Vem, Olavo. Vamos procurar a palavra BALÃO.
 [145] C5 acompanha com o dedo linha por linha e aponta a palavra BALÃO.
 [146] P- Éesa?
 [147] C5- É
 [148] P- Com que letra começa.
 [149] C5- B.
 [150] P- E depois ?
 [151] C5- A.
 [152] P- Depois ?
 [153] C5- L
 [154] P- Depois ?
 [155] C5- A
 [157] P- Depois ?
 [158] C5- O.

Gravação - 12/06/15

- [1](Professora faz a oração e inicia a aula pelo calendário. Escreve na lousa a data, e desenha como está o tempo.)
 [2] Leitura da história : A filha do pescador e o rei.
 [3](Professora inicia a leitura.)
 [4] Era uma vez um pescador que tinha uma filha muito bonita. E o que é melhor: muito inteligente.Um dia, ele encontrou uma linda jóia na praia e a levou de presente para o rei. O rei ficou contente, conversou com o pescador e ficou sabendo que ele tinha uma filha muito esperta. Então, ele disse ao pescador que ele deveria trazer a filha ao palácio, nem de noite nem de dia; nem a pé, nem a cavalo; nem vestida e nem nua. E que se ele não fizesse isso, teria um castigo terrível. O pescador voltou para casa desanimado e contou a filha o que tinha acontecido. E a moça respondeu: Me arranje um carneiro e um monte de algodão e deixe comigo.
 [5] E- E como ela chama?
 [6]P- Não aparece o nome dela.
 [7] De tardezinha, quando não era nem de noite nem de dia, a moça enrolou-se no algodão, montou no carneiro e dirigiu-se ao palácio. O rei ficou contente quando viu a moça e disse que ela escolhesse o que mais gostasse no palácio e convidou-a para jantar. A moça, que tinha trazido de casa um pozinho que fazia dormir, botou o pó no copo do rei. Quando o rei dormiu ela mandou aos empregados que pusessem o rei numa carruagem e o levassem para a casa dela. Quando o rei acordou estava deitado no sofá. E perguntou logo o que é

que tinha acontecido. A moça disse que ele tinha dito que ela podia levar para casa o que mais gostasse e o que ela mais gostou foi dele.

Ele achou graça e a moça, muito inteligente, e acabou gostando dela, tanto dela que os dois acabaram se casando.

[8] P- No castelo, tinha muitas coisas de valor, e o que ela quis levar para casa?

[9] C2- O rei.

[10] P- Porque ela levou o rei para casa?

[11] P- Porque ela gostou da pessoa do rei, e ele se apaixonou e eles se casaram. Vamos colocar o nome da história, como a pro falou?

[12] P- A filha do...

[13] C3- Do rei.

[14] P- Não, de quem era a filha, do pes...

[15] C3- Pescador.

[16] P- olha para a lousa todo mundo, olha pra pro.

[17] P- A FILHA

[18] C6- O A.

[19] P- Esse "a" sozinho, combinado.

[20] P- FI, FILHA.

[21] C5- É o FE.

[22] P- O que é o FE, na verdade, é o F né.

[23] P- FI..

[24] C5- O I.

[25] P- Esse já coloquei. O que é o LHA.

[26] C5- O A.

[27] P- Mas se eu colocar o A fica FILA, tem uma outra letrinha. Essa letrinha é o H, tá bom?

[28] P- A FILHA DO, DO.

[29] C2- D.

[30] P- D e o que mais.

[31] C2- O.

[32] P- A FILHA DO PES..

[33] C6- o P.

[34] P- P e agora o E, PES

[35] C6- Agora o S.

[36] P- PESCA

[37] C5- K

[38] P – O que eu falei ontem, eu não uso a letra K, eu uso que letrinha para fazer o som, CA?

[39] P- A FILHA DO PESCADO.

[40] C4-O DO.

[41] P- O D e O. A pro falou ontem o som do caipira. O que eu uso nesse final.

[42] C6- o D.

[43] P- O D já tem. FILHA DO PESCADOR

[44] P- O que é C2.

[45] P- O R.

[46] P- A FILHA DO PESCADOR E O, agora vem o REI. O que é esse REI?

[47] C4-É o E.

[48] P- RE. E pra virar REI?

[49] C5- O E.

[50] P- E já coloquei.

[51] P- I.

[52] P- A FILHA DO PESCADOR E O REI.

[53] ATIVIDADE.

[54] (Professora explica a atividade.)

[55] P- Agora, vocês vão pensar a parte que mais gostaram, o acontecimento que mais gostaram da história.

[56] (Professora pergunta a cada criança qual a parte da história que cada um mais gostou.)

[57] P- Agora, vocês vão desenhar a parte que mais gostaram da história.

Gravação 16/06/15

[1](Professora inicia a aula pelo calendário.)

[2] P- Vamos fazer o calendário, pessoal. Hoje, é terça-feira, dia 16. Hoje tem solzinho pessoal?

[3] (Professora desenha calendário na lousa enquanto fala.)

[4] T- Sim.

[5](Professora reconta a história da Filha do pescador e o rei. Professora mostra a atividade da aula passada, e mostra a atividade de hoje.)

[6] P- Olha, aqui, nós temos duas palavras que aparece na nossa história. Que palavrinhas são essas?

Agora, vamos descobrir que palavrinhas são essas. Agora, usando o nosso alfabeto (móvel). Que letra aparece nessa aqui?

[7] C2- R.

[8] P- Na primeira palavrinha, a primeira letrinha é o R, o R tá aqui sozinho, né, gente? Esse R tá muito triste de ficar sozinho.

[9] C2- É sozinho ele só forma R.

[10] P- Ai vem o E, pertinho dele, e se juntou e formou o som. Que som é esse?

[11] P- R sozinho é só R e E sozinho é só E. Quando eles se juntam, o que aconteceu, C2? Que som eles formaram?

[12] C2- RE, agora é o I. O I vai formar REI.

[13] P- A palavra REI aparece na nossa história?

[14] T- Sim.

[15] P- Então, está certa a palavra.

[16] C2- Tá certinho. Parabéns, Yasmim, nota 10.

[17] P- Agora, nessa palavra, vamos usar essa letrinha (professora aponta para a palavra DIA). Que letra é essa Pedro? (apontando para o D)

[18] C1- P

[19] P- Opa, P?

[20] C1- Não, D.

[21] C2 Olha atrás do alfabeto móvel, da letra D e diz esse d atrás é o d de mão.

[22] C6- O D tava sozinho.

[23] C3- Sozinho, sem brincar.

[24] P- Que letra é essa aqui ? (aponta para o I), Lucas?

[25] C2- I.

[26] P- Calma! Vamos dar uma chance para o Lucas. O D com I, forma o quê, C6?

[27] C3 -DI

[28] P- Muito bem! Aí, vem chegando (pega o A).

[29] C6- O A.

[30] P- E formou o quê? DI..

[31] C2- DIA.

[32] P- Isso! Muito bem! As duas palavrinhas REI e DIA. Daqui a pouco vocês vão receber a atividade. O que vocês vão fazer ? Vão copiar a palavra REI aqui (aponta para a lacuna na folha da atividade) e a palavra DIA aqui (também aponta a lacuna na folha da atividade). Agora, vamos guardar o REI e o DIA.

[33] P- Agora, vamos formar uma palavrinha nova, não pode ser nem REI nem DIA. Só que tem que ser uma palavrinha que aparece na nossa história. Que palavrinha apareceu na nossa história, que podemos escrever?

[34] C2- Moça.

[35] P- Muito bom. O que mais?

[36] C3- Carneiro.

[37] C8- Algodão doce.

- [38] P- Não, é só algodão, né?
- [39] P- Palácio.
- [40] C3- Pescador.
- [41] P- Cavalo. O que mais?
- [42] P- Vamos escolher uma dessas palavrinha para a gente escrever.
- [43] C2- Eu prefiro primeiro MOÇA.
- [44] P- Então, vai.
- [45] C8- Eu prefiro CARNEIRO.
- [46] C3- Eu, ARGODÃO.
- [47] P- Eu prefiro ALGODÃO. Fala assim, Isa: ALGODÃO.
- [48] C3- Repete ALGODÃO.
- [49] C9- Eu prefiro CASTELO.
- [50] P- É PALÁCIO né? Castelo e palácio são as mesmas coisas, só que, na nossa história aparece “palácio”. CAVALO também aparece. Vamos começar pela primeira palavrinha que a Yasmim escolheu. Vamos lá, Yasmim. Com o quê você acha que começa?
- [51] C2- MO é o M e o O.
- [52] P- O M da MJ, viu C9, e o O. E o ÇA?
- [53] C2- É o S e o A.
- [54] P- Hum, aí que tá. Você sabia, Yasmim, que a gente chama essa palavrinha de arteira. Na verdade, C2, quando escrevemos MOÇA, no lugar desse S, usamos o C com o cedilha, que tem o som de S. Aqui, não tem nenhum Ç, mas é o C, com esse sinal que chama cedilha. (Professora desenha o Ç na lousa e mostra o que é o cedilha).
- [55] P- Vamos lá, mais uma palavrinha. Vamos escrever, C7. O que você quer escrever?
- [56] C7- CAVALO.
- [57] P- O que nós precisamos para escrever CAVALO, C7? Com o quê começa?
- [58] C7- K. CA.
- [60] P- Pode pôr que tá certo. Muito bom. O C e o A. Aqui, você já formou o som CA. E pra gente formar CAVA ?
- [61] C7-V.
- [62] P- Pode pôr que tá certo, agora, esse V tem que virar VA. Que letrinha ele precisa? Qual letrinha você acha que é?
- [63] C7- E.
- [64] P- Vixi! Espera um pouco. Vamos pensar dinovo. Olha, aqui, pra pro: VAAA. Eu falo V e falo o A também. CAVALO e o LO? LU, Lucas. Você sabe que letrinha começa o nome dele?
- [65] C7- L.
- [66] P- Isso! Aí, a gente coloca o U e fica LU, só que eu vou querer LO. Nós usamos o mesmo L de Lucas. Olha LO, LU, fala com a pro. É o L de Lucas?
- [67] C7- Sim.
- [68] P- Então, vamos pôr ele. E que letrinha vem, agora, pra ficar CAVALOOOO.
- [69] C7-O.
- [70] P- Isso! Pode pôr. Vamos ler agora, CAVALO. C9, vamos. O C9, que palavrinha você quer escrever?
- [71] C9- Eu quero escrever PALÁCIO.
- [72] P- Muito bem! Vamos falar juntinhas. Fala com a pro: PA. O que você está falando?
- [73] (C9 pensa).
- [74] P- Começa igual “papai”, “pátio”.
- [75] C2- Também “panela”.
- [76] P- Que letrinha você acha que tá precisando?
- [77] C9- A.
- [78] P- Pode pôr o A, aí. PALA, LA. O que nós precisamos? PALA, fala LA pra pro.
- [79] C9- LA.
- [80] P- O que você escuta quando fala LA?
- [81] (C9 fica pensando).
- [82] P- Que letrinha você escuta quando fala LA ?

- [83] (C9 fica perdida, olhando para o alfabeto móvel).
- [84] P- Que letra que é que você quer pegar, C9 ? Fala pra pro. Ó, PALAAAA. O que você escuta? Você acha que precisa de outro A? Se você acha que precisa pode usar, PALA.
- [85] (C9 pega outra letra A).
- [86] P- PALÁCI, o que é o CI? Fala você.
- [87] C9- PALACIII.
- [89] P- Não precisa ficar insegura, se você acha que é, pode usar. Se tiver errado, nós vamos corrigir.
- [90] (C9 pega o)l.
- [91] P- Isso. Agora PALÁCIOOO.
- [92] (C9 pega o).
- [93] P- Isso. Isso mesmo. Agora, vira pra cá. Agora lê, pra PE ver com o dedo.
- [94] C9- Com o dedo?
- [95] P- É. Vai mostrando. Lê, não é PALÁCIO, lê pra PE.
- [96] (C9 usa só as vogais. Professora explica que, quando usa assim, tem o valor sonoro só nas vogais, que quando ela perceber a necessidade das consoantes, ela vai conseguir escrever. O C6 e a C3, já usam as vogais e consoantes, mesmo que não seja de maneira alfabética.
- [97] P- C9, vem cá, agora. Vem ler aqui pra PE. Que letra é essa?
- [98] C9- AAIO.
- [99] P- Opa, vamos ler com a pro.A.
- [100] C9-AAIO.
- [101] P- Será que não faltou alguma coisa pra formar palácio? AAIO é de PALÁCIO? C2, o que precisa, aqui pra formar PA?
- [102] C2- Aqui, PA, é o Pe o A.
- [103] P- Então, já tem o A, vamos pegar o P.
- [104] C2-PALÁCIO.
- [105] P- Será? Lê dinovo. PAAIO. Tá faltando coisa, ainda, não tá?
- [106] C2- Eu acho que tá.
- [107] P- Pra LA o que precisa?
- [108] C2- Ai acho que o L.
- [109] P- Eu também. Então, vamos pegar o L, C9?
- [110] C2- A C9 esqueceu o L.
- [111] P- Não tem problema. Vamos ler, agora, PALAIO.
- [112] C2- Gente, tá faltando alguma letra?
- [113] P- O que tá faltando, aqui, pra formar CI ?
- [114] C2- O que será, gente?
- [116] P- O que falta, aqui, pra ficar PALACIO ? C2, vem, aqui, contar o que falta.
- [117] C2- PALACIO, é o SI.
- [118] P- Quase, é o C, CI. Tá completo, agora?
- [119] T- Sim.
- [120] P- Vamos colocar na lousa. Nós temos três palavrinhas, agora. Nós vamos escolher uma para escrever.
- [121] (Professora entrega a folha da atividade.)
- [122] P- Hoje é dia 16/06/15.
- [123] (Professora explica a atividade para a C3, indicando onde era para escrever cada palavra.)
- [124] P- C3, aqui, você vai escrever REI. Agora, aqui, DIA. Agora, você escolhe uma palavra pra colocar aí, MOÇA, CAVALO ou PALÁCIO.
- [125] C3-MOÇA.
- [126] P- MOÇA é a primeira palavra (professora aponta para a lousa). MOÇA pode colocar aqui (indica na atividade).
- [127] C3-O M de C9.
- [128] C2- Foi a palavra que eu fiz.
- [129] (C2 lê as palavras da atividade.)

[130] C2- Aqui, é REI (indica na folha) e, aqui, é DIA.

[131] P- C2, qual palavra você vai escrever: MOÇA, CAVALO ou PALÁCIO?

[132] (Professora explica atividade para C9.)

[133] (C9 fica perdida em qual palavra escrever e a professora explica tudo novamente, aponta para a lousa dizendo que ela também tem que escrever uma das três MOÇA, CAVALO ou PALÁCIO.)

[134] C9- PALÁCIO.

[135] P- PALÁCIO é a última, é só copiar aqui (mostra o local na atividade para escrever).

[136] (A professora explica a atividade individualmente aos alunos.)

[137] (C8 fala que quer escrever CARNEIRO. A professora aponta para a lousa e diz: Meu amor, qual palavra você quer escrever MOÇA, CAVALO ou PALÁCIO. C8 escolhe CAVALO.)

Gravação – 18/06/15

[1] (A professora inicia a aula com o calendário. A professora coloca os alunos em roda e começa com os ritos iniciais.)

[2] T- Palma, palma, palma, pé, pé, pé,

Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.

Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é,

Caranguejo só é peixe na enchente da maré,

Olha palma, palma, palma, olha pé, pé, pé,

Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.

[3] P- Bom dia, papai do céu. A aula já vai começar.

[4] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.

[5] P- Bom dia, para todos.

[6] T- Bom dia.

[7] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência; com muita paz e amor no coração. Amém.

[8] (As crianças ensaiam a música NO DIA DO MEU CASÓRIO, para a apresentação na festa junina.)

[9] (Leitura da história: Jeremias desenha um monstro.)

[10] P- Pessoal, o nosso livrinho de hoje chama Jeremias desenha um monstro. O que será esse monstro do Jeremias?

[11] C1- Parece um dinossauro com espinho nas costas.

[12] C3- Tem chifre.

[13] P- Já começa com o Jeremias fazendo um desenho.

[14] Jeremias mora no último andar de um prédio baixinho.

[15] C8- Eu to vendo ele na janela.

[16] Tem um quarto só pra ele, mas não costuma sair de lá, nunca vai para a rua. Sempre sozinho.

[17] C6- Sempre sozinho lá em cima, ele não vai para a rua, em nenhum lugar?

[18] Um dia Jeremias pegou a sua canetinha e resolveu desenhar. Começou pela parte de cima à esquerda e parou lá embaixo à direita.

[19] P- Olha o Jeremias desenhando, e aqui já foi se formando alguma coisa.

[20] C6- Não é alguma coisa que ele tá sonhando?

[21] C3- Ele tá desenhando um monstro.

[22] P- Jeremias desenhou um..

[23] T- Monstro.

[24] P- Mas que coincidência. Jeremias tem o número 3 na camiseta e o monstro, 3 na barriga.

OOOR, desenha um sanduíche, estou com fome, o monstro nem agradeceu. Agora, desenha uma torradeira, adoro torradas, rosou o monstro, e também um toca disco. Aqui,

está silencioso demais. Desenhe um tabuleiro de xadrez, meu jogo favorito. E não esqueça de um poltrona bem confortável.

[25] C2- Nossa! Que monte de coisas é isso.

[26] P- Esse monstro tá muito pidoncho.

[27] C4-Pro ele tá muito forgado, isso sim.

[28] Desenhe uma televisão, quero ver o jogo de futebol. E um cachorro quente também. Ah, não esqueça do telefone, alguém pode ligar.. e de um bolo bem gostoso de sobremesa. O monstro pediu eo Jeremias desenhou.

[29] C6- Olha para ilustração do livro e fala: Gente, que bagunça!

[30] C3-Pro ele, é imundo.

[31] O monstro falou: você vai ficar parado, aí, o dia inteiro? Desenhe um chapéu, vamos dar uma volta. Jeremias ficou aliviado quando o monstro saiu. Mas, tarde da noite, Jeremias escutou alguém batendo na porta. TUM TUMTUM.

[32] P- Olha o Jeremias na casinha dele preocupado. O monstro estava de volta.

[33] P- E olha isso. Deitou aonde?

[34] C1- Na cama dele.

[35] Na manhã seguinte Jeremias desenhou um passagem de ônibus e um mala.

[36] P- Bilhete de ida está escrito na passagem. Acompanhou o monstro até a porta e depois levou o monstro até o ponto de ônibus e ajudou a embarcar.

[37] P- Olha aqui, o que aconteceu aqui.

[38] P- Quer jogar bola com a gente, perguntou os vizinhos. Claro que sim, respondeu o menino. E saíram em disparada.

[39] P- O que é mais lega ficar no quarto desenhando um monstro ou brincar com os amigos?

[40] T- Brincar com os amigos. Olha quem aparece aqui no cantinho.

[41] T- O monstro.

[42] P- O monstro que pedia de tudo.

[43] T- Entrou por uma porta, saiu pela outra quem souber que conte outra.

[44] P- Vamos escrever o nome da história.

[45] (Professora tem que sair da sala e pede que eu faça a escrita do nome da história.)

[46] PE- A história chama Jeremias, JE.

[47] C6- o G.

[48] PE- Então, esse G, como é nome de pessoa, o G de Jeremias é com J. Tem essa variação, ele tem o som de G, mas se escreve com J. Pra ficar JE, que letra vem depois, pra ficar JE?

[49] PE- EE, JE. Que letra é?

[50] PE- E.

[51] PE- JERE, que letra é?

[52] C2- O R e o E.

[53] PE- Muito bem!JEREMI, MI

[54] C6- I

[55] PE- Tem o I, mas antes do I, pra ficar MI?

[56] C2- O M e o I.

[57] PE- JEREMIAS.

[58] T - É o A.

[59] PE- JEREMIAS, (dou ênfase ao som do S). E agora?

[60] C4- S.

[61] T- S.

[62] PE- JEREMIAS, DESENHA, o DE.

[63] C4- O D.

[64] PE- D, com o quê?

[65] C2- O E.

[66] PE- DESENHA, o SE.

[67] T- O Z.

- [68] PE- Tem o som de Z, mas qual outra letrinha que a gente usa que tem som de Z e não é o Z. Quem sabe?
- [69] PE- É o S, DESENHA, e agora?
- [70] C4-A.
- [71] PE- Tem o A, mas, antes, tem outra letra. Ninguém sabe? NHA, o N o H e o A, DESENHA.
- [72] PE- JEREMIAS DESENHA UM...Como escreve UM?
- [73] C6- U
- [74] PE- O U e o quê?
- [75] PE- UM. Qual letrinha vai no final, que prolonga a palavra? C2, o que vem depois do U, pra ficar UM?
- [76] PE- U
- [77] PE- O U já tá aqui. Pra ficar UM é o M.
- [78] PE- E, agora, MONSTRO.
- [79] C5- O.
- [80] PE- Tem o O e pra ficar MO?
- [81] C6- O ME.
- [82] PE- O M, né?
- [83] PE- Qual letrinha estica a palavra, MON ? Que estica a palavra, é o N. Pra ficar MONS?
- [84] T- O S.
- [85] PE- Isso. E pra ficar MONSTRO, o que é o TRO?
- [86] C2- O r.
- [87] PE- Tem o R, mas, e antes ? O que precisa?
- [88] C6- OO.
- [89] PE- Tem o O, mas, antes do R?
- [90] C6- TRI.
- [91] PE- É dessa família.
- [92] C5- O T.
- [93] PE- Isso, o T antes do R. Vamos ler JEREMIAS DESENHA UM MONSTRO.
- [94] P- Vamos dar uma estudadinha no alfabeto.
- [95] (Professora aponta para cada letra do alfabeto e as crianças repetem.)
- [96] P- Tem que saber todas as letrinhas?
- [97] C6- Tem.
- [98] P- Tem. É importante pra gente fazer o quê?
- [99] C2- Escrever, ler.
- [100] P- Isso.
- [101] P – Então, vamos fazer nosso cartaz.
- [102] C3- Cartaz.
- [103] P- O cartaz do Cai, cai, balão. Vamos fazer com a pro.
- [104] (As crianças cantam junto com a professora a música Cai, cai, balão.)
- [105] P- Dinovo, vamos lá.
- [106] P- Olha só, pessoal. Quando a pro fala CAI, CAI, outro dia eu perguntei e a C7 falou certinho. Quando a gente fala CA, o som K, é o CA, é isso?
- [107] T- Sim.
- [108] P- Diferente desse K. Outra coisa, quais são as letrinhas, nossas amigas, que a pro falou?
- [109] T- A, E, I, O, U.
- [110] P- Porque essas letrinhas são tão especiais?
- [111] C3- Pra gente esticar a letra.
- [112] P- Porque ela empresta o sozinho dela para todas as outras letrinhas. Vamos começar, aqui, no B. B sozinho é só B, o B amiguinho do E.
- [113] C5- BI
- [114] P- BI é do I. Tá certinho, C5. O B amigão do O BO, e o B amigão do U.
- [115] C6- BI.
- [116] P- Opa, Bi é do I; do U é BU. Pra escrever BULE, uso o ..

- [117] C6- BU
 [118] P- E BOLA?
 [119] C2- BO.
 [120] P- É o B amigão de quem?
 [121] C4-Do O.
 [122] P- E o LA, o que é LA? C6, o que é LU?
 [123] C6-L
 [124] P- Pra escrever LU, é o L e o U. E pra LA ?
 [125] (C6 pensa.)
 [126] C2- É o L e o A.
 [127] P- Isso. C2, vem procurar a palavra BALÃO no nosso cartaz. BALÃO começa com o quê? BAA
 [128] C2- Cai, cai, BALÃO, aqui (e aponta para a palavra).
 [129] P- Isso. Muito bem! Vamos lá; C3, procura a palavra MÃO.
 [130] (A professora auxilia I achar a palavra.)
 [131] P- Vem, C6. Procura a palavrinha BALÃO.
 [132] C6- B, aqui (aponta para balão)
 [133] P- C9, na última linha, procura, para a pro, a palavra SABÃO.
 [134] (C9 pensa e faz linha por linha e encontra.)
 [135] P- C1, procura BALÃO.
 [136] C1- Cai, cai, balão.
 [137] (C1 fica meio confuso, mas encontra a palavra.)
 [138] P- Vem, C5. Vamos procurar a palavra RUA, na última linha.
 [139] (C5 fala , mas não encontra a palavra. A professora o ajuda.)
 [140] P- Vem, C4. Procura SABÃO.
 [141](A professora aponta para a linha onde está a palavra. C4 encontra.)
 [142] P- Vem, C7. Vamos lá, BALÃO.
 [143] (C7encontra a palavra.)
 [144] P- Vem, C8. A pro precisa de SABÃO. SA, SABÃO.
 [145] (C8 acha a palavra.)

Gravação - 19/06/15

- [1] (Inicia aula pelo calendário.)
 [2] T- Palma, palma, palma, pé, pé, pé,
 Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.
 Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é,
 Caranguejo só é peixe na enchente da maré.
 Olha palma, palma, palma, olha pé, pé, pé.
 Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.
 [3] P- Bom dia papai do céu, a aula já vai começar.
 [4] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só.
 Panpanrampam.
 [5] P- Bom dia, para todos
 [6] T- Bom dia.
 [7] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência com muita paz e amor no coração.
 Amém.
 [8] (Leitura da história: O balde das chupetas.)
 [9]P- Pessoal, a historinha de hoje eu não conheço. Nós vamos conhecê-la juntos. Chama assim: O balde das chupetas. Quem, aqui, gosta de chupeta?
 [10] T- Não.
 [11] P- Ah, fala a verdade!
 [12] C8- Eu gosto.
 [13] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar. Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história agora eu vou contar.

[14] P- O balde das chupetas.

[15] (A professora mostra a capa do livro para as crianças.)

[16] P – Chupetas e, aqui, mais chupetas. Joca adora sua chupeta. Ele a chama de pepeta. Desde neném, Joca dorme pepetando, agarrado com o soninho. Quando Joca está acordado, a pepeta fica na gaveta. Mas, Joca cresceu um bocado e já é um menino, e menino não usa chupeta, não. Mamãe falou que Joca precisa largar a chupeta, mas ele não quer jogar a pepeta no lixo. Papai falou: Quem disse que ela vai para o lixo? Vovó falou: Vamos dar a pepeta para o sapinho? A irmã falou, vamos dar a pepeta para as formiguinhas?

Bua, bua, bua. Joca não concordou. Achou triste dar a pepeta para um bichinho. Era melhor parecer um bebê gigante. Mas, a tia de Joca tinha um segredo genial. Lá, em casa, tem um balde mágico, onde a gente joga as chupetas da garotada. Cada chupeta que cai dentro do balde vira um presente. Pode ser um boneco, uma bola, um abraço de urso. Joca gostou, junto das amigas a pepeta seria feliz para sempre. Foi até o balde deu um beijo de despedida na pepeta e pediu: quero duas coisas. Uma bola nova e que ninguém tire o soninho de mim.

[17] P- Quem gostou da história?

[18] T- Eu.

[29] P- Vamos escrever o nome da história lá. O balde das chupetas. Já começa com O. Pode por O?

[20] T- Pode.

[21] P- BALDE.

[22] C2- É o B e o A.

[23] P – Agora, o Bal, olha como minha boca fica mole, sempre que a boca ficar mole a gente usa o L. [24] BALDE.

[25] C6- É o D.

[26] P- E o que precisa pra ficar BALDEEEE? O E.

[27] P- O BALDE DAS.

[28] C5- A.

[29] P- Tem o A. E antes?

[30] C2- É o D e o A.

[31] P- O BALDE DA, mas tá faltando alguma coisa pra ficar DAS.

[32] C3- É o S.

[33] P- O BALDE DAS CHUPETAS. Esse CHU, não é o X que parece, é uma palavra danadinha, a gente vai precisar do CHU. CHUPE, PE.

[34] P- O P e o E, CHUPETA.

[35] C2- É o T e o A.

[36] P- Só que, na verdade, é CHUPETAS. O que está faltando pra ficar CHUPETAS.

[37] C3- É o S.

[38] P- O BALDE DAS CHUPETAS. Agora, vamos ver as outras histórias da semana. E, hoje, nós vamos fazer a atividade da história. A primeira história Um tanto perdido é a história do quê ?

[39] C3- “Da coruja.”

[40] P- Isso. A segunda história “Quem soltou o Pum?”, conta pra Jú quem era Pum.

[41] T- Um cachorro.

[42] P- Agora, a história de ontem “Jeremias desenha um monstro”. E a história de hoje “O balde das chupetas”. Já decidiram suas histórias? C6, qual vai ser sua história?

[43] C6- A parte do boneco.

[44] P- Que boneco?

[45] C6- Aquele que ele põe.

[46] P- Ah, então, é O balde das chupetas.

[47] C6- É.

[48] P- Então, o nome da sua história, pra você escrever, é a última.

[49] P- Asua C3.

[50] C3- Do Pum.

- [51] P- A segunda aqui, Quem soltou o pum? (indica na lousa)
 [52] P- C7, qual sua história?
 [53] C7- A de cima.
 [54] P- A da corujinha?
 [55] (C7 faz com a cabeça que sim.)
 [56] P- É a de cima mesmo, tá certo. Ó, Um tanto perdida.
 [57] E- Eu quero a da carocha.
 [58] P- A da carocha faz uns 20 dias. Essa daqui é dessa semana, que nós vamos desenhar, hoje. Qual você vai dessa daqui? (aponta para a lousa)
 [59] C8- Quem sortou o pum?
 [60] P- C2, qual história?
 [61] C2- O balde das chupetas.
 [62] P- Então, é a última tá.
 [63] P- C1, fala.
 [64] C1- A do Pum.
 [65] P- É a segunda, tá ? Quem soltou o Pum? E você, C5?
 [66] C5- Do Pum.
 [67] P- Aqui, na segunda, aqui no Q.
 [68] P- C4
 [69] C4-Um tanto perdida.
 [70] P- É a primeira.
 [71] P- C9?
 [72] C9- Quem soltou o Pum?
 [73] (Professora distribui as folhas da atividade.)
 [74] P- Pessoal, coloca a data de hoje. Coloca o nome e a data. E na linha, aqui, o nome da história que vão desenhar (mostra as lacunas para preencher na atividade).
 [75] C2- O nome em cima?
 [76] P- O nome em baixo querida.

Gravação - 22/06/15

- [1] (Calendário)
 [2] (Leitura da história: Mindinha)
 [3] P- Como é o nome da história mesmo?
 [4] C8- A mindinha.
 [5] C8- A Mindinha e o sapo.
 [6] P- Não, é só Mindinha. Vamos falar com a pro.
 [7] T- A mindinha.
 [8] P- Por que recebe esse nome de Mindinha?
 [9] C1- Porque ela é pequenininha.
 [10] P- Então, vamos lá.
 [11] P- Era uma vez uma moça que encontrou uma semente. A moça plantou a semente no vaso, logo cresceu uma planta, da qual desabrochou uma linda flor. Dentro da flor estava a mais linda menina, que logo foi chamada de Mindinha, pois era do tamanho de um dedo pequenino. A moça contente fez uma caminha para ela de uma cascade noz, forrada de pétalas de violeta e pôs em cima de uma mesa. Mas a moça deixou a janela aberta e uma sapa pulou para dentro da sala, pegou a caminha e levou a Mindinha embora para casar com seu filho sapão.
 Ela começou a chorar e os peixinhos, com pena dela, soltaram a folha das raízes e a folha desceu o rio. Mindinha viu muitas coisas, mas acabou descendo da folha, vivendo um tempo entre as flores, ouvindo o canto dos passarinhos. Até que chegou o inverno e Mindinha sofreu muito com o frio.
 Então, a rata do mato recolheu-a em sua casa, alimentou-a e deixou que ela ficasse ali, por uns tempos. Só que dona rata era muito amiga do senhor toupeira. Ele tinha uma toca encostada na casa da rata e até tinha um túnel que ligava as duas casas. Um dia, o senhor

toupeira levou Mindinha para conhecer o túnel. No meio do caminho, havia uma andorinha que parecia morta. À noite, Mindinha ficou pensando na andorinha, então teceu um manto de algodão, foi até o túnel e cobriu a ave. No dia seguinte, o senhor toupeira foi até a casa de dona rata e pediu Mindinha em casamento. Ela não queria casar com ele, ainda mais porque ele não gostava do sol, nem das flores, nem muito menos, dos passarinhos. Então, à noite, Mindinha voltou para ver a andorinha e teve uma surpresa: ela estava viva. Com o calor do cobertor ela tinha acordado. Mindinha trouxe água e comida e logo ela ficou boa de novo. As duas começaram a cavar o teto do túnel e conseguiram fazer um buraco e a andorinha convidou Mindinha para ir embora para um lugar bonito e cheio de flores. Mindinha subiu nas costas da ave e voou. Voou até um lindo jardim. Então, a andorinha levou Mindinha até uma grande flor onde estava o rei das flores que é do tamanho da Mindinha. Os dois logo gostaram um do outro, se casaram e foram muito felizes.

[12]P- Quem gostou da história?

[13]T- Eu.

[14](Professora comenta a atividade.)

[15]P- Pessoal, olha, aqui, pra pro. A C8 vai entregar esta folhinha que tem os personagens e as coisas que aparecem na história. Tem sapa na história?

[16]C2- Tem.

[17]P- Tem os peixinhos?

[18]C2- Tem.

[19]P- Tinha flores?

[20]P- Sim. Tinha rata.

[21]T- Sim.

[22]P- Tinha o senhor toupeira?

[23]T- Sim.

[24]P- Nessa folhinha, aqui, não precisa pôr nome e data, que, depois, vamos recortar esse quadradinho, tá bom ?

[25](Professora entrega a outra folha da atividade, e explica para colocar data, nome, para pintar a flor e o caminho, menos os quadradinhos.)

[26](A professora coloca a data na lousa, e explica a atividade para cada aluno, individualmente.)

Gravação - 25/6/15

[1] P-Bom dia, papai do céu, a aula já vai começar.

[2] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.

[3] P- Bom dia, para todos

[4] T- Bom dia.

[5] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência com muita paz e amor no coração. Amém.

[6] Calendário.

[7] P- Pessoal, vocês estão lembrados da história da Mindinha? Quem lembra?

[8] T- Eu.

[9] P- Nós fizemos a colagem dos personagens no caminho que a Mindinha percorreu até chegar no meio das flores. Agora, pra encerrar isso aqui, a nossa atividade da Mindinha, agora, a gente vai pintar só a cena que aparece, na história da Mindinha. Nesse primeiro quadro, que história está aparecendo aqui ?

[10] C2- Lobo mal.

[11] P- Do lobo mal. O lobo mal atrás da árvore, observando quem?

[12] C3-A Mindinha.

[13] P- Não. Quem é essa menina?

[14] T- Chapeuzinho Vermelho.

[15] P- Ah, então, essa é a história da Chapeuzinho Vermelho. Agora, essa história, aqui, quem continua aqui?

- [16] C1- O lobo mal, disfarçado de vovó.
 [17] P- E qual história que é então?
 [18] C8- Do lobo mal.
 [19] P- Mas, como chama a história ?
 [20] C3-Chapeuzinho Vermelho.
 [21] P- E, aqui, no meio, é a história de quem?
 [22] T- Da Mindinha.
 [23] P- Da Mindinha. Muito bem! Aqui é quando a Mindinha subiu naquela folha verde no rio. Então, qual o trecho que pertence à Mindinha ? O 1º, o 2º ou o 3º ?
 [24] C2- Aquele.
 [25] C5- O primeiro.
 [26] C6- O segundo.
 [27] P- Isso o segundo, que é o do meio. E, aqui, tem uma poesia:
 [28] Era uma vez uma menina do tamanho de um botão.Seu nome era Mindinha cabia na minha mão.
 [29] P- Vamos falar com a pro.
 [30] (A professora fala o poema e as crianças repetem.)
 [31] P- Então, agora, vocês vão pintar só o trecho da história que pertence à Mindinha, que é o do meio, tá ? Pode colocar a data onde quiser, embaixo, em cima.
 [32] (Professora escreve na lousa.)
 [33] P- Pessoal, hoje, é dia 25 do 6 de 2015. A data está aqui, na lousa.

Gravação 26/06/15

- [1] (Professora inicia a aula pelo calendário.)
 [2] P- Vamos, lá. Vamos dar uma lidinha no alfabeto, com a pro, e no cartaz.
 [3] (Professora indica cada letra do alfabeto e as crianças falam.)
 [4] P- Então, vamos ler o cartaz. Vem, aqui, pertinho, todo mundo. Vamos juntos.
 [5] (As crianças acompanham a leitura do cartaz Cai, cai, balão com a professora. Leem linha por linha lendo, depois cantam todos juntos com a professora.)
 [6] P- Quer fazer, C3?
 [7] (C3 se atropela na leitura, vai mais rápido que o dedo e a professora auxilia.)
 [8] P- Vem, C2.
 [9] (C2 acompanha certo.)
 [10] P- Vem, C9.
 [11] (C9 vai lendo o cartaz e se atrapalha um pouco na parte Não cai não, não cai não, mas consegue terminar.)
 [12] P- Vem, C4.
 [13] (C4 lê e acompanha certo.)
 [14] P- Vamos, lá, C6.
 [15] (C6 lê apressadamente, professora interrompe e fala para ele ir devagar. Consegue ler corretamente.)
 [16] P- Vem, C7.
 [17] (C7 se atrapalha na linha “não cai não, não cai não.” Professora interrompe e a ajuda a terminar.)
 [18] P- Vamos, lá, C1.
 [19] C1- Cai, cai balão..
 [20] (C1 apressa-se, mas lê certinho.)
 [21] P- Vem, C8.
 [22] (C8 faz corretamente, acompanha a leitura com o dedo e lê.)

Gravação – 11/8/15

- [1] P-Bom dia, papai do céu, a aula já vai começar.

- [2] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.
- [3] P- Bom dia, para todos
- [4] T- Bom dia.
- [5] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência com muita paz e amor no coração. Amém.
- [6] P- Essa história é novidade pra pro também. Não sei se ela é legal ou chata. Vamos descobrir juntos?
- [7] T- Ela chama assim Minhocas comem amendoim. Olha, aqui, na capinha, cheia de minhoquinhas azuis e amendoins. Antigamente, as minhocas comiam amendoins.
- [8] P- Antigamente, quer dizer o quê? Que é muito tempo atrás. Olha as boquinhas das minhoquinhas. NHAC NHACNHAC. Os passarinhos comiam as minhocas, que comiam os amendoins. Olha os passarinhos comendo as minhocas. Os gatos comiam os passarinhos, que comiam as minhocas, que comiam amendoins.
- [9] P- Quem será que vai comer o gato?
- [10] C8- Cachorro.
- [11] P- Ninguém comia os gatos, que comiam os passarinhos. Isso irritava muito as minhocas, que comiam os amendoins. Um dia, uma minhoca muito irritada comeu o gato. Olha como ficou a barriga da minhoca.
- [12] C6- Isso não é boa coisa. Tô achando estranho.
- [13] C2- Acho que é uma sucuri.
- [14] P- Um passarinho comeu a minhoca que tinha comido o gato.
- [15] P- Olha o estado desse passarinho. Um gato comeu o passarinho, que tinha comido o gato.
- [16] C3- Que barrigão!
- [17] P- Olha a situação. Mas quando um gato come um gato isso não dá certo. Bum, ele explodiu. No dia seguinte, tudo estava a maior bagunça.
- [18] C6- Tá de ponta cabeça pro.
- [19] P- É que tá a maior bagunça, C6. Os gatos se confundiam e comiam as minhocas, os passarinhos se confundiam e comiam os gatos, as minhocas se confundiam e comiam os passarinhos.
- Resumindo: os gatos comiam as minhocas, que comiam os passarinhos, que comiam os gatos, que comiam as minhocas. Entenderam? Que comiam os passarinhos, que comiam os gatos, que comiam as minhocas, que comiam os passarinhos, que comiam os gatos, que comiam.. Olha a situação das barriguinhas: examinando as barrigas. Vocês lembram que tinha uma regra ? As minhocas comiam os amendoins, os passarinhos comiam as minhocas e os gatinhos comiam os passarinhos. De repente, alguém quebrou essa ordem, não foi?
- [20] T- Aham.
- [21] P- E aí virou o quê?
- [22] C3- Bagunça.
- [23] C6- Uma muvuca.
- [24] P- Até o momento em que não deu mais. Olha a situação dos animais, gente. E aí? O que deveria acontecer, aconteceu. Os gatos cuspiram para fora as minhocas, que cuspiram os passarinhos, que cuspiram os gatos, que cuspiram as minhocas, que cuspiram os passarinhos. No dia seguinte, ninguém comia mais gato, ninguém comia mais passarinho, ninguém comia mais minhoca. Então, os gatos, com muita fome, comeram os amendoins e os passarinhos, que também estavam com fome também comeram os amendoins.
- [25] C2- E as minhocas?
- [26] P- Boa, vamos ver. Mas, como os gatos e os passarinhos comeram os amendoins, não sobrou nada para as minhocas. Olha a carinha delas, boquinha aberta, mas sem nada para comer. Daí em diante, para não ficar sem comida, as minhocas começaram a comer pedrinha.
- [27] C2- Mas minhocas não comem pedras!
- [28] P- E isso as irrita muito. Quem gostou da história?
- [29] (Professora comenta comigo que dá para trabalhar cadeia alimentar com este livro.)

- [30] P- Então, vamos escrever o nome da nossa histórinha. Como que é o nome da história que a pro falou?
- [31] PE- Minhocas.
- [32] T- Minhocas comem amendoim.
- [33] P- Como escrevo MINHOCA?
- [34] C4- É o I.
- [35] C6-MI, ME.
- [36] P- C6,o que você estava falando de minhocas?
- [37] C6- MI.
- [38] C1- É o I.
- [39] P- Tem o I, só que eu não falo INHOCA, tem alguma coisa antes. O que é o MA de Maria Julia?
- [40] C6- MA, ME. O M.
- [41] P- MA de Maria. M e A. E MI, é o quê ?
- [42] C6- É quase igual o som.
- [43] P- Pensa no MA dela, de Maria.
- [44] C1- É o MA.
- [45] P- M e o A é MA, e o MI? Olha, aqui, pra pro, MA de Maria é Me A? O que eu quero é o MI, o M e o I. MINHO..
- [46] C1- O.
- [47] P- Tem o O que o Pedro tá falando. Só que este é um som que precisamos de mais letrinhas. N, H e O que o Pedro falou, MINHOCA, o que é o CA?
- [48]C2- O K.
- [49] P- Não é o K. O que é o som K?
- [50] C4- É o A.
- [51] P- Tem o A. O que é o K Aline?
- [52] C7- O C e o A.
- [53] P- Isso, CA. E pra ficar MINHOCAS?
- [54] C4- É o S.
- [55] P-MINHOCAS COM.
- [56] C4-É o O.
- [57] P- Tem o O. CA é C e A. Então, CO é o quê ?O que é CO? Se CA é C e A, CO é o quê?
- [58] C5- Q.
- [59] P- Quase, C5. É o C mesmo, só que com o O. COME, o ME quem sabe?
- [60] C6- É quase o ME de melancia.
- [61] P- É o ME de melancia. O Lucas MA é M e A, MI é M e I, o que é ME, é M e? Se MA é M e A, MI é M e I, ME é o que?
- [62] C2- É o M e o E.
- [63] P- Isso aí, muito bem. COMEM, vou pôr o M aqui pra esticar COMEM AMENDOIM.
- [64] C3- É o A.
- [65] P- O ME é esse mesmo ME que tem aqui (aponta a palavra COMEM), AMENDO, o que é o DO?
- [66] C2- É o D e o O.
- [67] P- AMENDOIM, olha o final, tá jóia. Vamos ler com a pro.
- [68] T- MINHOCAS COMEM AMENDOIM.
- [69] P- E a historinha de ontem, quem lembra? Que letrinha é essa? (aponta para a lousa).
- [70] C2- A.
- [71] P- E essa?
- [72] C2-U.
- [73] P- AUAU,MIAU,PIUPIU, lembra de ontem? Quem lembra?
- [74] C4- Eu lembro.
- [75] P- Pessoal, vamos lá.
- [76] (Professora faz o calendário na lousa.)
- [77] P- Hoje, é terça-feira, olha o E que eu tô falando, TER, o que eu preciso?

[78] C2- O R.

[79] P- Hoje, é dia 11, que é o 1 mais 1. Tem sol?

[80] T- Tem.

[81] P- Prontinho. Então vamos sentar.

[82] (Professora entrega o calendário às crianças.)

[83] P- Podem fazer pessoal.

[84] ATIVIDADE

[85] P- Pessoal, olha só. Com tudo isso que o Flor faz, ele consegue formar um lindo jardim. As plantinhas crescem bem saudáveis, bem coloridas. Alegam o jardim, o lugar onde elas estão. As pessoas que passam e olham. Não é bonito quando você passa num lugar e fala: Nossa! Quantas flores! Que lindo! Mas, tudo isso, porque ele faz com carinho, entende o que tá fazendo, quanto tem que pôr de adubo, de aguinha. Porque, se molhar muito, a plantinha, todo dia, ela morre e se esquecer de regar a plantinha, ela morre seca. Então, tudo tem uma medida. E o Flor entende muito bem disso. Então, olha só, nós jogamos o dominó das flores, jogamos? E olha só. Nós vimos diversas flores, não foi? Qual flor é essa aqui (aponta para a figura do livro em que está a atividade). Quem lembra?

[86] C3- A rosa.

[87] P- E essa?

[88] C3- Tulipa.

[89] P- E essa, linda?

[90] C4- Cravo.

[91] P- E essa?

[92] C3- A violeta.

[93] P- Mas existem muitas outras espécies: a orquídea, a margarida, crisântemo, copo de leite, lírio. São vários tipos de flores. Nós também não jogamos o dominó? O dominó é uma espécie de jogo?

[94] C2- É.

[95] P- Quem, aqui, conhece outro tipo de jogo, levanta a mão. Pessoal, qual outro que jogamos, aqui, que tem as peças gigantes?

[96] C2- É o dama.

[97] P- Isso, dama, quebra-cabeça. E qual outro tipo de jogo nós brincamos? O boliche já; dama já; jogo da velha, já; o dominó, jogamos. Ontem, qual brincadeira nós jogamos?

[98] C8- Amarelinha.

[99] P- Isso, agora, olhando, aí, na folhinha de vocês. Agora, vocês vão olhar para as figuras e não vão falar nada. ainda. Aqui, nós temos três tipos de brincadeiras ou jogos. C4, você sabe como chama esse jogo aqui? (aponta para a imagem do seu livro).

[100] C4- Não.

[101] C2- Eu sei qual é.

[102] P- Ele tem um nome diferente, chama pula cela. Uma criança é o cavalinho, a outra vem correndo e pula a cela. Essa brincadeira do meio é fácil, qual é Lucas?

[103] C2- Eu já sei qual é. Peteca.

[104] P- Peteca, é legal?

[105] C2- Divertido.

[106] P – E a última é ?

[107] C3- Amarelinha.

[108] P- Isso, amarelinha. Depois, nós vamos fazer outra versão da Amarelinha. Vamos pular com a pedra na cabeça e não pode deixar cair. Será que vocês conseguem? Então, olha só, pessoal, existem inúmeros tipos de brincadeiras e jogos.

[109] (Professora pergunta para as crianças se elas brincam na rua.)

[110] P- Escuta só o poeminha que está aí no vagãozinho (se referindo a uma imagem da atividade).

Põe o dedinho no vagão. Vamos escutar a poema, olha só.

As flores do meu jardim cheiram muito bem,

Eu vou fazer um buquê e vou dar para meu bem.

[111] P- Então, vamos repetir. A pro fala e vocês repetem.

[112] P- Agora, olha só. Tem uma palavrinha escrita, aí. Que letrinha tem ? Fala pra pro.

[113] T- J, O, G, O.

[114] P- O que vocês acham que pode estar escrito aqui?

[115] C2- JÓGO.

[116] P- Isso mesmos C2. A C2 falou JÓGO. É JOGO.Vamos copiar. Não tem a linha, aí, vamos copiar a palavrinha aí.

[117] (Professora faz na lousa também.)

Gravação - 13/8/15

[1] P- Vamos cantar uma música, a do...

[2] C2- Jacaré.

[3] P- Vamos fazer

Lá vem o jacaré, o orangotango

As duas serpentinhas, a águia real

O gato, o rato, não faltou ninguém

Só não se via os dois piquenês.

Lá vem o uuuuuu(com a boca fechada sem falar)

O orangotango

As duas serpentinhas, a águia real

O gato, o rato, não faltou ninguém

Só não se via os dois piquenês.

[4] (Faz isso até passar por todos os personagens da música.)

[5] P- Agora, vamos fazer a do ratinho.

Um ratinho bonitinho que fazia QUIQUIQUI.

Comeu todo o meu queijinho que estava bem aqui.

Eu armei a ratoeira pra pegar o traidor,

Mas preendi o meu dedinho, puxa vida, aí que dor!

[6] P- Agora

TOC TOC quem bate pode entrar, sou o pintor sua casa vou pintar.

Na varanda, vou pintar três macaquinhos, para alegrar o coração dos menininhos,

Na cozinha, vou pintar três bananeiras, para alegrar o coração da cozinheira,

No quintal, vou pintar um cachorrão AUAUAU, pra assustar a cara feia do ladrão.

[7] P- Vocês conhecem a música do trem maluco?

[8] T- Não

[9] P- Eu acho que vocês conhecem.

O trem maluco quando sai de Pernambuco vai fazendo CHIC CHIC, até a vida melhorar.

Rebola pai, rebola mãe, rebola filha eu também sou da família também quero rebolar.

[10] P- Agora, cantando junto com a pro.Vocês sabem a música do sabiá?

Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou, voou, voou,

E a menina que gostava tanto do bichinho chorou, chorou, chorou,

Sabiá fugiu pro terreiro, foi cantar lá no abacateiro e a menina pôs-se a chamar vem sabiá, vem.

[11] P- Vamos cantar a do sabiá?

[12](Leitura da história.)

[13] P- Acho que vocês não conhecem essa história. Essa história chama assim: Não vou dormir.

[14] C4- A música assim ó.. Era uma vez, vai começar, a linda história ...

[15] P-Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar.

Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história.

Agora eu vou contar.

[16] P- A nossa história chama Não vou dormir. Eu acho que ela tá com uma carinha de sono e não quer dormir (se referindo à ilustração do livro).

[17] P- Olha tudo escuro. Olha só, gente, olha aqui.

[18] C6- Porque aqui tá claro?

- [19] C2- E ali escuro?
- [20] P- Olha só, onde será que ela tá indo ? Tá subindo a escada. E, agora, escovando os dentinhos. Não vou dormir, disse a menininha.
- [21] C6- Ela é um mistério.
- [22] P- Vou ficar bem acordada, aqui, na cama. E sentou na cama. Não estou com sono nenhum. A mamãe me mandou para a cama, mas isso não significa que eu vou dormir. Gente, vão reparando a cena. Não vou dormir. Vão reparando o que tá acontecendo.
- [23] C2- Ela está fechando o olhinho.
- [24] P- Não tô com sono.
- [25] C2- A lá tá quase e..
- [26] C9- Tá acordando.
- [27] P- Olha lá de novo, fechando o olhinho e quase. E, aqui, o que aconteceu?
- [28] C2- Ela fechou.
- [29] P- Será que ela dormiu? AH, olh aqui, dormiu ou não dormiu?
- [30] T- Dormiu.
- [31] C1- Quem escreveu?
- [32] P- Quem escreveu essa história, que é uma gracinha, foram dois escritores: a Cristiane Libel e o Orlando Pedroso é o ilustrador. A pro já falou o que um ilustrador faz.
- [33] C1- Escreve as coisas na história.
- [34] P- Não. Quem escreve é o escritor. E o ilustrador? O que o ilustrador faz? O escritor(a), o autor(a) escreve a história e o ilustrador ele faz o quê, na história? Quando a pro fala: Vamos ilustrar a história, o que vocês fazem? Quando a pro pede para ilustrar?
- [35] C1- Pintar
- [36] C3- Desenhar.
- [37] P- Isso! O ilustrador desenha a história, conforme o que a Cristiane escreveu. Ele vai imaginando a cena e desenha, folha por folha. Vocês não conheciam essa história?
- [38] T- Não.
- [39] P- Então, vamos colocar o título ali na nossa lousa. Vamos, lá pessoal, ajudando a pro. O nome da nossa história é NÃO VOU DORMIR! O que eu preciso pra escrever esse NÃO?
- [40] C5- NA, A.
- [41] P- Tem o A.
- [42] C2- É o N.
- [43] P- C5, você falou NA. É isso mesmo, o Na, tá certo. O N sozinho é apenas N, se ele tiver o A próximo dele fica NA. E pra ele virar NÃO?
- [44] C2- É o O.
- [45] P- Isso. Só que, se eu pôr ele aqui, tá escrito NAO, tá certo, Nao?
- [46] C2- Não.
- [47] P- Ele precisa de alguma coisa pra virar NÃO, igual João, pão, mão. O que ele precisa?
- [48] (A diretora vem na sala e a professora pede para ela lembrá-la da segunda parte da música do sabiá, que ela não se lembra).
- [49] D- Sabiá lá na gaiola fez um burquinho, voou, voou, voou,
E a menina que gostava tanto do bichinho chorou, chorou, chorou,
Sabiá fugiu pro terreiro, foi cantar lá no abacateiro
E a menina pôs-se a chamar vem sabiá, vem cá.
Sabiá responde de lá não chore que eu vou voltar.
- [50] P- Do galinho agora.
- [51] D- Faz três noites que eu não durmo olala, pois perdi o meu galinho olala, pobrezinho olala, coitadinho olala, eu perdi lá no jardim.
Ele é branco e amarelo olala, tem a crista vermelhinha olala, bate as asas lala, abre o bico lala, ele faz quiriquirei.
Já rodei o Mato Grosso lala, Amazonas e Pará olala, econtrei olala, meu galinho olala, no sertão do Ceará.
- [52] D- E aquela uma assim:

Havia uma barata na careca do vovô. Assim que ela me viu bateu asas e voou. Seu Joaquim quimquim, da perna torta tata, dançando valsa sasa, com a Maricota tata. Ela me disse se se, que não bolisse se se o meu chapéu péupéu da D. Alice ce ce.

[53] D- Essa, aí, tem que cantar brincando de roda. E o meu chapéu tem três pontas? O meu chapéu tem três pontas, tem três pontas o meu chapéu.

[54] D- Agora, a gente vai tirar o chapéu.

O meu tem três pontas, tem três pontas o meu

[55] D- Agora, vai tirar chapéu e três pontas.

O meutem....., temo meu...

[56] D- Agora, vamos cantar outra cantiga de roda.

Samba lele tá doente, tá com a cabeça quebrada, samba lele precisava é de umas boas palmadas.

Samba, samba, samba o lele, pisa na barra da saia.

Samba, samba, samba o lele, pisa na barra da saia.

[57] D- E tem o Samba crioula, que é assim:

Samba crioula que vem da Bahia, pega a criança e põe na bacia.

A bacia é de prata e ariada com sabão,

Depois de ariada vai lavar seu roupão.

Seu roupão é de seda, touquinha de filó, cada um pega seu par pra não ficar pra vovó.

[58] D- Quem ficou pra vovó? Tia Rose. Daí cada um pega seu par.

[59] D- Brincadeira de roda eu já ensinei. Brincadeira de roda é sempre assim, fica um amigo no meio e o resto em volta.

Ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a volta e meia, volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste vidro se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

Por isso seu C5 faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora.

[60] D- Fala assim: rei capitão

[61] C5- Rei capitão.

[62] D- Soldado ladrão.

[63] C5- Soldado ladrão.

[64] D- Moça bonita.

[65] C5- Moça bonita.

[66] D- Do meu coração.

[67] C5- Do meu coração.

[68] D- Agora, ele vai fazer o oxindolele.

Oxindolele, oxindolala, Oxindolele, oxindolala

Não sou eu que vai ficar.

[69] (A diretora explica a brincadeira de roda, e faz com os nove alunos, cantando várias músicas. Encerra a aula pra ir para a aula de informática.)

Gravação – 01/09/15

[1] (Calendário)

[2] P- Olha, aqui, pessoal. Nós vamos no quadradinho da terça-feira. O T, o E e R. Acharam? Coloca o dedinho, TER. E, hoje, é dia um, ou dia primeiro de setembro, que é o mês do aniversário do C6. E tem solzinho, pessoal?

[3] T- Tem.

[4] P- Então vamos fazer o calendário bem bonito.

[5] P- Pessoal, vamos sentar aqui.

[6] P- Palma, palma, palma, pé, pé, pé

Roda, roda, roda, caranguejo peixe é,

Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe na enchente da maré.

[7] P- Vamos fazer a ciranda.

Ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a meia e volta, volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste era vidro se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. Por isso dona C4 faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora.

[8] (Professora faz a brincadeira com os 9 alunos.)

[9] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que agora eu vou contar.

Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história Agora, eu vou contar.

[10] P- A história de hoje chama: Pipoca, um carneirinho e um tambor.

O menino quer pipoca. O menino quer pipoca e algodão doce. O menino quer pipoca, algodão doce e um pedaço de nuvem. O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem e um carneirinho.

[11] P- Isso é a imaginação dele.

[12] C6- Ah, na imaginação dele.

[13] O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho e um travesseiro macio.

[14] C2- Nossa! Ele ainda dorme no berço.

[15] P- Parece uma caixa.

[16] C2- É uma caixa.

[17] P- Será a caixa da pipoca? O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio e uma pipa colorida.

[18] C1- Ele quer tudo.

[19] O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio, uma pipa colorida e uma estrela bem brilhante.

[20] C6- Aí já tá demais né.

[21] O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio, uma pipa colorida, uma estrela bem brilhante e um cavalo marinho.

[22] P- Vocês sabem que tamanho é o cavalo marinho?

[23] C5- Ele é grande.

[24] P- Ele é pequenininho.

[25] O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio, uma pipa colorida, uma estrela brilhante, um cavalo marinho e um passarinho azul,

[26] P- O que tem, aqui, no ninho? Que cor de ovo?

[27] C5- Um azul e dois brancos.

[28] P- Será que, daqui, vai nascer o passarinho azul?

[29] C1- Acho que sim.

[30] O menino quer pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio, uma pipa colorida, uma estrela brilhante, um cavalo marinho, um passarinho azul e um tambor.

[31] P- E, agora? Hum, estamos chegando no fim.

[32] Ah menino! Eu te dou pipoca, algodão doce, um pedaço de nuvem, um carneirinho, um travesseiro macio, uma pipa colorida, uma estrela brilhante, um cavalo marinho, um passarinho azul, um tambor e muito mais se você...

[33] P- Olha a mãe falando para ele. Eu te dou muito mais se você me der um..

[34] C4- Abraço.

[35] Se você me der um beijo.

[36] P- Será que acabou? Acabou. Quem, aqui, beija a mamãe todo dia?

[37] C3- Entrou por uma porta ...

[38] P- Vamos falar com a pro

[39] T- Entrou por uma porta saiu pela outra, quem souber que conte outra.

[40] P- Agora, vamos colocar o nome da nossa história. Gente, o nome da nossa historinha começa assim PIPOCA.

[41] C6- P.

[42] C1- P de Pedro.

[43] P- O P de Pedro tá sozinho, tem que virar PI.

- [44] C5- O I.
 [45] P- PIPO
 [46] C4-O
 [47] P- O que é, C6?
 [48] C6- P.
 [49] P- PIPOCA. O que é CA, C7?
 [50] C7- O C e o A.
 [51] P- Muito bem, PIPOCA UM.
 [52] C2- É o U.
 [53] P- Só que eu tenho que esticar esse U, para virar UM. Pra gente esticar o som da letrinha a gente usa sempre o M ou o N. Neste, caso é o M. Então, vamos esticar PIPOCA UM CARNEIRINHO.
 [54] C6- K.
 [55] C4- É o C e o A.
 [56] P- Isso, C4. Entendeu, C6? O som Keu uso o C e o A.
 [57] P- CAR.
 [58] C6- O R.
 [59] P- CARNE
 [60] C2- O NE
 [61] C4- É o E
 [62] P- Tem o E.
 [63] C2- É o N e o E.
 [64] P- CARNEIRI, RI, o que precisa? eu já tenho o R, pra ficar RI, que precisa, C9 ?
 [65] C1- O I.
 [66] P- Muito bem! CARNEIRINHO, NHO. Esse a pro vai mostrar. O NHO
 [67] C3- É o O.
 [68] P- Tem o O, mas, e antes, o que precisa? O NHO é um som que precisa de três letrinhas, o N, H, agora, o O, que a C3 falou. PIPOCA UM CARNEIRINHO E.
 [69] C1- É o E.
 [70] P- É o E, E UM, eu já escrevi UM. O que eu preciso?
 [71] C4- É o U e o M.
 [72] P- UM TAM, TAM. Vamos pensar, TA.
 [73] C2- O T e o A.
 [74] P- É o T e o A. Agora, nós vamos esticar esse som usando o M, TAMBO.
 [75] C3- Um BO.
 [76] P- O que é BO.
 [77] C4- É o T e o O.
 [78] C2- É o B.
 [79] P- O T fica TAMTO, a gente quer TAMBO. É o B. E, pra finalizar, TAMBOR, precisa o quê, no final?
 [80] C2- R.
 [81] P- Então, vamos ler com a pro PIPOCA, UM CARNEIRINHO E UM TAMBOR.
 [82] P- Pessoal, vamos ler o alfabeto com a pro. Nós vamos fazer assim: cada um vai fazer um pedacinho.
 [83] A professora indica onde cada aluno começa e termina.

Gravação – 03/09/15

- [1]P-Palma, palma, palma, pé, pé, pé,
 Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.
 Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é,
 Caranguejo só é peixe na enchente da maré.
 [2] P- Agora, senta mãozinha de anjinho todo mundo.
 [3] P-Bom dia, papai do céu. A aula já vai começar.

[4] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.

[5] P- Bom dia, para todos.

[6] T- Bom dia.

[7] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência com muita paz e amor no coração. Amém.

[8] P- Essa história de hoje a pro também não conhece. Chama Coach.

[9] C2- Pro, esse parece o mundo do seu carneiro.

[10] P- Então, vamos lá. Era uma vez um lago onde morava uma família de sapos. Era o lago deles, e ali viviam muito felizes. Até que, em uma manhã, receberam um visitante inesperado.

[11] P- Quem era o visitante inesperado? Era um porco. Um porquinho cor de rosa, sentado numa pedra. Gente, olha, aqui, ele sentado numa pedra, e em volta dele, uma família de sapos (mostrando a imagem no livro). Nossa! Disseram os sapos, por que tem um porco no nosso lago? Eles ficaram cochichando até que, finalmente, o sapo líder resolveu perguntar: bom dia, como podemos ajudá-lo? E para a surpresa do sapo, o porquinho respondeu:

[12] P- Olha o sapo líder, tá meio acabadinho né? Deve ser o sapo mais velho da família, né? O porquinho respondeu: COACH. O que ele disse? gritaram os sapos. Esse porco tá confuso, ele tá achando que é sapo. Está zombando de nós? Mas de novo o porquinho só disse COACH. A notícia do porquinho que achava que era sapo se espalhou depressa e todos os bichos foram correndo para o lago ver o novo visitante. Esse novo parente de vocês é meio rosa, né? Disse o guaxinim. Ele não é parente nosso, não. Responderam os sapos. Mas, com certeza, fala como sapo, disse a doninha. Porque um porco ia querer ser sapo? Perguntou o papagaio. E o que tem de errado em ser sapo, podemos saber? Chiaram os sapos. Todos começaram a gritar um com os outros esquecendo totalmente o porquinho que continuava, ali, treinando seu COACH, COACH, COACH, COACH. Os bichos riam cada vez mais e os sapos ficavam cada vez mais furiosos. Até que o sapo líder deu um grito: PAREM! Essa discussão não nos levará a lugar algum. Precisamos procurar o velho sábio besouro, ele saberá o que fazer. O velho sábio besouro? Perguntou em coro a bicharada. Ele detesta ser incomodado. Eu sei, disse o sapo líder, mas, a situação é muito séria. É verdade, concordaram os bichos. E lá foram eles falar com o velho sábio besouro. E o porquinho COACH, COACH. Os bichos encontraram o velho sábio besouro e tentaram explicar o problema. Foi difícil para ele entender, porque todos falavam ao mesmo tempo. Finalmente, o besouro concordou ir com eles até o lago, mas quando chegaram lá.

[13] P- Vocês não vão acreditar! Cadê o porco? Aonde foi o porquinho? Gritaram os bichos. Quem era ele? O que ele queria? Talvez, disse o velho besouro sábio, ele só quisesse fazer novos amigos e foi embora. Que coisa! Lamentaram os bichos. Eles não tinham pensado nisso. PIU PIU. E não deu outra. Bem perto dali, no alto de uma árvore, os bichos encontraram o porquinho. Ele continuava tentando fazer novos amigos. E porque, não? Afinal.

[14] P- Olha onde está o porquinho, em cima da árvore. PIU PIUPIUPIU todos os bichos em cima da árvore. Fazer novos amigos pode ser bem divertido.

[15] P- Quem gostou?

[16] T – Eu.

[17] C4- Pro, começa com C.

[18] P- Começa com C, daqui a pouco nós vamos ver.

[19] P- Então, vamos lá. Lembra que a pro falou que ia separar algumas parlendinhas para fazer no dia da família na escola. Estão lembrados? A pro até falou com as meninas, com os meninos, nós podíamos fazer uma todos juntos. Qual foi que a pro separou para os meninos? Quem lembra?

[20] C5- Eu sei, é o da laranja.

[21] P- Isso mesmo. E para as meninas, quem lembra?

[22] P- Olha essa. Essa é bonitinha para todo mundo falar junto. Olha só.

Uma velha muito velha

Mais velha que o meu chapéu

- Foi pedida em casamento
 Levantou as mãos para o céu.
 [23] (Todos repetem).
 [24] P- Agora a dos meninos, vamos repetir.
 Laranjeira pequenina
 Cercadinha de flor
 Eu também sou pequenino
 Cercadinho de amor.
 [25] P- Vamos falar de novo, vocês dois. (C1 e C5 repetem.)
 [26] P- Vamos lá, meninas, vamos ajudar a pro.
 A mamãe na janelinha
 O papai no corredor.
 O vovô de cuequinha para dançar rock roll.
 [27] P- Agora, a outra.
 La em cima daquele morro tem um pé de abricó
 Quem quiser casar comigo vai pedir a minha vó.
 [28] C8- É essa, aí.
 [29] P- É essa mesmo. Meninas, vêm aqui. Vamos falar.
 La em cima daquele morro tem um pé de abricó
 Quem quiser casar comigo vai pedir a minha vó.
 [30] P- Vamos fazer de novo, meninas. Vamos fazer a da bruxinha, também. Todo mundo.
 Era uma bruxa num castelo
 Com uma faca na mão
 Passando manteiga no pão.
 [31] P- Outra. Vamos verse vocês sabem.
 Pisei na pedrinha, pedrinha rolou
 Pisquei pro mocinho, mocinho gostou.
 Conte pra mamãe, mamãe nem ligou.
 Conte pro papai, chinelo cantou.
 [32] P- Mais uma para os meninos.
 A mamãe na janelinha,
 O papai no corredor.
 O vovô de cuequinha para dançar rock roll.
 [33] P- Então, vamos escrever o nome do nosso livro.
 [34] C3- Começa com C.
 [35] P- Começa com C. Como chama o nosso livro mesmo, que a pro falou?
 [36] T- COACH.
 [37] P- A C3 já falou pra pro que começa com C. Esse C sozinho é só C, e pra ele ficar CO?
 [38] C3- OO.
 [39] P- COA
 [40] T-A
 [41] P- COACH, CH. Agora, esse sonzinho é danadinho. Na verdade, faz assim CH,CH.
 [42] C4- É o I
 [43] P- Eu até escuto o I, só que, na minha forma de escrever, eu não vou usar o I. Ele parece um pouco de X, um pouco de P. Mas, na verdade, ele é um pouco diferente. Sabe o que a gente vai usar aqui? O CH, não é sempre, mas vai aparecer de vez em quando para gente aprender.
 [44] P- Olha, aqui, COACH. Vamos, juntos, COACH.
 [45] T- COACH, COACH, COACH.
 [46] (Calendário)
 [47] P- A pro vai colocar a data aqui. Que dia é hoje? Quem sabe? Ontem foi dia 2, hoje é?
 [48] T- 3.
 [49] P- Isso. Então, 3, tem solzinho. E que dia da semana que é? Ontem foi quarta, hoje é?
 [50] C4- Sexta.

[51] P- Não, hoje é quinta. Olha o som do QUI, QUI. O que eu preciso para esse som para formar QUI. O que precisa C7?

[52] C7- O Q.

[53] P- E depois do Q?

[54] C7- O I.

[55] P- Depois do Q, o que eu sempre uso?

[56] C7- O U.

[57] P- Isso! A pro ensinou; é a regrinha.

[58] P- A pro vai ensinar uma musiquinha.

Sete dias a semana tem, quando um acaba o outro logo vem.

Domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira,

Sábado, que bom, que bom.

[59] P- Então, vamos sentar para fazer, o calendário.

[60] (Professora entrega o calendário.)

Gravação – 08/09/15

[1](Neste dia foi uma professora substituta.Calendário.Professora desenha calendário na lousa.Professora faz leitura da história: O homem da chuva.)

[2] C3- A gente já sabe.

[3] P- Mas, porque você acha que peguei esse livro?

[4] C3- Porque tá chovendo.

[5] P- O homem da chuva. Sabe quem escreveu esse livro? Foi Giane Roldari e Nicoleta Costa.Você conhece o homem da chuva? Eu conheço. Olha ele lá, escondido lá na nuvem.É um homem leve, leve, que mora nas nuvens.

[6] C6- Olha as roupas, lá no varal (aponta para o livro).

[7] Salta de uma nuvem para outra, sem afundar o piso macio e vaporoso.

[8] C6- Ele voa? Mas não tem asa.

[9] P- Ele é o homem da chuva.

[10] As nuvens têm muitas torneiras. Quando o homem abre as torneiras, as nuvens deixam cair água sobre a terra. Quando o homem fecha as torneiras, a chuva para.O homem da chuva tem muito trabalho, sempre abrindo e fechando todas as torneiras. Mas, às vezes, ele fica muito cansado.

[11] C3- Depois, ele vai dormir e deixar as torneiras abertas.

[12] P- Será?Quando está cansado, cansadíssimo, ele deita sobre uma nuvenzinha e adormece. Dorme, dorme, dorme. No entanto, deixou aberta todas as torneiras e continuou chovendo.Por sorte um trovão, mais forte do que todos os outros, acorda o homem da chuva. Ele dá um pulo e exclama: Pobre de mim! Quem sabe quanto tempo eu dormi!Olha para baixo e vê as cidades, as montanhas e os campos cinzas e tristes, debaixo da água que continua a cair. Então, começa a saltar de uma nuvem para outra, fechando todas as torneiras.

[13] P- Olha o sol(mostra figura no livro).

Assim, a chuva para e as nuvens são empurradas para longe com o vento, embalando docemente o homem da chuva, e ele adormece de novo.Quando acorda, ele exclama: Pobre de mim! Quem sabe quanto tempo eu dormi! Olha para baixo vê a terra seca, seca, fumegante, pegando fogo, sem um agota de água. Então, corre pelo céu abrindo todas as torneiras. E, assim, ele vai levando.

[14] P- Agora, vocês vão desenhar a história do “Homem da chuva”, a gente vai pintar e depois vai passar giz pra ficar bem bonito.

[15] (Professora intervém no desenho, pois as crianças estavam pintando as nuvens de vermelho, verde etc. Ela fala que tem que ser azul ou cinza.)

Gravação - 10/9/15

[1] Leitura do livro: Família- caretas engraçadas.

- [2] (Livro mais visual.)
- [3] P- Pessoal, olha pra cá. Como é o nome do nosso livrinho, que a pro falou?
- [4] C2- Família.
- [5] P- Pranós escrevermos FAMÍLIA, que letrinha será que começa? Vamos pensar.
- [6] C6- A.
- [7] P- Tem o A.
- [8] C3- Essa letra aqui (aponta para o F do alfabeto que está na lousa).
- [9] C2- É o F.
- [10] P- Isso! O F. Agora, vem o A, o M, que tem na Yasmim.
- [11] C3- O I.
- [12] C6-I.
- [13] P- O I sozinho é só o I e pra formar MI?
- [14] C6- O ME.
- [15] P- Mas o ME que você falou é o?
- [16] C6- M.
- [17] P- Isso, FAMI, o M sozinho é só ele e o I também pra formar um sonzinho eles precisam se juntar FAMILI.
- [18] C3- LE.
- [19] P- O L né, agora vem o que para esse L virar LI?
- [20] C6- O I.
- [21] P- FAMÍLIA. Certo.
- [22] C9- Pro você sabe escrever FIM.
- [23] P- Fim?
- [24] C9- É o Fim da história.
- [25] P- É tem o F também. Eu sei escrever, e você sabe? Vem aqui, na lousa, escrever.
- [26] (C9 vai a lousa e escreve FIM corretamente.)
- [27] (Calendário.)
- [28] P- Vamos, lá, pessoal. Hoje é quinta-feira, o QUI. Hoje, é dia 10. Olha, a pro não tem amarelo. A pro vai fazer o sol de laranja, mas vocês fazem de amarelo.
- [29] P- Vamos ler os números, então. Vamos juntos.
- [30] (As crianças leem do 1 ao 30. A professora entrega a folha do calendário.)
- [31] P- Pessoal, segunda-feira vocês não vieram na escola, né? Não teve aula, por quê?
- [32] T- Não sei.
- [33] P- Foi feriado, mas um feriado importantíssimo. Segunda não teve aula porque foi dia 7 de setembro, é uma data importante, por quê? Quem sabe?
- [34] P- Independência do Brasil. Vocês assistiram algum lugar que teve desfile com a polícia militar, cavalo. O que quer dizer a palavra "independência"?
- [35] (Professora conta a história do Brasil e explica o porquê deste feriado, o que aconteceu naquele dia. A professora mostra, no mapa do Brasil, cada estado do país. As crianças, juntamente com a professora, ouvem o hino da Independência.)

Gravação - 11/09/15

- [1] (Professora leva as crianças na biblioteca. Distribui um livro para cada criança da história: O lobo e os sete cabritinhos.)
- [2] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que agora eu vou contar. Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história
- [3] (Agora, eu vou contar.)
- [4] P- Cada um no seu livrinho, dedinho no que eu estou falando. O lobo e os sete cabritinhos.
- [5] (A professora começa a leitura no livrinho.)
- [6] T- Entrou por uma porta, saiu pela outra. Quem souber que conte outra.
- [7] (Atividade)
- [8] (Professora comenta sobre o folclore, as crianças já vinham trabalhando sobre o assunto. A professora fala sobre o saci.)

- [9] P- Aqui, no nosso livro, vamos continuar falando um pouquinho mais sobre o saci, aquele menino muito danado.
- [10] C6- Ele apronta, pro ?
- [11] P- Apronta muito. Tem um jeito de pegar o saci. A pro já contou como a gente pega o saci. E tem que pegar ele e guardar onde?
- [12] C1- Numa garrafa.
- [13] P- E se a gente pegar o capuz dele tem direito a um desejo. Não foi o que a pro leu pra vocês, lembram?
- [14] P- Brincando de pegar o saci.
O saci mora na mata, ele tem uma perna só, o saci é alegre?
- [15] T- É.
- [16] P- O saci é levado?
- [17] T- É.
- [18] P- A carapuça do saci é vermelha. Um dia, com uma peneira, eu peguei um saci, eu prendi o saci na garrafa. Agora, ele faz tudo o que eu quero.
- [19] P- Tem um jeito especial de pegar o saci. Quando ele estiver chegando no redemoinho, você joga a peneira, aí você tem que pegar o saci, colocar dentro da garrafa. Aí, você não vê, é invisível. Coloca dentro da garrafa e coloca uma rolha e prende ele, bem prendidinho dentro da garrafa. Aí, ele vai aparecer. Quando você prender o saci na garrafa, você tem direito de pedir um desejo.
- [20] P- Agora, pessoal, sabe o que vamos fazer? Vamos escrever algumas palavrinhas que têm a ver com o saci.
- [21] (Professora pega o alfabeto móvel para utilizar na escrita dessas palavras.)
- [22] P- Quem é que lembra como escreve SACI?
- [23] C6- Com C.
- [24] P- Opa, C, SA.
- [25] C2- É o S e o A.
- [26] P- SA, CI, C3, fala você.
- [27] C3- É o I.
- [28] P- Você fala só o I ou fala alguma coisa junto com o I?
- [29] P-SACI, CI, o que é?
- [30] C2- Eu sei, é o C e o I.
- [31] P- Muito bem, SACI. Aonde o SACI mora mesmo? MATA, como escreve MATA mesmo. C9 escreve pra pro MA de MARIA.
- [32] C9 coloca o A.
- [33] P- Aqui, você colocou A. Eu quero MA, MA de Maria, do seu nome. Que letra que é?
- [34] C9- M.
- [35] P – Isso. Agora a gente formou um som, MA, MATA. Vamos pensar com a pro, C1, o que é TA? O que você acha que precisa?
- [36] C1-I.
- [37] P- C1 fala comigo, TA, não tem I. O que você tá escutando quando fala? C6, o que você escuta quando fala TA?
- [38] L- O T.
- [39] P- Só que o T sozinho é só T. Que letrinha especial que ele precisa?
- [40] E-A.
- [41] P- Vem, aqui, pegar o A. Vamos ler com a pro MATA. E o que a pro falou mesmo que precisa jogar no saci para prendê-lo?
- [42] C3-PENEIRA.
- [43] P- C1 PENE, começa igual Pedro, que letra que é?
- [44] C1-P.
- [45] P- Coloca o P, aqui. Esse P igual no seu nome. Se ele estiver sozinho, é só P. Que vogal precisa pra ficar PE, igual do seu nome?
- [46] C1- E.
- [47] P- Pode pôr o E aqui. C3, PENE, o que é o NE?
- [48] C6- NE, NE.

- [49] P- O que é esse NE?
 [50] C6- o N e o E.
 [51] P- PENEI.
 [52] C6- I.
 [53] P- PENEIRA, o que é o RA?
 [54] C6- O A.
 [55] P- Tem o A, mas eu não tô falando só A.
 [56] C2- Eu sei, pro.
 [57] P- Pode colocar.
 [58](C2 pega o R e o L o A.)
 [59] P- Vamos ler com a pro PENEIRA. Começa com que letra?
 [60] C1- P de Pedro.
 [61] P- E a última, vamos ver. A pro falou que o saci é muito SABIDO. O que é sabido? Ele é muito inteligente. SA, o que é SA.
 [62] C2- é o S e o A.
 [63] P- SABI, C8 vem, o que você acha que é o BI?
 [64] E- É o I.
 [65] P- Tem o I, mas tô falando alguma coisa junto.
 [66] Y- É o B.
 [67] P- Isso. SABIDO, C9, DO.
 [68] C9- É o O.
 [69] P- É o O , mas não é só o O. DADO começa com que letra, DINOSSAURO, DEDO. DD que letra que eu to falando?
 [70] C9- D.
 [71] P- é o D. SABIDO. Lê pra gente C9.
 [72] C9- SABIDO.
 [73] P- Então, vamos ler as três palavrinhas que formamos?
 [74] T- MATA.
 [75] P – Que é o M da Maria e a gente pode formar MA, ME, MI, MO, MU.
 [76] T- PENEIRA.
 [77] P- Que é o P de Pedro. O que a gente pode formar C2?
 [78] C2- PA,PE, PI, PO, PU.
 [79] P – Isso. Agora o S que escrevemos SABIDO.
 [80] Y- pode escrever SA, SE, SI, SO, SU.
 [81] P- alguma coisa que começa com SO? SONECA, o que mais?
 [82] C1- SORO.
 [83] P- Muito bom, e com SA?
 [84] C8- SAPO.
 [85] P- C1, que mais? C9, C3?
 [86] P- SALADA. E com PA?
 [87] C2- PANELA.
 [88] P- PA, PA.
 [89] C6- PAPAI.
 [90] P- Que mais com PA? Aquele bichinho que vive na água e faz QUA, QUA, QUA.
 [91] (A professora entrega a folha da atividade, que é a escrita dessas palavras.)

Gravação - 15/09/15

- [1] P-Bom dia, papai do céu. A aula já vai começar.
 [2] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.
 [3] P- Bom dia, para todos
 [4] T- Bom dia.
 [5] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência, com muita paz e amor no coração. Amém.

[6] P- Vamos fazer a brincadeira do João come pão.

[7] T- C1 comeu pão na casa do João.

[8] C1- Quem eu?

[9] T- É você

[10] C1- Eu não.

[11] T- Então, quem foi?

[12] (A brincadeira vai até passar por todos os alunos.)

[13] P- Vamos lá, pessoal.

[14] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar.

Batam palmas, minha gente. Batam palmas outra vez, que uma história, Agora, eu vou contar.

[15] P- A história de hoje chama Como surgiram os vagalumes.

[16] P- Quem sabe o que é um vagalume?

[17] C5- inseto.

[18] C2- Um inseto que acende a luz.

[19] C5- Acende a luz na bundinha dele.

[20] P- O vagalume é uma espécie de besouro e ele tem uma luzinha e, à noite, ele acende aquela luz dele. Era uma vez uma estrelinha que adorava pular pelas nuvens do céu. Ao ver os mirabolantes pulos da estrelinha, sua mãe disse: minha filha, não faça umas coisas dessas. Você fica, aí, pulando nessas nuvens, um dia, vai encontrar um buraco no meio delas, vai cair lá na terra. Aí quero ver para você voltar. Ouvindo as palavras de sua mãe a estrelinha pensou com seus botões. Hum, realmente minha mãe tem toda razão, mas eu vou dar o último pulo de despedida. Então, a estrelinha olhou todas as nuvens do céu e escolheu a mais fofa de todas. Deu um impulso bem forte e pulou. Quando ela pulou, dito e feito. Tinha um buraco no meio daquela nuvem. Ela foi caindo para a terra e POFF.

[21] C1- Caiu na areia como se fosse um meteoro.

[22] C6- O que é meteoro?

[23] P- Meteoro é uma pedra gigante de fogo que cai do céu. Mas isso só acontece raramente.

Caiu estatelada na terra, ao lado de uma floresta. A pobre estrelinha ficou lá embaixo, chorando, enquanto sua mãe, bem lá do alto do céu, dizia: minha filha eu avisei você. E, agora, o que vamos fazer? E a estrelinha gritava: mãe, me ajuda. O que eu faço agora? A mãe da estrelinha juntou todas as cordas celestiais disponíveis e jogou para baixo, mas ainda ficava muito longe. Chamou as outras estrelas, pediu conselhos, gritou, esbravejou, chorou. De nada adiantou. Não havia solução para ajudar sua filha. Aquele era um dia de inverno e os animais da floresta estavam com muito frio. Quando eles viram aquela luz imensa produzida pela estrelinha acharam que era uma grande fogueira. O elefante foi o primeiro a se aproximar da estrela, com aquele seu corpo elefantoso dizendo: aí, que maravilha! Uma fogueira para me esquentar. A estrela ouviu aquilo e ficou furiosa. Eu não sou uma fogueira, sou uma estrela celestial. Sem graça, o elefante disse: desculpe-me, mas lugar de estrela celestial, para mim, é no céu. O que você está fazendo aqui?

A estrela contou a ele toda a sua história, como foi parar ali, na terra, e tudo mais. Falou da mãe. O elefante ficou com muita pena e teve uma ideia. Eu vou te ajudar, eu vou correr, correr, e rodar a minha tromba bem forte e lançar você bem alto para o céu. Então, você vai poder voltar para perto de sua mãe. E foi isso que eles fizeram. O elefante aproximou a tromba da estrela, ela se segurou bem forte e ele saiu correndo sacudindo a tromba até que.. TUM. lançou a estrelinha lá pro céu. Acontece que o elefante estava meio fraco aquele dia. Ele não tinha almoçado, nem tomado café da manhã, nem mesmo jantado no dia anterior. Aí a estrela POFT, caiu de novo estatelada na terra.

Agora, quem se aproximou dela foram as girafas. Ao ver aquela luz, disse: Aí, que maravilha! Uma fogueira para eu me esquentar. A estrela, já desanimada, disse: Eu já falei que não sou uma fogueira. Sou uma estrela celestial. Então, contou toda a história e a girafa falou: Já sei como posso ajudar, você. Segura no meu pescoço e eu vou correr, correr muito, vou balançar o pescoço e lançar você lá pro céu. E foi exatamente isso que aconteceu. A estrela segurou no pescoço da girafa, correu, correu e..JUMP. Lançou a estrela

lá pro céu. Mas, como a girafa também não estava forte naquele dia, a tentativa não deu muito certo e a estrela veio caindo outra vez e PUM PLUFT. Os animais da floresta estavam em polvorosa com aquele clarão. Dessa vez, quem se aproximou foi o porco espinho com seus espinhos muito bem empilhados. Chegou perto e disse: Aí que maravilha! Uma fogueira pra eu me esquentar.

Nessa altura, a estrelinha estava histérica e começou a gritar: Eu não sou uma fogueira, sou uma estrela celestial. E contou tudo outra vez ao porco espinho, que acabou com uma ideia genial. Olha, já sei, você sobe em cima de mim e eu, como sou um lançador de espinhos excepcional, vou te lançar com meus espinhos de volta pro céu. Mas os espinhos não vão me machucar? Perguntou a estrelinha. Não, se você segurar com cuidado não vai acontecer nada. Ressabiada a estrelinha subiu no porco espinho. Ele começou a correr e.. JUMP. Lançou a estrelinha lá pro céu. Mas, a verdade é que os espinhos do porco espinho não vão tão longe assim, e, de novo, a estrelinha caiu.

Dessa vez, quem veio correndo em direção da estrela foi um touro, fazendo uma fumaceira. Quando chegou bem perto da estrela ele falou: Uh, que calor gostoso dessa fogueira!

A estrelinha, que nesse momento já estava desanimada, disse: Olha aqui, seu touro, eu não sou fogueira coisa nenhuma. Eu sou uma estrela celestial. Ela, então, contou toda a história. Dessa vez, resumindo, porque ela já estava cansada de repetir a mesma coisa tantas vezes. O touro ficou com pena da pobre estrelinha e queria ajudar de qualquer jeito. Você sabe, não é qualquer um que tem chifres como os meus, eles são muito úteis, eu posso vir correndo e, com uma chifrada, faço você voar de volta pro céu, lá pra sua casa. Você vai ver, agora, vai dar certo. O touro se distanciou muitíssimo, deu um impulso, saiu correndo, correndo, deu uma chifrada na estrela, lançou ela pro alto. Ela voou, voou, mas um voozinho rápido não foi pro céu coisíssima nenhuma, e de novo, PLOFT. De repente, começou a chover e a estrela falou: É só essa que me faltava, além de estar aqui, de ter caído várias vezes e, agora, começa a chover. Foi, então, que, do rio que ficava ali pertinho, onde estava a estrela, saiu um jacaré, muito grande. Ele foi chegando perto da estrelinha. Ele era enorme, e nem gostou tanto daquele calor, até fechou a boca e embolou todo. Que calor que vem dessa fogueira. Além de muito desanimada, a estrelinha já estava fraca. Ela disse: Aí por favor, já disse que não sou uma fogueira: sou uma estrela celestial. O jacaré arregalou os olhos e ouviu atentamente a história daquela infeliz estrelinha que, até àquela altura, já tinha ficado imensa com a participação de um monte de bicho. O jacaré ouviu tudo aquilo e disse: ah, mas nenhum daqueles bichos é poderoso igual eu. Eu tenho esse rabão aqui, dou uma rabada em você e você vai parar de volta, lá na sua casa.

Sem que a estrela pudesse pensar, o jacaré com muita agilidade deu uma violenta rabada na coitada, que, num susto voou, mas, voltar para casa, não. Foi parar logo adiante até que apareceu uma mosquinha normal, compridinha, uma mosquinha toda, esbaforida, que batia as asas muito rapidamente e que logo foi falando: Aí que maravilha, que cosia gostosa, que fogueira agradável.

Mais uma vez a estrelinha foi dizendo que não era uma fogueira e contou todo o resto. A mosquinha ficou consternada, com dor no coração de ouvir aquela história, ficou tão triste que até chorou. E viu que não conseguiria resolver aquele caso sozinha e chamou todas as moscas que conhecia. Elas fizeram, então, uma grande reunião moscal, ficaram todas, ali, zunindo e conversando, cada uma dava uma sugestão diferente. Até que uma teve uma ideia espetacular. E se nós todas juntas carregássemos essa estrelinha lá para o céu?

Ah! A ideia foi aplaudida. Todas concordaram, até a estrela gostou.

Elas, então, combinaram que iriam contar até três e aí a estrelinha deveria pular que as mosquinhas entrariam embaixo e um voo coletivo a levaria de volta para casa. Contaram um, dois, três. A estrela saltou, mas ela deu um pulo muito fraco e caiu de novo estatelada no chão. Então, as mosquinhas disseram: Escuta você quase nos amassou. Pule mais alto, por favor.

Um, dois, três, a estrela pulou bem alto e as mosquinhas entraram embaixo dela, devagar e com muita dificuldade foram levando a estrelinha lá para o céu. Demoraram muitas horas, saíram de dia e chegaram no céu à noite. A noite estava escura, não tinha lua naquele dia. A mãe estrela fez uma festa enorme quando viu sua filha, beijou-a e abraçou-a muito. As

duas dançaram e pularam, e a estrelinha contou as novidades, falou de todos os bichos. A mãe falou que tinha visto tudo do céu, a conversa estava tão animada que as duas estrelas não tinham notado as mosquinhas que estavam paradas desanimadas, olhando para elas, mas mãe estrela se deu conta e disse para as mosquinhas: Muito obrigada, eu estava esquecendo de agradecer a vocês. Vocês salvaram minha filha, querem tomar alguma coisa? Um chazinho celestial? Querem comer um pedacinho de bolo?

Não, obrigada. Na verdade, a gente só queria voltar pra casa, mas tá muito escuro, a gente não enxerga o caminho, explicou a mosquinha. A mãe estrela pensou um pouco em como resolver a situação. Depois disso, acho que tive uma ideia para solucionar este problema.

Faça uma filinha na minha frente. As mosquinhas rapidamente formaram a fila. Agora, virem de costas para mim. Elas foram se virando de costas para a mãe da estrelinha, que foi dando cuspidinhas no traseiro de cada uma. PA PAPA e foi jogando pedacinhos de estrelas no traseiro de cada uma. Os traseiros ficaram iluminados, deixando as mosquinhas muito felizes. Elas, então, se despediram da família estrela e voltaram iluminadas para terra.

Aí surgiram...

[24] P- Quem surgiu, aqui? Elas eram moscas e se transformaram em...

[25] C2- Vagalumes.

[26] (Atividade)

[27] P- Todo mundo olha pra cá. Olha o dedo da pro.

[28] T- O SACI É LEVADO.

[29] P- Agora, vocês vão copiar a frase embaixo.

[30] (Professora explica a atividade para o C5.)

[31] P- Pessoal, aí, na nossa atividade, já veio escrito essa frase, essa ideia sobre o saci, não é? Vocês estão vendo que, aí, embaixo tem um outro espaço. Então, nesse espaço, nós vamos escrever uma frase que nós vamos criar sobre o saci. O que a pro falou? Que a frase é uma ideia. O que nós podemos falar sobre o saci, pessoal?

[33] C1- Que o saci é levado.

[34] P- Não, já tá, aí. Precisa de uma outra coisa.

[35] C8- Que ele pega o ovo da galinha.

[36] C3- Bota prego no chão.

[37] P- Aqui, ele fala que o saci é levado. O que mais ? O que o saci tem? Como ele é?

[38] C4- Ele tem gorro vermelho.

[39] C2- Pula no pé só.

[40] P- Se eu falar assim: O saci tem uma perna só. É uma frase?

[41] T- É.

[42] P- É uma ideia. Que mais vocês falaram? O saci usa gorro. Outra ideia. O saci tem um furo na mão.

[43] C3- Ele é todo preto.

[44] C2- Ele tem cachimbo.

[45] P- O saci fuma cachimbo. Tudo isso são ideias, são frases ?

[46] T- Sim.

[47] P- E agora, nós temos que escrever uma na atividade. Vamos escolher.

[48] C8- Ele pegou o ovo da galinha.

[49] P- Mas não dá pra escrever tudo, é uma só.

[50] (Professora coloca três frases na lousa.)

[51] O saci usa gorro.

O saci fuma cachimbo.

O saci rouba os ovos da galinha.

[52] P- Nós vamos fazer uma votação, a que tiver mais pontos nós vamos escrever.

[53] P- A do gorro teve três pontinhos; a da galinha, cinco. Então, nós vamos escrever a da galinha. Pode ser?

[54] C2- Todo mundo.

[55] P- Todo mundo vai escrever a mesma frase. O saci pegou os ovos da galinha. Lá no comecinho da linha. Agora, com lápis de escrever.

[56] C2- O pro, eu vou ter que fazer do gorrinho, né?

[57] P- Não, da galinha, todo mundo.

[58] P- Ó, tô, falando, O. Então escrevo O. Agora, a gente vai dar um espaço, SACI, SA, SACI. O SACI. Ele pega ou ele rouba?

[59] C8- Rouba.

[60] P- Ele rouba né. O SACI ROUBOU, o que é o RO?

[61] C2- É o R.

[62] P- O SACI ROUBOU, outro espacinho OVOS, DA GALINHA.

[63] Y- Já ta acabando meu líquido.

[64] PE- É linha não líquido. Coloca embaixo se não couber.

[65] P- E, aí, nós formamos uma frase.

Gravação - 24/09/15.

[1] T- Palma, palma, palma, pé, pé, pé,
Roda, roda, roda, caranguejo peixe é.

Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é,
Caranguejo só é peixe na enchente da maré.

[2] P- TOC TOC quem bate pode entrar, sou o pintor sua casa vou pintar.
Na varanda, vou pintar três macaquinhos, para alegrar o coração dos menininhos,
Na cozinha, vou pintar três bananeiras, para alegrar o coração da cozinheira,
No quintal, vou pintar um cachorrão AUAUAU, pra assustar a cara feia do ladrão.

[3] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar.
Batam palmas, minha gente; batam palmas outra vez, que uma história,
Agora, eu vou contar.

[4] P- A história de hoje, o nome dela é só uma palavrinha CHAPÉU.

[5] Um dia, Hugo achou um chapéu. Eu posso ficar com ele, esse chapéu é tão legal. Um chapéu protege do sol, um chapéu protege da chuva, um chapéu é ótimo para caçar ratos e fazer mágica. Um chapéu pode ser um barco navegando ou um trenó deslizando pela neve.

[6] P- Olha o que faz a imaginação.

[7] Um chapéu pode salvar a vida do Hugo. Um chapéu pode transformar Hugo em um super astro.

[8] P- Em uma pessoa famosa né.

[9] Mas, Hugo, e se alguém precisar desse chapéu? Pergunta a mamãe.

[10] P- Nossa, tudo aquilo era imaginação.

[11] Uma dançarina no palco (professora mostra ilustração do livro).

Um caçador na África, um menino na neve, um naufrago na ilha.

[12] P- Tá imaginando quem pode precisar do chapéu?

[13] O mágico sem truques, uma avó apavorada. Uma moça encharcada, um salva vidas ao sol.

[14] P- A moça toda molhada por causa da chuva, o salva vidas precisando do chapéu para proteger do sol. Quem será que está precisando desse chapéu?

[15] C1- Todas essas pessoas aí.

[16] Hugo pensou em cada um deles e fim.

[17] P- E vocês, vão falar para a pro, como foi o fim da história, ele foi embora e ?

[18] T- Deixou o chapéu lá.

[19] (As crianças treinam as parlendas para a festa da família. Cada criança faz uma parlenda. As crianças ensaiam a música Asa Branca, também para a festa da família. Cantam e depois ouvem a música e cantam juntos com a professora.)

[20] (Calendário. A professora faz o calendário na lousa e entrega as folhas para as crianças.)

Gravação 25/09/15

[1] (Neste dia, foi uma professora substituta.)

[2] (Calendário.A professora faz o calendário na lousa e, depois, distribui as folhas para as crianças.)

[3] Atividade

[4] A atividade é a cópia do alfabeto.

[5] Primeiro, a professora faz o alfabeto oralmente com as crianças. Depois, entrega as folhas da atividade para eles fazerem.

Gravação – 29/09/15

[1] (A professora faz brincadeira de roda com as crianças.)

[2] P- Ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a volta e meia, volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste era vidro se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. Por isso, senhor C6, faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vai se embora.

Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava eu mandava ladrilhar com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, só pro meu amor passar.

Nesta rua, nesta rua, tem um bosque que se chama, que se chama solidão, dentro dele, dentro dele mora um anjo que roubou, que roubou meu coração.

Se eu roubei, se eu roubei seu coração, tu roubaste, tu roubaste o meu também, se eu roubei, se eu roubei seu coração é porque é porque te quero bem.

[3] P- Qual outra que a gente pode cantar?

[4] C8- Borboletinha.

Borboletinha tá na cozinha fazendo chocolate para a madrinhapoti, poti, perna de pau, olho de vidro e nariz de pica pau, pau, pau.

[5] C4- Aquela lá do caçador.

[6] C6- Do gato.

[7] P- Então, vamos sentar. A gente brinca de gato mia. C6, vem cá (tapa os olhos dele).

[8] P- Senhor caçador preste muita atenção, quando o gato miar você tem que acertar.

[9] P- Mia gata (aponta para C7).

[10] C7- MIAU.

[11] C6- É a C3.

[12] P- É a C3?

[13] T- Não.

[14] P- Mia, gata.

[15] C7- MIAU.

[16] C6- C4.

[17] T- Não.

[18] P- Mia, gata

[19] C7- MIAU

[20] C6- C7.

[21] P- É a C7?

[22] T- Sim.

[23] (Faz a brincadeira até passar por todas as crianças.)

[24] P- Mãozinha de anjinho.

[25] P-Bom dia, papai do céu, a aula já vai começar.

[26] T- Três palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus é amor, três palavrinhas só. Panpanrampampam.

[27] P- Bom dia, para todos.

[28] T- Bom dia.

[29] P- Que seja um ótimo dia, sem brigas, sem violência, com muita paz e amor no coração. Amém.

[30] P- Vamos lá com a pro.

[31] P- Era uma vez, vai começar, a linda história que, agora, eu vou contar.

Batam palmas minha gente, batam palmas outra vez, que uma história

Agora eu vou contar.

[32] P- E a nossa história chama-se Tem de tudo nesta rua.

[33] P- Parece que os bonequinhos são todos feitos de massinha.

[34] C1- De madeira.

[35] P- Acho que é massinha.

Tem de tudo nesta rua. Tem pipoqueiro PLIC PLOC, PLIC PLOC. Tá quentinha a pipoqueira, pula um grãozinho no ar, vira flor branca e gostosa, cada pacote é um buquê sabor doce ou salgadinho.

Tem comprador de papel velho TILIM TILIMTILIM, tocando o sininho por toda a cidade, roda, roda a carrocinha comprando notícias velhas, coisas vistas e revistas, caixas vazias, de todas as formas, redondas, quadradas, compridas que já embalaram brinquedos, sapatos, bombons e camisas.

Tem camelô, bolsas, rádios, joias falsas, brinquedos, lenços, sandálias, com uma banca e um banco essa loja tão sortida mostra tanta coisa linda sem nem mesmo ter vitrine, não tem teto nem parede. Os fregueses da lojinha entram e saem por todo lado. Todo mundo é atendido, todo mundo é bem tratado. Um relógio pra madame, um cinto pro cavaleiro, um carrinho pro garoto; pro moço, ali, um chaveiro. Tem vendedor de algodão doce FOM FOM, FOM FOM. Essa buzina traz um som doce e muito leve, flocos de nuvem espetado no palito. O moço que vende deve ser um anjo. Tem lambe-lambe, alisa o topete, estufa o peito, ajeita o colarinho, vira um pouquinho. Assim muito bem. Não se mexa, não pisque. Pense numa coisa boa e sorri CLIC. Tem vendedor de balões, bolas coloridas presas por uma linha, loucas para se soltar, passar de mão em mão, é uma aventura excitante. Se, por acaso, uma escapa, um minuto está no céu, que já deve estar lotado de tantas que fugiram. Nesta rua tem de tudo?

[36] (Calendário.)

[37] P- Hoje é

[38] A- Terça-feira.

[39] P- Isso! TER. Ontem foi dia 28. Então, hoje, é dia 29. O 2 e o 9. Tem sol, gente?

[40] T- Tem.

[41] (Professora entrega o calendário para as crianças.)

[42] P- Hoje, é dia 29/9/15. (E entrega a folha da atividade para as crianças.)

[43] P- Pode pôr nome e data aqui, em cima (mostra na folha).

[44] P- Pronto, moçada. Nome e data. Já fizeram? C2, lê para mim o que está escrito na folha da atividade.

[45] P- Então, vamos lá. Olha só. Ontem, nós escrevemos os livrinhos preferidos do Léo. Quem lembra quais eram?

[46] C2- A raposa e as uvas.

[47] P- A raposa e as uvas.

[48] C2- O rato da cidade e o rato do campo.

[49] C1- O gato de botas.

[50] C2- O rato da cidade e o rato do campo.

[51] P- Isso! Ótimo. Agora, nós vamos completar, aí, na nossa atividade. Olha, a atividade, pessoal. Nós vamos escrever o nome; ajudar a completar o nome dos livros. Dá uma olhadinha. Coloca o dedinho, aí, no O.

[52] P- O, que desenho é esse?

[53] T- Gato.

[54] P- Então, na frente do gato, não tem uma linha? Então, nós vamos escrever o nome dos desenhos para completar o título do livro. Coloca o dedinho na letrinha O, aí tem o desenho do gato, e depois, uma linha que vamos escrever. Vamos pensar como que eu escrevo essa palavra GATO.

[55] C5- o G.

[56] P- G e depois pra esse G virar GA?

[57] C6- H.

[58] P- É o A. C6, quando a gente fala GA dá impressão que é o H, mas é o GA.

[59] C6- GA.

- [60] P- GATO. E, agora? O que é esse TO, C7?
- [61] C7- T.
- [62] P- E o quê mais?
- [63] C7- O.
- [64] P- Olha só, formamos nossa palavrinha. Vamos ler com a pro. GATO. E aí tem o DE na frente do gato, e que desenho é esse?
- [65] C1- Uma bota.
- [66] P- Na frente da bota, agora. C9, vamos escrever BOTAS. O que é o BO?
- [67] C9- O.
- [68] P- tem o O, mas o quê precisa ? Não é OTA, o que forma BO? Gente, na frente da bota, o que é o BO ?
- [69] C6- O B.
- [70] P- Isso, BOTAS! Vamos pôr o B, que o C6 falou. Pode pôr o O que a Julia falou e formou BO, BOTA, TA.
- [71] C4- É o T e o A.
- [72] P- T e A, muito bom! Se o que a gente quer é BOTAS?
- [73] C8- É o S.
- [74] P- Éo S para finalizar. Agora, o nome do nosso livro tá perfeito. Vamos ler o nome do livro. Coloca o dedinho lá, no O, no começo.
- [75] T- O gato de botas.
- [76] P- Vamos para o próximo. Coloca o dedinho no A. Vixi! Que animal é esse?
- [77] C8- A raposa.
- [78] P- Então, na frente da raposa tem a linha. Vamos escrever RAPOSA, C3 o que é RA? Que letrinha você escuta quando fala RA?
- [79] C3-o R.
- [80] P- E o que mais? RA.
- [81] C3- O A.
- [82] P- O RA, RAPO.
- [83] C4-o O.
- [84] P- Tem o O. C1, o que é PO?
- [85] C1- P.
- [86] P- E o quê?
- [87] C1- P e O.
- [88] P- RAPOSA. O que é SA?
- [89] C4-Z e o A.
- [90] P- Só que essa daqui é uma letrinha danadinha, especial. No lugar do Z, apesar do som, usamos o S. O S e o A.
- [91] P- A RAPOSA, continua lendo.
- [92] T- A RAPOSA E AS UVAS.
- [93] C4- É o U.
- [94] P- Isso, U. C8, o que é VA? C9, o que é VA? VA de VACA.
- [95] C9- O A.
- [96] P- Tem o A, mas só que, antes do A, precisa de outra letrinha para formar VA.
- [97] C6- o V.
- [98] P- O U, que a C4 falou, o V que o C6 falou; e o A, que a C9 falou. Só que é UVAS, o S no final. Vamos ler o nome do nosso livro. Coloca o dedinho no A.
- [99] T- A raposa e as uvas.
- [100] P- Agora, vamos para o último nome.
- [101] (Yasmim faz a atividade sozinha, pergunto qual o desenho ela fala e, depois, escreve. Eu também repito a palavra para que ela possa escrever.)
- [102] C2- Eu já fiz.
- [103] P- Vocês sabem escrever RATO?A C2 vai vim aqui escrever RATO pra pro. Como você escreveu rato?
- [104] (C2 escreve RATO na lousa.)
- [105] P- Na última O aí, O é o desenho de quem? Do rato, né? Então, vamos escrever.

[106] C6- R.

[107] P- R,A,T,O. O RATO da CIDADE. Olha o próximo espaço, CIDADE.

[108] C6- C.

[109] P – O C. Pro C virar CI, o I, CIDA.

[110] C4- É o A.

[111] P- É o D e o A.

[112] P- CIDADE, o que vem depois?

[113] C4- O D.

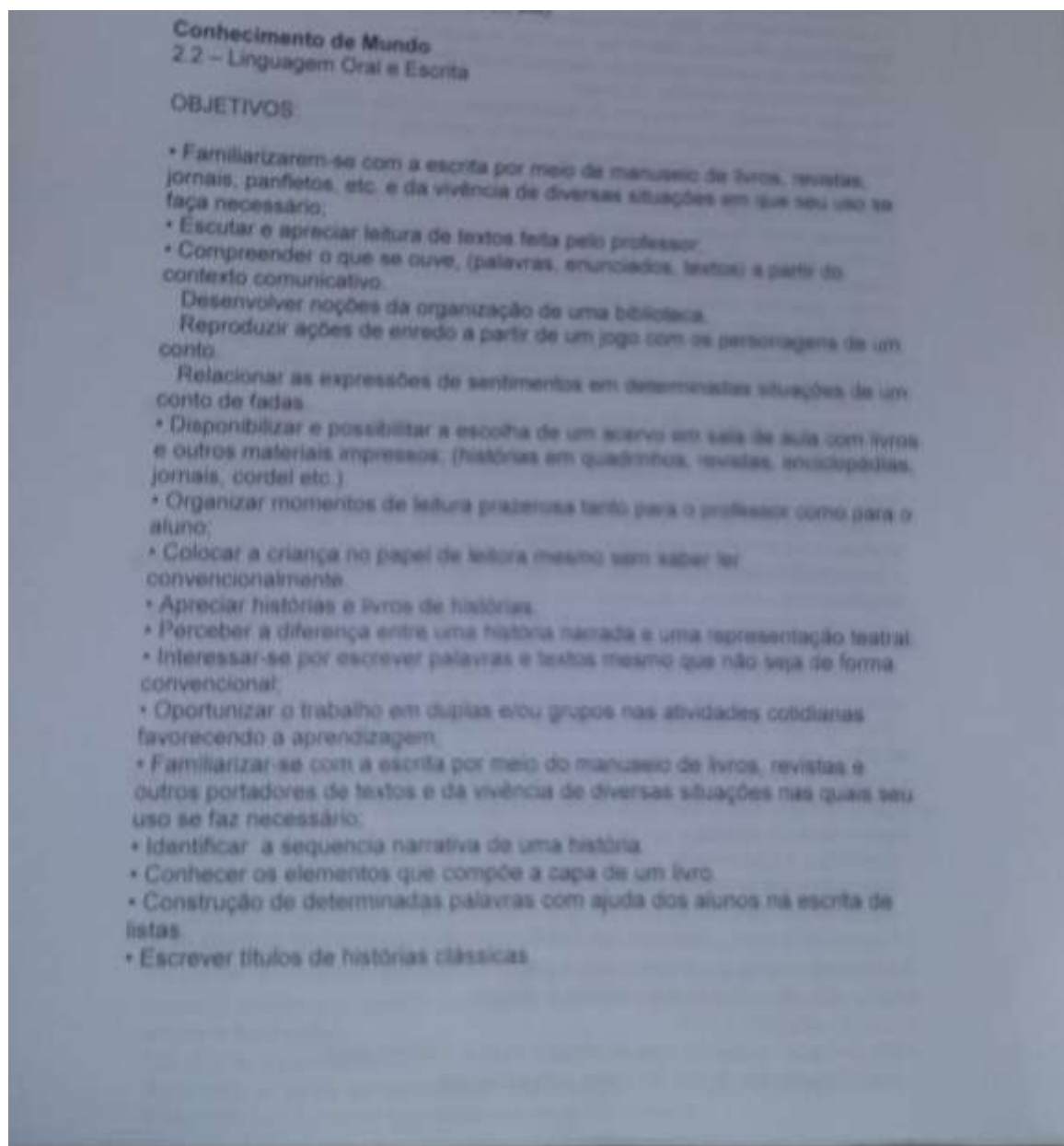
[114] P- Isso! O D e pra terminar o E. Agora, vamos ler o nome do último livrinho pra vocês pintarem aí. Pessoal, vamos ler, o dedinho no O.

[115] T- O rato da cidade e o rato do campo.

[116] P- Ótimo, agora, vocês vão pintar.

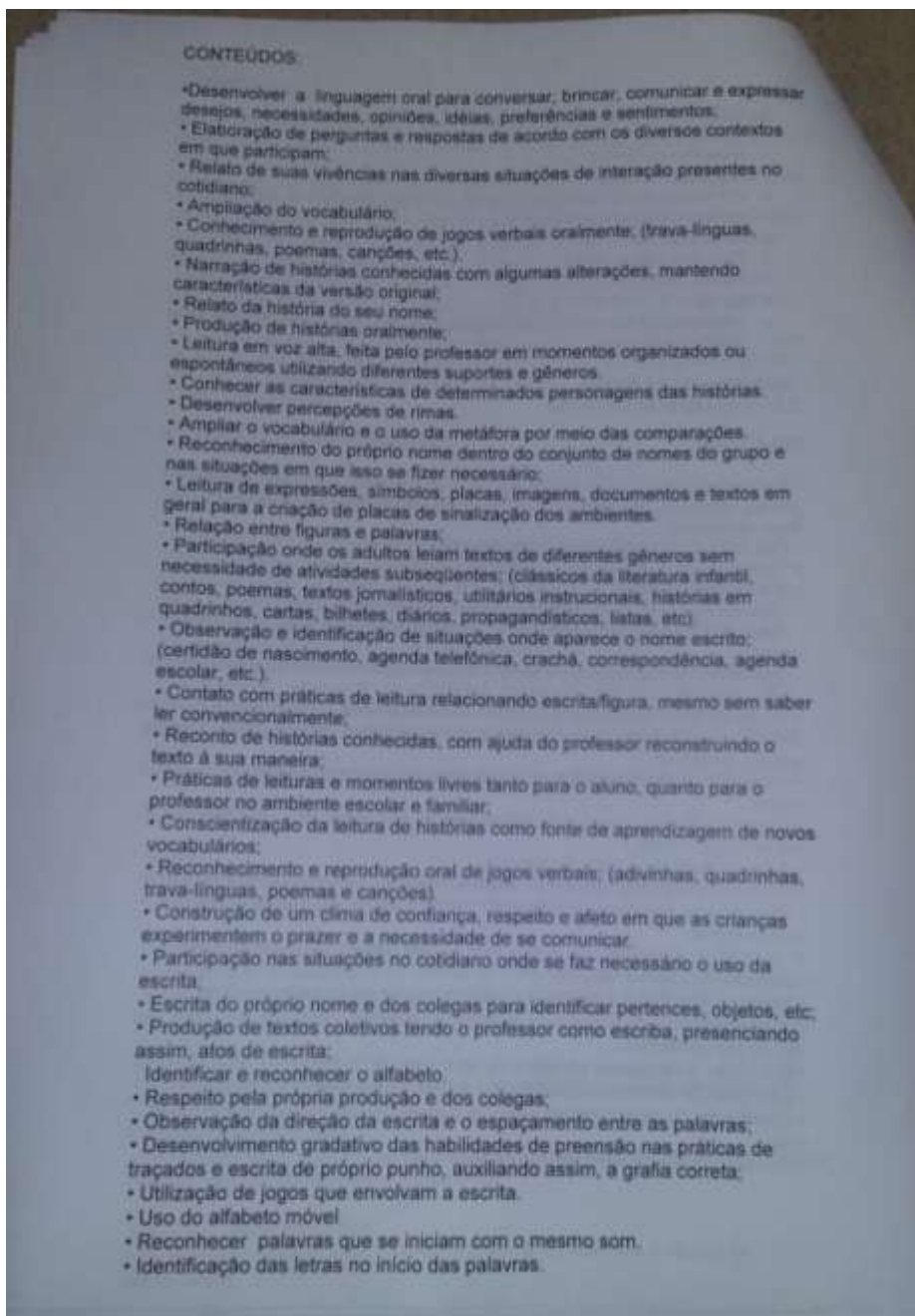
ANEXO 1

Figura 4- Recorte do Plano de Ensino .



Fonte : arquivo da escola pesquisada.

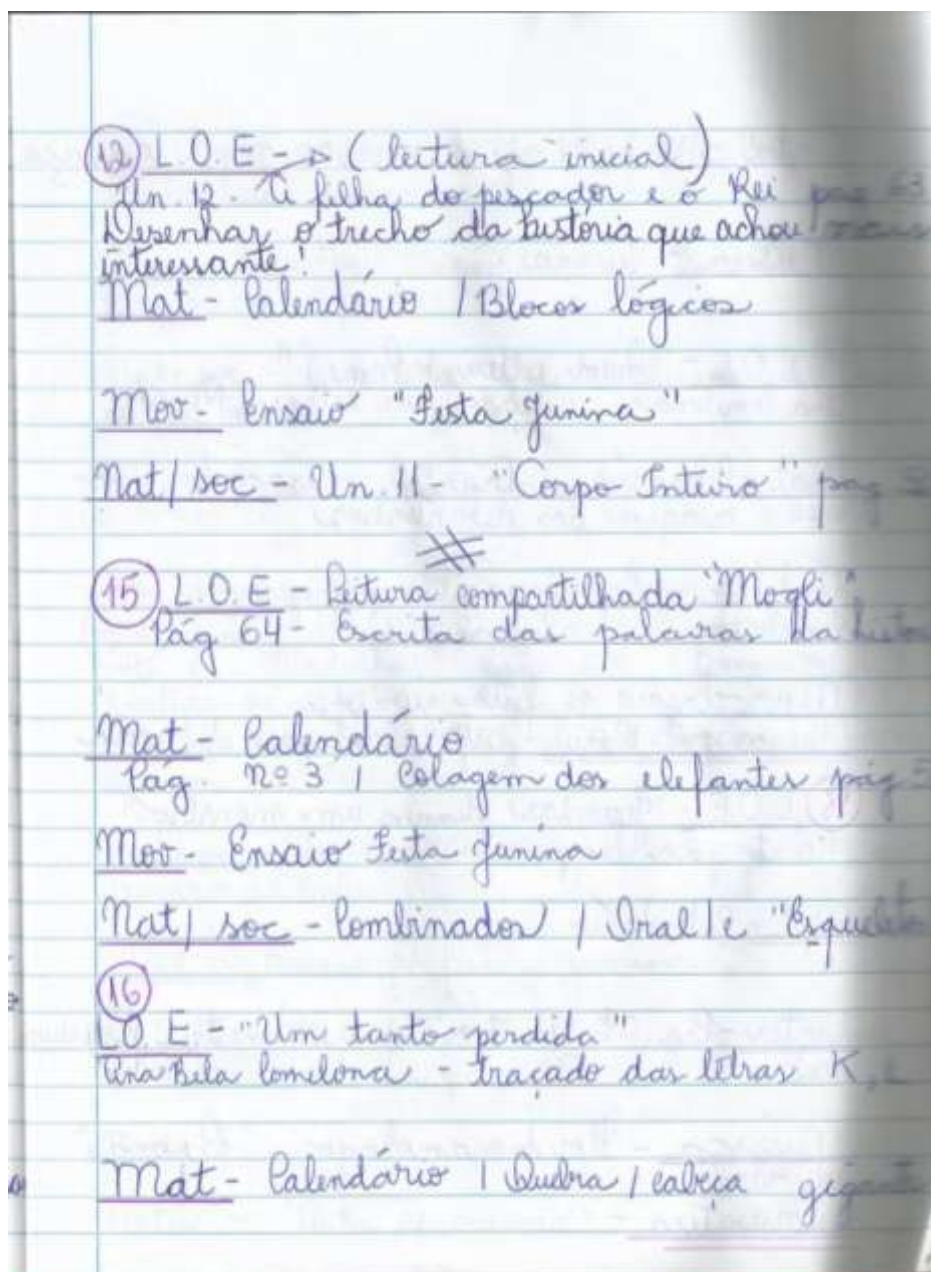
Figura 5 – recorte do plano de ensino.



Fonte: arquivo da escola pesquisada.

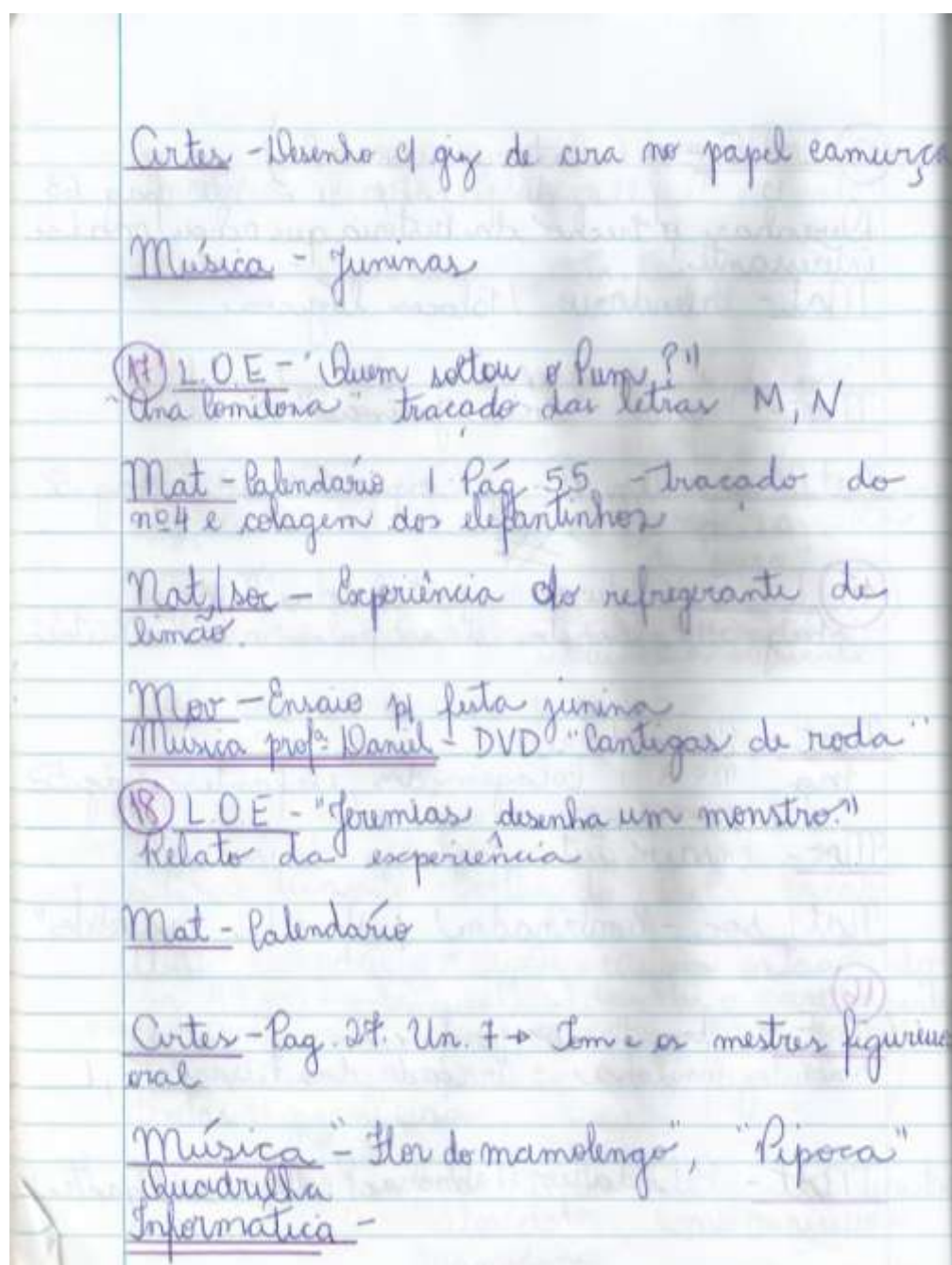
ANEXO 2

Figura 6 – recorte do plano de aula



Fonte: arquivo da escola pesquisada

Figura 7 – recorte do plano de aula



Fonte: arquivo da escola pesquisada.